

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA

**ATITUDE DOS RESIDENTES FACE AO DESENVOLVIMENTO DO
TURISMO EM CABO VERDE**

**Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre em
Gestão e Desenvolvimento em Turismo**

MANUEL ALECTOR DOS SANTOS RIBEIRO

FARO
2009

MANUEL ALECTOR DOS SANTOS RIBEIRO

FACULDADE DE ECONOMIA

Orientadores:

Professor Doutor JOÃO ALBINO MATOS DA SILVA

Professora Doutora PATRÍCIA SUSANA LOPES GUERRILHA DOS SANTOS
PINTO OOM DO VALLE

12 de Outubro de 2009

**ATITUDE DOS RESIDENTES FACE AO DESENVOLVIMENTO DO
TURISMO EM CABO VERDE**

O Júri:

Presidente: Doutor **João Albino Matos da Silva**, Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (Orientador).

Vogais: Doutora **Ana Isabel Damião Serpa Arruda Moniz**, Professora Auxiliar da Universidade dos Açores;

Doutora **Patrícia Susana Lopes Guerrilha dos Santos Pinto Oom do Vale**, Professora Auxiliar da Universidade do Algarve (Co-orientadora);

Doutora **Maria de Fátima Madeira Laginha Louro**, Professora Auxiliar da Universidade do Algarve.

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Artur e à minha mãe Maria Antónia por me terem ensinado a encarar a vida com generosidade e humildade.

À memória da saudosa tia Maria Nela.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	iii
ÍNDICE GERAL	iv
ÍNDICE DE FIGURAS	vii
ÍNDICE DE TABELAS	viii
LISTAS DE ABREVIATURAS	xi
AGRADECIMENTOS	xii
RESUMO	xiv
ABSTRACT	xv
Capítulo 1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Tema	1
1.2. Razões da escolha do tema	5
1.3. Objectivos gerais	6
1.4. Objectivos específicos	8
1.5. Questões de investigação	8
1.6. Estrutura da dissertação	9
Capítulo 2. CARACTERIZAÇÃO DO DESTINO TURÍSTICO CABO VERDE	11
2.1. Introdução	11
2.2. História	11
2.3. Geografia	13
2.4. Aspectos demográficos e emigração	16
2.5. Clima e aspectos meteorológicos	17
2.6. Aspectos da economia cabo-verdiana	19
2.7. O turismo em Cabo Verde	22
2.7.1. Aspectos gerais	22
2.7.2. A oferta turística em Cabo Verde	25
2.7.3. A procura turística em Cabo Verde	33
2.8. Síntese	40
Capítulo 3. OS IMPACTES SOCIOCULTURAIS DO TURISMO E AS ATITUDES DOS RESIDENTES	41
3.1. Introdução	41
3.2. Impactes socioculturais do turismo	42

3.3.	Conceitos de percepção e atitude.....	52
3.4.	Atitude dos residentes face ao turismo.....	55
3.5.	Medição de atitudes face ao desenvolvimento do turismo.....	69
3.6.	Síntese.....	70
Capítulo 4. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO.....		72
4.1.	Introdução.....	72
4.2.	Processos de investigação em turismo.....	72
4.2.1.	Objectivos e condicionalismos.....	72
4.2.3.	O inquérito por questionário.....	75
4.3.	Desenho, estrutura e conteúdo do Questionário à População Residente em Cabo Verde.....	78
4.4.	Universo do estudo e amostra.....	82
4.5.	Administração do inquérito por questionário.....	84
4.5.1.	Pré-teste.....	84
4.5.2.	Recolha de dados.....	84
4.6.	Técnicas estatísticas utilizadas.....	85
4.6.1.	Indicadores descritivos.....	85
4.6.2.	Testes de hipóteses não paramétricos.....	86
4.6.3.	Análise Categórica de Componentes Principais.....	86
4.6.4.	Análise de fiabilidade – coeficiente <i>alfa</i> de Cronbach.....	87
4.6.5.	Análise de Correspondências Múltiplas.....	88
4.6.6.	Análise de <i>clusters</i>	90
4.6.7.	Descrição dos clusters.....	94
4.7.	Síntese.....	94
Capítulo 5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....		95
5.1.	Introdução.....	95
5.2.	Caracterização sociodemográfica dos residentes inquiridos.....	95
5.3.	Grau de envolvimento no sector do turismo.....	100
5.4.	O desenvolvimento de Cabo Verde: actividades económicas e áreas prioritárias a serem desenvolvidas.....	102
5.5.	Percepção e expectativa dos residentes face ao turismo em Cabo Verde.....	104
5.5.1.	Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde.....	104
5.5.2.	Expectativa sobre a importância da actividade turística nos próximos anos.....	110
5.6.	Atitudes dos residentes em relação aos impactes do turismo em Cabo Verde.....	113
5.6.1.	Análise preliminar.....	114

5.6.2. Análise Categórica de Componentes Principais.....	119
5.6.3. Análise de Correspondências Múltiplas	122
5.6.4. Análise de <i>Clusters</i>	126
5.7. Síntese.....	137
Capítulo 6. CONCLUSÃO	138
6.1. Síntese.....	138
6.2. Conclusões da investigação empírica.....	139
6.3. Limitações e pistas para investigação futura	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
ANEXO 1. Questionário à população residente em Cabo Verde.....	159
APÊNDICE A. Amostra inicial por quotas.....	166

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1 – Localização de Cabo Verde na África Ocidental.....	14
Figura 2.2 – Mapa do arquipélago de Cabo Verde.....	15
Figura 2.3 – Receitas de turismo e remessas de emigrantes.....	21
Figura 2.4 – Hóspedes entrados nos estabelecimentos hoteleiros, por ilha, em 2007....	34
Figura 2.5 – Hóspedes entrados, por país, em 2007.....	35
Figura 2.6 – Número de dormidas nas unidades de alojamento entre 2006 e 2007.....	36
Figura 2.8 – Entrada mensal dos hóspedes nos estabelecimentos entre 2006 e 2007....	38
Figura 3.1 – Modelo e análise do impacte social do turismo.....	52
Figura 4.1 – Etapas na investigação por questionário.....	76
Figura 4.2 – Número de residentes inquiridos por concelho de residência.....	83
Figura 4.3 – Etapas da análise de <i>clusters</i>	91
Figura 5.1 – Número de residentes inquiridos, por estado civil.....	96
Figura 5.2 – Número de residentes inquiridos, por regime de habitação.....	97
Figura 5.3 – Número de residentes inquiridos, por dimensão do agregado familiar.....	98
Figura 5.4 – Número de residentes inquiridos, por nível de escolaridade.....	98
Figura 5.5 – Número de residentes inquiridos por situação profissional.....	99
Figura 5.6 – Motivos da viagem para fora da ilha onde reside.....	99
Figura 5.7 – Mapa perceptual gerado pela ACM.....	125
Figura 5.8 – Diagrama conjunto de categorias de pontos e centróide dos <i>clusters</i>	127
Figura 5.9 – Número de residentes <i>Optimistas</i> , por percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde.....	130
Figura 5.10 – Número de residentes <i>Racionais</i> , por percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde.....	131
Figura 5.11 – Número de residentes <i>Indiferentes</i> por percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde.....	131
Figura 5.12 – Número de residentes <i>Optimistas</i> , por importância que a actividade turística vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos.....	132
Figura 5.13 – Número de residentes <i>Racionais</i> , por importância que a actividade turística vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos.....	132
Figura 5.14 – Número de residentes <i>Indiferentes</i> , por importância que a actividade turística vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos.....	133

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1 – Pontos extremos do arquipélago	13
Tabela 2.2 – Dimensões comparativas das ilhas	14
Tabela 2.3 – Produto Interno Bruto; óptica da oferta	20
Tabela 2.4 – Evolução dos principais indicadores do turismo	20
Tabela 2.5 – Investimento directo estrangeiro em Cabo Verde – principais sectores e ilhas de destino	22
Tabela 2.6 – Evolução do número de estabelecimentos, capacidade e pessoal ao serviço	26
Tabela 2.7 – Estabelecimentos de alojamento por tipologia e por ilhas em 2007.....	27
Tabela 2.8 – Camas disponíveis por ilha (1999-2007).....	28
Tabela 2.9 – Pessoal ao serviço nos estabelecimentos hoteleiros por ilha, em 2007	32
Tabela 2.10 – Hóspedes entrados em Cabo Verde (1998 a 2007).....	34
Tabela 2.11 – Hóspedes residentes entrados nos estabelecimentos hoteleiros, segundo a ilha, entre	37
Tabela 3.1 – Frequências de tipos de turistas e a sua adaptabilidade às normas locais..	44
Tabela 3.2 – Literatura sobre atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo	63
Tabela 4.1 – Avaliação do Coeficiente alfa de Cronbach....	88
Tabela 5.1 – Número de residentes inquiridos, por sexo e grupos etários.....	96
Tabela 5.2 – Número de residentes inquiridos, por tempo de residência no concelho ..	97
Tabela 5.3 – Residentes que ganham a sua vida no turismo	100
Tabela 5.4 – Residentes que ganham a sua vida no turismo, por sexo.....	100
Tabela 5.5 – Residentes que ganham a sua vida no turismo, por categoria profissional	100
Tabela 5.6 – Residentes que ganham a sua vida no turismo, por categoria profissional e por sexo.....	101
Tabela 5.7 – Residentes que têm algum contacto directo com turistas como parte do seu trabalho, por sexo	101
Tabela 5.8 – Residentes que têm o turismo como principal fonte de rendimento do seu agregado familiar.....	101

Tabela 5.9 – Residentes que têm algum familiar próximo com o turismo como fonte de rendimento ou emprego	102
Tabela 5.10 – Actividades económicas com maior potencial de crescimento em Cabo Verde	102
Tabela 5.11 – Áreas prioritárias a serem desenvolvidas em Cabo Verde	103
Tabela 5.12 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde.....	104
Tabela 5.13 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por sexo	105
Tabela 5.14 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por trabalho no estrangeiro	106
Tabela 5.15 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por concelho de residência.....	106
Tabela 5.16 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por nível de escolaridade	107
Tabela 5.17 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por ganhar a vida no turismo	108
Tabela 5.18 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por categoria profissional.....	108
Tabela 5.19 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde por categoria profissional.....	109
Tabela 5.20 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por fonte de rendimento.....	109
Tabela 5.21 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde em relação ao turismo como principal fonte de rendimento de familiar.....	110
Tabela 5.22 – Expectativa sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde no futuro	111
Tabela 5.23 – Expectativa sobre a importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos, por “ganhar a vida no turismo”..	112
Tabela 5.24 – Expectativa sobre a importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos, consoante o “contacto directo com turistas”.....	112
Tabela 5.25 – Expectativa sobre a importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos em relação ao “turismo como principal fonte de rendimento”	113

Tabela 5.26 – Expectativa sobre importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos, em relação a “familiar próximo envolvido profissionalmente no turismo”	113
Tabela 5.27 – Benefícios do turismo	116
Tabela 5.28 – Custos do turismo	117
Tabela 5.29 – Variáveis de atitude e <i>loadings</i> obtidos através da CATPCA	120
Tabela 5.30 – Sumário do modelo	124
Tabela 5.31 – Centróides e número de residentes em cada <i>cluster</i>	126
Tabela 5.32 – Distribuição das variáveis usadas pela ACM nos três <i>clusters</i>	128
Tabela 5.33 – Caracterização sociodemográfica dos clusters de residentes.....	133
Tabela 5.34 – Frequência de distribuição do grau de envolvimento profissional no turismo por cluster	136

LISTAS DE ABREVIATURAS

ACM	Análise de Correspondências Múltiplas
ADP	Ajuda Pública ao Desenvolvimento
BCV	Banco de Cabo Verde
CATPCA	Categorical Principal Components Analysis
CIT	Convergência Intertropical
CVE	Escudo Cabo-verdiano
DGDT	Direcção Geral do Desenvolvimento Turístico
INE	Instituto Nacional de Estatística
MIRAB	Migration, Remittance, Aid and Bureaucracy
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PEDT	Plano Estratégico para Desenvolvimento do Turismo
PEI	Pequenos Estados Insulares
PIB	Produto Interno Bruto
PMA	País Menos Avançado
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRM	País de Rendimento Médio
TOURAB	Tourism, Aid and Bureaucracy
WTO	World Tourism Organization
ZEE	Zona Económica Exclusiva

AGRADECIMENTOS

Pretendo, em primeiro lugar, agradecer com toda a justiça os meus orientadores. Ao Professor Doutor João Albino Matos da Silva, pela proposta do tema desta dissertação e pela orientação científica, a crítica construtiva, o incentivo e apoio constante no desenvolvimento deste trabalho. Foi para mim uma honra contar com a sua superior orientação.

Desejo também agradecer de forma não menos especial à minha orientadora, Professora Doutora Patrícia Oom do Valle, pelo encorajamento constante, acompanhamento permanente, interesse e apoio técnico dispensado na componente empírica desta investigação. Os seus ensinamentos e grande experiência na área de Métodos Quantitativos foram imprescindíveis para a prossecução deste desiderato. A minha gratidão é imensa e para sempre.

Quero deixar aqui uma palavra de agradecimento e reconhecimento aos meus Professores do Mestrado pelos ensinamentos e incentivos demonstrados na parte curricular. Às colegas Maria da Graça Nascimento e Sónia Juiz pelo companheirismo, apoio constante e pela troca de experiências, principalmente na parte curricular do mestrado.

Ainda quero expressar uma palavra de gratidão aos meus ex-Professores Rui Guilherme, Ana Abranches, Helena Menezes e João Serra Machado pelo encorajamento constante durante todo este percurso escolar.

Agradeço de forma muito especial e calorosa Antero Garcia Veiga, pelo seu incansável apoio, incentivo e amizade. Um outro abraço especial para Nuias Silva pelo apoio constante.

Aos cabo-verdianos que, em nome da ciência, despenderam o seu tempo para responder sempre com *morabeza* o questionário. Ainda um abraço ao meu amigo Mário Cardoso pela sua preciosa ajuda na aplicação dos inquéritos no Concelho da Praia.

À Laura e à Margret o meu muito obrigado pela amizade e incentivo. À Elisabete Silva (Betina) e Miguel Medeiros, meus companheiros, obrigado por me terem aturado durante os três anos, nos quais, coabitamos a mesma casa.

Ainda quero deixar aqui expressa um forte e caloroso abraço aos meus amigos que sempre me apoiaram nesta minha longa caminhada escolar até aqui. Um muito obrigado a todos.

À minha mãe Antónia e ao meu pai Artur, pela vida, educação, exemplo e incentivo, pela força, amor e carinho. São responsáveis por tudo aquilo que sou hoje. Amo-vos. Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos pelo apoio e força que sempre me transmitiram. Uma palavra de gratidão a toda a minha família que nunca deixaram de me apoiar.

À Montse, pelo carinho, pelo amor, pela força e pela capacidade de superar a distância. Pelo apoio incondicional principalmente nos momentos mais difíceis. *Te quiero mucho.*

Por último, gostaria de agradecer a todos os que compreenderam a minha ausência ou até tropeços neste período de intenso trabalho e ansiedade e, também, agradecer aos que não compreenderam, por que este contraste fez-me superar obstáculos e crescer como ser humano. Aprendi a admirar àqueles primeiros e a compreender os seguintes.

RESUMO

O estudo da atitude dos residentes face ao turismo é fundamental para o desenvolvimento sustentável da actividade turística de um país, na medida em que fornece informações importantes na definição das linhas de orientação para o planeamento e gestão desta actividade. Apesar deste tema estar bem documentado na literatura turística, existe uma carência de estudos no contexto das pequenas ilhas e destinos turísticos emergentes, como é o caso de Cabo Verde.

O presente estudo foi desenvolvido com o objectivo geral de analisar a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo no país. Foi feita ainda uma caracterização do destino turístico Cabo Verde e analisada a percepção dos residentes locais face ao desenvolvimento do turismo na actualidade e a expectativa para o futuro. O estudo recaiu sobre uma amostra de 500 indivíduos, residentes em cinco concelhos que representam os núcleos de atracção turística mais importantes do país: Tarrafal, Praia, São Vicente, Sal e São Filipe.

Assim, com base na informação recolhida da amostra e tendo em atenção a natureza ordinal das variáveis em análise, a dissertação usa testes não paramétricos e combina um conjunto de técnicas estatísticas multivariadas aplicáveis a variáveis deste tipo, para avaliar um conjunto de sete questões de investigação levantadas neste estudo.

Os indicadores estatísticos analisados apontam que os residentes têm uma percepção positiva sobre a situação actual do turismo no país e manifestam uma grande expectativa face ao seu desenvolvimento. O turismo é apontado como uma das áreas com maior potencial de crescimento do país. A análise efectuada permite concluir que, em termos gerais, os residentes evidenciam uma atitude positiva face ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde. Concomitantemente, foram identificados três grupos de residentes com base na sua atitude face aos impactes do turismo no país: os “residentes Optimistas” (55,6%), os “residentes Racionais” (17,6%) e os “residentes Indiferentes” (26,8%).

Palavras-chave: Cabo Verde, turismo, atitude dos residentes, percepção, expectativa, técnicas estatísticas multivariadas.

ABSTRACT

The study of residents' attitude towards tourism is essential for the sustainable tourism development in a country in the way that it provides important information in defining guidelines for the planning and management of this activity. Although this topic is well documented in the touristic literature, there is a lack of studies in the context of small islands and emergent touristic destinations, such as Cape Verde.

The present study was developed with the general objective of analyzing the residents' attitude towards tourism development in the country. There was also made a characterization of the Cape Verde touristic destination and analyzed the perception of local residents towards the touristic development at present and its expectation in the future. The study fell on a sample of 500 individuals living in five municipalities that represent the more important cores of the touristic attraction of the country: Tarrafal, Praia, São Vicente, Sal and São Filipe. A survey instrument questionnaire was used to collect data in face to face interviews.

So, based on the information collected from the sample and taking into account the ordinal nature of the analyzed variables, the dissertation uses non-parametric tests and combines a set of multivariate statistical techniques applicable to this type of variables, to evaluate a set of seven research questions developed in this study.

The analyzed statistical indicators point that the residents have a positive perception about the current situation of tourism in the country and express a great expectation towards its development. Tourism is appointed as one of the areas with a greatest potential growth of the country. The carried out analyses allows to conclude that, in general, the residents show a positive attitude towards tourism development in Cape Verde. Concomitantly, three groups of residents had been identified based on their attitude towards the tourism impacts in the country: Optimistic residents (55,6%), Rational residents (17,6%) and Indifferent residents (26,8%).

Key words: Cape Verde, tourism, resident's attitudes, perception, expectation, multivariate statistics techniques.

Capítulo 1. INTRODUÇÃO

1.1. Tema

O impacto que o desenvolvimento do turismo exerce sobre as populações residentes, tem vindo a chamar cada vez mais a atenção no âmbito da discussão sobre a problemática da sustentabilidade do turismo. No centro deste conceito de sustentabilidade está o reconhecimento de que o turismo exerce impactos positivos e negativos sobre as comunidades locais e que, por este motivo, a gestão e planeamento deste sector exige o conhecimento do modo como o desenvolvimento do turismo se processa ao nível nacional, regional e local e como as comunidades locais se adaptam a este desenvolvimento.

Quando se considera o turismo como uma “experiência de destinos”, necessariamente se deve contar entre os *stakeholders* desse produto os residentes locais, a par dos restantes intervenientes do turismo. O desenvolvimento do turismo não se resume a uma compatibilização entre a oferta de produtos turísticos e a procura turística; dado que o turismo envolve um conjunto de interações entre turistas e residentes e a aceitação da comunidade local deve ser um elemento fundamental (Andereck e Vogt, 2000).

O tipo de resposta dos residentes aos impactos do turismo é um factor importante a ter em conta em termos de planeamento, pois dele depende o sucesso do desenvolvimento, presente e futuro, do turismo. Por isso, Simmons e Fairweather (1998) advogam que o estudo das necessidades e expectativas dos residentes deve ser um ponto de partida importante em qualquer plano turístico.

O turismo é habitualmente referenciado como capaz de gerar emprego e rendimento para as comunidades locais e é igualmente considerado um meio eficaz para a preservação do património cultural e ambiental, criação de infra-estruturas, comunicação cultural e estabilidade política (Andriotis, 2002, 2003a; Ioannides, 1995; Squire, 1996). Devido a estes efeitos positivos, muitas comunidades consideram o turismo como uma actividade globalmente promissora, capaz de reduzir problemas de subdesenvolvimento, modernizar a base económica e de fixação da sua população (Andriotis, 2003b; Andriotis e Vaughan, 2004).

Contudo, o desenvolvimento turístico, principalmente quando se trata de Pequenos Estados Insulares (PEI) e ilhas como é o caso de Cabo Verde, não poderá deixar de considerar estes territórios, que padecem de diversas vulnerabilidades e fragilidades específicas.

Apesar de estas mesmas vulnerabilidades e de alguns *handicaps* estruturais, as ilhas foram desempenhando diversas funções ao longo dos séculos sob os pontos de vista económico, social ou humano: refúgio e esconderijo de piratas e corsários; fornecedoras de produtos em regime de monocultura (trigo da Sicília, bananas das Canárias, tabaco de Cuba, rum das Antilhas, café e cacau de São Tomé, arroz e chá do Sri-Lanka, cana de açúcar de Barbados); fontes de recursos minerais (bauxite da Jamaica, ouro das Fidji, carvão de Taiwan, cobre do Chipre, águas quentes dos *geysers* da Islândia); pontos de escala (Açores, nos primeiros voos transatlânticos), zonas francas (Singapura, Porto Rico) e observatórios ou locais de experiências científicas (Bikini, atol de Mururoa); prisões (Santa Helena, Tarrafal, em Cabo Verde) e ermitérios (Patmos, na Grécia); pontos geoestratégicos importantes do ponto de vista militar e político (Maldivas, Açores e Guam).

Para além de todas estas funções, algumas das quais ainda importantes na actualidade, as ilhas descobriram no Século XX uma outra função: a de serem pontos de atracção turística. O encanto das ilhas – estejam elas no Mediterrâneo, no Atlântico ou no Pacífico – faz com que sejam lugares onde as pessoas vão para descansar, relaxar e rejuvenescer. O turismo em ilhas está, assim, na agenda do sector por mérito próprio, devido à dimensão atractiva que sempre lhe esteve subjacente.

Porém, é recente o interesse que os investigadores começam a demonstrar pelas ilhas e o impacte que o turismo causa no desenvolvimento económico, social e ambiental. Ultimamente têm-se realizado várias conferências dedicadas exclusivamente a este assunto. A partir dos anos 70 assistiu-se à procura sistemática das ilhas pouco conhecidas e cada vez mais longínquas, que constituíam novos produtos a propor a uma clientela cada vez mais ávida de evasão.

No entanto, as ilhas são figuras emblemáticas do turismo moderno, sendo a imagem de uma ilha com grandes extensões de praias de areia branca e cheias de sol, o símbolo de uma vida desejável, longe da exigente realidade do dia-a-dia.

Segundo Butler (1993), as pequenas ilhas já há muito tempo que são consideradas como lugares atraentes para efeitos de recreação e turismo. O mesmo autor (1993) releva factores como a “separação” e a “diferença” por contraponto com os territórios continentais, os quais fazem daqueles destinos turísticos espaços particularmente apelativos por natureza, e “*where such physical separateness is accompanied by political separateness, the appeal can be expected to increase, and given people’s desires for the different while in pursuit of leisure, different climates, physical environments and culture can all be expected to further the attractiveness of islands as tourist destinations*” (Butler, 1993: 71).

As ilhas, pelas suas características singulares, atraem naturalmente os turistas, gerando empregos e receitas. O sector do turismo representa muitas vezes a força motriz que está por detrás da economia das pequenas ilhas. Mas, em algumas delas, a indústria do turismo assumiu tais proporções que ameaça os ecossistemas e as próprias culturas. A utilização sustentável e uma política racional de conservação desses mesmos recursos são pré-requisitos essenciais à sua plena exploração.

Por outro lado, o mesmo autor (1993) salienta que o desenvolvimento do turismo em ilhas, despertando interesse tanto da comunidade académica como da investigação em geral, apresenta-se, no entanto, com a postura do “estudo de caso”, faltando-lhe uma moldura teórica e conceptual sólida. Foi neste pano de fundo que este investigador propôs o seu modelo orgânico explicativo do ciclo de vida do destino enquanto produto.

Na sua comunicação apresentada na *International Conference on Sustainable Tourism in Islands and Small States*, realizada na Universidade de Malta, Butler (1993) refere que o desenvolvimento do turismo, em muitas áreas, tem sido marcado por um paradigma demasiado assente no crescimento acelerado, num tipo de turismo e de turistas que muitas vezes degrada os recursos que originariamente atraíram os visitantes. Em consequência, esta “situação problemática de facto” contribuiu para a emergência tanto do turismo sustentável como doutras formas alternativas, diferentes do turismo convencional de massas. É neste quadro de referência que as ilhas, assim como outras regiões isoladas, foram as mais afectadas pelo “sucesso” do próprio turismo – e por isso são as que mais poderão beneficiar com um modelo sustentado de desenvolvimento.

De acordo com o *International Scientific Council for Island Development – INSULA*

(1998), as ilhas são o segundo maior destino turístico, depois da categoria das cidades históricas. O que estará na origem da atracção exercida pelas ilhas como destino turístico e que faz com que o estudo do turismo no contexto nissológico apareça como um ramo cada vez mais explorado da investigação sobre o turismo em geral.

O incremento da investigação no meio académico, o interesse das Ciências Sociais, Estudos Estratégicos e Relações Internacionais pela temática das ilhas tem crescido com o avanço dos movimentos aparentemente contraditórios da globalização e regionalização, a ponto de nele se ter criado o conceito de “Nissologia (ou ciência do mundo insular)” para designar o estudo das ilhas segundo critérios próprios. “*Nissology is proposed as the study of islands in their own terms*”, defende McCall (2005), do *Centre for South Pacific Studies, University of New South Wales, Austrália*.

É neste contexto que nos propomos estudar a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo neste território insular, como forma de colmatar a inexistência de estudos nesta área vital para o seu desenvolvimento. De realçar que apesar da existência de estudos de casos em vários territórios insulares sobre este tema, a população residente em Cabo Verde nunca foi alvo de estudo desta natureza, constituindo, assim, uma lacuna em termos de informação estatística e de investigação na área do turismo que se impunha ultrapassar.

O turismo assume hoje um lugar significativo na actividade económica do arquipélago de Cabo Verde, tendo contribuído em 23,1% para o PIB nacional em 2007, segundo dados do Banco de Cabo Verde (BCV, 2008). O aumento exponencial de visitantes e a crescente atenção dedicada a este sector socioeconómico, considerado estratégico pela maioria, tem conduzido a uma intensificação da investigação sobre a temática do turismo no Arquipélago. É este o enquadramento em que se procura, nesta dissertação, entender o fenómeno do turismo no arquipélago de Cabo Verde, na óptica dos residentes. De facto, se o sector continuar a crescer como se perspectiva, designadamente em Cabo Verde, as atitudes e as percepções dos residentes serão vitais para a compreensão e para o entendimento deste sector sob o signo social, uma vez que o turismo é um grande catalisador de mudanças sociais, especialmente se a presença de turistas for massiva e intensa.

É nesta linha de pensamento que decidimos incluir o capítulo 2, referente à

caracterização do destino turístico Cabo Verde. A sua inclusão na presente dissertação, justifica-se pela quase inexistência de estudos sobre o turismo neste país e o retrato que ali é feito tem como objectivo descrever e dar a conhecer, ainda que de forma não muito aprofundada, alguns pontos importantes para o enquadramento de Cabo Verde enquanto destino turístico.

1.2. Razões da escolha do tema

A escolha deste tema está relacionada com duas ordens de motivações, uma intrínseca, outra extrínseca. A primeira decorre do facto de o autor ser natural de Cabo Verde e ter sentido a necessidade de uma reflexão sobre o crescimento do turismo no contexto do desenvolvimento sustentável deste país. Talvez, de forma imperceptível, o hábito geral de procurar o turismo e a propensão para nele acreditar que caracterizam a população de Cabo Verde tenham aguçado a curiosidade e a vontade de trabalhar este tema.

Sendo Cabo Verde caracterizado pela escassez de recursos físicos, pelo domínio do sector de serviços na economia, pela persistência da pobreza, que ainda atormenta mais de um terço da população, principalmente a população rural, e pela dependência da APD¹ (cerca de 5% do PIB em 2005) e das remessas dos emigrantes (cerca de 12% do PIB no mesmo ano), e, como tal, sendo um país altamente sensível aos choques externos, o futuro está claramente dependente da sua capacidade de inserção e participação na economia mundial, na qual o turismo pode ter um papel preponderante.

Assim, a motivação extrínseca prende-se com a percepção da necessidade de um estudo aprofundado sobre a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo, colmatando assim uma lacuna de investigação nesta área em Cabo Verde, que seja relevante nas decisões sobre as políticas de desenvolvimento do turismo.

Com efeito, a escassez de estudos académicos comparativos e integradores, em língua portuguesa, sobre a atitude dos residentes face ao turismo e à problemática dos impactes socioculturais do turismo nos Pequenos Estados Insulares (PEI) e ilhas constituiu um forte incentivo para cumprir a tarefa de dar um contributo, por minúsculo que seja, na construção do edifício da investigação empírica sobre o turismo cabo-verdiano, que,

¹ Ajuda Pública ao Desenvolvimento.

apesar do trabalho e esforço de alguns académicos, ainda não passou dos alicerces.

De uma forma geral, e apesar de a literatura sobre o turismo, apresentar recomendações e técnicas para a prossecução deste desiderato, tem havido uma incipiente investigação no domínio da operacionalização da atitude dos residentes face ao turismo em países em vias de desenvolvimento, nomeadamente no caso de Cabo Verde – um dos quatro arquipélagos da Macaronésia –, aspecto que muito motiva a prossecução desta pesquisa.

1.3. Objectivos gerais

Sendo Cabo Verde um país pobre e caracterizado por uma dupla insularidade, que enfrenta fragilidades económicas e ambientais e os custos da insularidade, como a descontinuidade territorial, a carência de recursos naturais básicos, a reduzida capacidade de carga territorial e dependência externa, torna-se necessário assegurar uma estratégia que possa servir de alavanca para o seu progresso, assente na sustentabilidade, e que beneficie eficazmente do processo de expansão e do usufruto das liberdades. A emigração, a aposta na educação, a cooperação internacional, o investimento directo estrangeiro e a prestação de serviços, mormente turísticos, são os principais pilares do desenvolvimento deste Pequeno Estado Insular (PEI), independente há 34 anos.

Em três décadas, Cabo Verde evoluiu de um país por muitos considerado inviável para um País Menos Avançado (PMA) e, em 2004, a ONU determinou que a partir de 1 de Janeiro de 2008, Cabo Verde passaria à categoria de Países de Rendimento Médio (PRM), segundo a terminologia do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Todavia, apesar de satisfazer dois critérios para subir de escalão na categoria dos países (o do “rendimento *per capita*” e o do “índice de desenvolvimento humano”), Cabo Verde não conseguiu ainda cumprir os parâmetros do “índice de vulnerabilidade económica”. Registe-se, contudo, que a dúvida inicial sobre a viabilidade de Cabo Verde como país independente, que tinha e ainda tem fundamento na vulnerabilidade da sua economia, oscila conforme as dinâmicas internas e a conjuntura económico-política internacional.

Tratando-se de um país insular e diaspórico, com uma elevada percentagem dos seus descendentes em terras alheias, o desenvolvimento do turismo pode contribuir para a

ruptura do actual equilíbrio precário entre o potencial geográfico, ambiental, cultural, humano e económico do arquipélago, que tem como pano de fundo um contrato social sustentável entre gerações, baseado no turismo e no actual modelo de desenvolvimento MIRAB² – assente nas migrações internacionais, remessas de emigrantes e burocracia ou serviços governamentais. Espera-se que, no futuro, Cabo Verde venha a ter características de uma economia TOURAB³, baseada no turismo, nas ajudas internacionais e na burocracia.

Este trabalho de investigação centra-se na temática das atitudes dos residentes relativamente ao fenómeno turístico. Nesta perspectiva, são identificados os factores que influenciam as atitudes daqueles que deveriam ser um dos principais intervenientes na política de desenvolvimento turístico: os residentes locais. Concomitantemente, esta investigação centra-se em estudos de caso sobre as atitudes dos residentes e sobre os impactes socioculturais propostos na literatura existente, e tenta determinar a percepção que estes têm do turismo, o que poderá servir como ferramenta no processo de definição de políticas de planeamento e desenvolvimento turístico.

Assim, é neste contexto que se coloca o objectivo geral deste trabalho que é o de analisar a atitude dos residentes em Cabo Verde face ao desenvolvimento do turismo, enquanto tessitura de relação entre os residentes e os turistas. Mas para se alcançar este desiderato, têm de ser tomadas medidas que transformem as vantagens comparativas (localização geográfica privilegiada, estabilidade política e social, recursos humanos, prestígio internacional, apoio ao sector privado, convertibilidade do CVE, ambiente legislativo propício a investimentos e negócios, acesso preferencial a mercados externos, potencialidades turísticas) em vantagens competitivas e que arrastem consigo a economia no seu todo e diversifiquem as áreas onde o país registre as suas principais potencialidades. É neste âmbito, que o turismo, pelas possibilidades que integra em termos de impactes sectoriais, pode surgir como actividade estratégica e porventura decisiva para o desenvolvimento harmonioso de Cabo Verde.

² *Migration, Remittance, Aid and Bureaucracy*, modelo de desenvolvimento dos pequenos estados baseado na emigração, remessa de poupanças de emigrantes e burocracia, desenvolvido por Geoff Bertram e Roger Watters (1985).

³ *Tourism, Aid and Bureaucracy*, modelo de desenvolvimento dos pequenos estados baseados no turismo, nas ajudas internacionais e na burocracia, desenvolvido por Apostolopoulos e Gayle (2002).

1.4. Objectivos específicos

Estabelecem-se como objectivos específicos do trabalho os seguintes:

- Estudar o fenómeno turístico em Cabo Verde;
- Avaliar a percepção dos residentes face ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde;
- Avaliar a expectativa dos residentes relativamente ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde;
- Analisar a atitude dos residentes em Cabo Verde face ao turismo e identificar os factores que influenciam essa atitude.

1.5. Questões de investigação

Esta investigação tenta responder às seguintes questões:

- *Questão 1* – A percepção dos residentes em relação ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde difere consoante as características sociodemográficas?
- *Questão 2* - A percepção dos residentes em relação ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde difere consoante o grau de envolvimento profissional no sector do turismo?
- *Questão 3* – A expectativa dos residentes em relação à importância que a actividade turística vai ter, em Cabo Verde, nos próximos anos, difere em função das características sociodemográficas?
- *Questão 4* - A expectativa dos residentes em relação à importância que a actividade turística vai ter, em Cabo Verde, nos próximos anos, difere consoante o grau de envolvimento profissional no sector do turismo?
- *Questão 5* – Em termos gerais, os residentes em Cabo Verde têm uma atitude favorável face ao turismo?
- *Questão 6* – Será possível identificar grupos homogéneos de residentes com base na sua atitude face aos impactes ambientais, económicos e socioculturais do turismo em Cabo Verde?

- *Questão 7* – Se é possível identificar grupos homogêneos de residentes com base na sua atitude face aos impactes ambientais, económicos e socioculturais do turismo em Cabo Verde, quais são as principais características desses grupos?

1.6. Estrutura da dissertação

Esta dissertação insere-se no domínio científico das ciências sociais, seguindo as recomendações metodológicas gerais da investigação no âmbito destas ciências e percorrendo as fases tradicionais do método científico.

A dissertação está organizada em seis capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se uma síntese do tema, as razões da escolha do mesmo, os objectivos e as questões da investigação e a justificativa para o seu desenvolvimento.

O segundo capítulo faz uma caracterização do destino turístico Cabo Verde, focando aspectos histórico-geográficos, estrutura da população e emigração, clima e características naturais. Ainda neste capítulo, faz-se uma breve leitura da economia cabo-verdiana e do papel importante que o turismo desempenha na economia deste país.

O terceiro capítulo dedica-se a uma abordagem teórica e conceptual com base na literatura existente sobre os impactes socioculturais provocados pelo turismo e a atitude dos residentes em relação a este fenómeno, tendo como referência alguns estudos de caso aplicados em diferentes regiões do mundo. Neste capítulo pretende-se fixar o “estado da arte” sobre os impactes socioculturais decorrentes do turismo e abordar alguns modelos que focam esta temática.

O quarto capítulo descreve a metodologia de investigação empírica, desde a elaboração e implementação de um questionário por entrevista directa, dirigido aos residentes, à apresentação das diversas técnicas de análise estatística aplicadas no tratamento de dados.

O quinto capítulo é dedicado à apresentação e discussão dos resultados das várias análises sobre a atitude, percepção e expectativa dos cabo-verdianos relativamente ao papel que o turismo pode desempenhar na respectiva comunidade, tendo em vista o desenvolvimento sustentável da actividade turística no Arquipélago.

No sexto capítulo da dissertação é feita uma síntese final, onde serão apresentadas as conclusões do trabalho, em resposta aos objectivos e questões da investigação, assim como as limitações e pistas para futuras investigações.

Capítulo 2 – CARACTERIZAÇÃO DO DESTINO TURÍSTICO CABO VERDE

2.1. Introdução

Neste capítulo procura-se dar uma visão geral sobre Cabo Verde e a sua posição no turismo, ainda que de forma não muito aprofundada. Começa-se por fazer uma breve caracterização do arquipélago no que concerne à sua história, localização geográfica, emigração e aspectos demográficos, e também no que se refere ao clima e dados meteorológicos. De seguida, situa-se o turismo no ambiente macroeconómico cabo-verdiano, destacando-o na actividade económica, sobretudo ao nível da sua contribuição para a formação do Produto Interno Bruto (PIB), da sua participação no sector dos serviços, na sua capacidade de absorção dos investimentos directos estrangeiros e na criação de emprego. Finalmente, analisa-se a oferta e a procura turísticas no país e os produtos turísticos cabo-verdianos.

2.2. História

A República de Cabo Verde é um pequeno estado, arquipelágico, de origem vulcânica, localizado a meio milhar de quilómetros do promontório do Cabo Verde na África Ocidental (Figura 2.1), de onde lhe veio o nome. As ilhas foram descobertas em meados do século XV⁴ por navegadores portugueses, na primeira fase de expansão para as terras tropicais protagonizada por Portugal. Segundo a documentação da época,⁵ as ilhas encontravam-se despovoadas e sem vestígios de presença humana na altura da chegada dos portugueses, pelo que foi necessário trazer gente, gado e plantas para dar início ao processo de permanência dos habitantes, iniciado em 1462.

O modelo de colonização teve por base a administração pelo sistema de Capitania-donatária, à semelhança dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, descobertos também pelos portugueses pouco antes de Cabo Verde. No caso de Cabo Verde, o arquipélago foi dividido em duas Capitánias-donatárias, sediadas na ilha de Santiago, respectivamente na Ribeira Grande e Alcatrazes, constituindo assim os primeiros

⁴ Entre as várias hipóteses, admite-se como a data oficial o ano de 1460, pelos navegadores António de Nola e Diogo Gomes.

⁵ Concretamente, as memórias de Diogo Gomes, um dos descobridores.

núcleos urbanos de origem europeia ao sul do trópico de Câncer.

Povoado com colonos europeus e escravos provenientes da costa ocidental africana, Cabo Verde evoluiu até finais do século XIX numa sociedade escravocrata. De acordo com Albuquerque e Santos (2001), nos primeiros séculos de povoamento, Cabo Verde desempenhou a função de uma importante plataforma atlântica, nas trocas comerciais entre a Europa, a África, as Américas e a Índia. A sua posição avançada no limite sul dos arquipélagos da Macaronésia⁶ permitiu a transformação destas ilhas numa importante área de experimentação de plantas, animais e culturas, num período de intensa troca entre o mundo tropical e a Europa, organizada pelos promotores da expansão.

Ao longo da sua história, a administração do arquipélago e toda a sua economia foram geridas em função dos interesses da Metrópole (Albuquerque e Santos, 2001). A actividade económica foi dominada por vários ciclos históricos que terminaram sempre em graves crises de ordem social e económica: o comércio de escravos, a criação de gado, o cultivo da cana-de-açúcar, o algodão, a apanha da urzela, as actividades salineiras e portuárias. Registe-se que foi no âmbito da ocupação das ilhas da Macaronésia que os europeus experimentaram o sistema de agricultura de plantações que, posteriormente, foi levado para outras regiões tropicais.

O clima árido, agravado por frequentes anos de seca, o processo de desertificação associado às actividades económicas insustentáveis como a agricultura de plantações no sistema escravocrata, bem como a criação de um elevado número de caprinos geraram períodos de fome com mortandades maciças de habitantes a partir dos finais do século XVI e, sobretudo, nos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX. Os ciclos de seca e as fomes associadas marcaram de modo indelével o desenvolvimento económico, social e cultural destas ilhas.

O sistema de agricultura tradicional e a propriedade da terra, inspirados no modelo mediterrânico, enfrentam situações difíceis nas condições de aridez do arquipélago. A agricultura, além de não garantir o necessário para o sustento das famílias rurais, tem

⁶ Inclui os arquipélagos dos Açores, Madeira, Selvagens, Canárias e Cabo Verde, os quais possuem em comum a origem vulcânica e uma flora e fauna primitivas com vários elementos comuns difundidos principalmente pela circulação dos ventos alísios. O termo vem do Grego “*Makaros*” (“afortunadas”) e “*Nesos*” (“ilhas”) (Bebiano, 1932b).

vindo a produzir um acelerado processo de desertificação e migração em massa para os principais centros urbanos.

Motivada por condições de ordem natural e sociocultural, existe em Cabo Verde uma vasta tradição de emigração iniciada nos finais do século XVIII, sobretudo para os Estados Unidos da América. Actualmente, subsiste uma extensa diáspora na América do Norte, Europa e África.

Na decorrência do golpe de Estado que derrubou o salazarismo em Portugal, a 25 de Abril de 1974, e na sequência da independência das suas colónias de África depois de uma década de guerra colonial na Guiné, Angola e Moçambique, Cabo Verde ascendeu à independência a 5 de Julho de 1975. Contrariamente às restantes colónias africanas de Portugal, segundo Murteira (1988), a transição da administração foi feita sem nenhum sobressalto, pelo que grande parte dos quadros administrativos do período colonial transitaram para as chefias do novo estado.

Cabo Verde continua a trabalhar na busca de alternativas económicas para garantir a sua viabilidade como estado e a sua sustentabilidade como nação. Nos últimos anos, a opção pelo turismo tem vindo a ganhar novos contornos, com avultados investimentos externos.

2.3. Geografia

O arquipélago de Cabo Verde está localizado na zona intertropical do Atlântico norte, na plataforma do continente africano, a cerca de 450 km da Costa Ocidental da África e a cerca de 1300 km a su-sudoeste das Canárias, limitado pelos paralelos 17° 13' (Ponta Cais dos Fortes, Ilha de Santo Antão) e 14° 48' de latitude Norte (Ponta de Nho Martinho, Ilha Brava), e pelos meridianos de 22° 42' de longitude Oeste de Greenwich (ilhéu Baluarte, Ilha da Boa Vista) e 25° 22' (Ponta Chã de Mangrado, Ilha de Santo Antão) (Borges, 2000; Fortes 2001; Tavares 2001).

Tabela 2.1 – Pontos extremos do arquipélago

Local	Ilha	Coordenadas	
Ponta Cais dos Fortes	Santo Antão	Latitude	17° 13'N
Ponta de Nho Martinho	Brava	Latitude	14° 48'N
Ilhéu Baluarte	Boa Vista	Longitude	22° 42'W
Ponta de Mangrado	Santo Antão	Longitude	25° 22'W

Fonte: Adaptado de Bebiano (1932b)

Figura 2.1 – Localização de Cabo Verde na África Ocidental



Fonte: Imagem ESA (2002)

O vulcanismo, a insularidade atlântica e a aridez saheliano constituem as características naturais mais notáveis de Cabo Verde. É formado por dez ilhas e oito ilhéus, donde destacamos os ilhéus mais importantes. A superfície emersa cobre uma área de 4033 Km². A dimensão das ilhas varia entre 991 Km² (Santiago) e 35 km² (Santa Luzia) – Tabela 2.2.

O ponto mais alto do arquipélago de Cabo Verde é o Pico (Vulcão) do Fogo, com 2829 metros de altitude, sendo o segundo ponto mais alto da Macaronésia e do Oceano Atlântico depois do Vulcão Teide nas Ilhas Canárias.

Tabela 2.2 – Dimensões comparativas das ilhas

Ilhas e ilhéus	Superfície em Km ²	Comprimento máximo em km	Largura máxima em km	Ponto culminante	Altitude em metros
Santo Antão	779	42.750	23.970	Topo da Coroa	1.979
São Vicente	227	24.250	16.250	Monte Verde	725
Santa Luzia	35	12.370	5.350	Topona	395
Ilhéu Branco	03	3.975	1.270	...	327
Ilhéu Raso	07	3.600	2.770	...	164
São Nicolau	343	44.500	22.000	Monte Gordo	1.304
Sal	216	29.700	11.800	Monte Grande	406
Boa Vista	620	28.900	30.800	Estância	387
Maio	269	24.100	16.300	Penoso	436
Santiago	991	54.900	28.800	Pico de António	1.394
Fogo	476	26.300	23.900	Pico do Fogo	2.829
Brava	64	10.500	9.310	Fontainhas	976
Ilhéu Grande	02	2.350	1.850	...	95
Ilhéu Luís Carneiro	0.22	1.950	500	...	32
Ilhéu de Cima	1.15	2.400	750	...	77

Fonte: Adaptado de Bebiano (1932b)

No entanto, convém destacar que as águas territoriais da Zona Económica Exclusiva (ZEE) abrangem uma superfície da ordem dos 750 000 km².

Seguindo a tradição náutica e a história da administração, as ilhas de Cabo Verde estão agrupadas em duas unidades:

- **Ilhas de Barlavento**, que abrange as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista, e os Ilhéus Branco e Raso;
- **Ilhas de Sotavento**, que abrange as ilhas de Maio, Santiago, Fogo, Brava, e os Ilhéus Grande, de Cima e Luís Carneiro.

Figura 2.2 – Mapa do arquipélago de Cabo Verde



Fonte: www.caboverde.com

A combinação dos factores geográficos como o relevo, as precipitações associadas à orografia, os ventos dominantes, a vegetação, o tipo de povoamento e as actividades económicas tradicionais permite um agrupamento diferente com destaque para:

- **Ilhas orientais:** Sal, Boa Vista e Maio, ilhas planas com altitudes inferiores a 500 metros, formações geológicas mais antigas, mais próximas do continente africano, maior aridez, domínio de actividades ligadas à pesca e à pecuária, e, nos últimos anos, mais procuradas pelos investimentos turísticos devido aos valores paisagísticos associados às extensas praias e às dunas litorais;

- **Ilhas do norte:** Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia e São Nicolau, muito montanhosas, menos pluviosas do que as ilhas do sul, sobretudo nos meses de Verão, são mais frescas, podendo contudo receber, com maior frequência, precipitações nos

meses de Inverno. Santo Antão e São Nicolau são ilhas montanhosas com relevo vulcânico de grande beleza cénica e grande diversidade de espécies vegetais endémicas, afins aos arquipélagos da Macaronésia. A actividade agro-pecuária constitui a base da economia. São Vicente é uma ilha essencialmente portuária;

- **Ilhas do sul:** Santiago, Fogo e Brava, também montanhosas e com maior pluviosidade, sobretudo pela maior frequência de precipitações associadas à aproximação no Verão da Convergência Intertropical (CIT). São ilhas predominantemente agrícolas e com o povoamento disperso em que a paisagem é dominada pelo relevo vulcânico muito complexo, que tem sido um factor de atracção turística, à semelhança do que acontece nas ilhas Canárias.

2.4. Aspectos demográficos e emigração

De acordo com o mais recente Censo, realizado em 2000, a população residente no arquipélago de Cabo Verde totaliza 431.989 habitantes, sendo que 83% está concentrada em apenas 4 ilhas, com a ilha de Santiago a albergar cerca de 51% da população. A economia tradicional cabo-verdiana é dominada essencialmente pelo sector terciário, nomeadamente pelo turismo e prestação de serviços, sendo que a maior contribuição vem das remessas dos emigrantes a seguir ao turismo.

Esta população caracteriza-se pela sua juventude, isto é, mais de 50% tem menos de 20 anos. As pessoas com mais de 65 anos de idade representam cerca de 6,2% da população total. Em termos de evolução, a taxa anual de crescimento ronda os 2,5%. A taxa de crescimento urbano é, porém, mais elevada e ronda os 4,4%.

Nas décadas de 70 a 90 do século XX, a taxa de crescimento da população era considerada baixa (2,2%) devido à forte emigração orientada sobretudo para a Europa e os EUA. A população está desigualmente repartida entre as ilhas, sendo rural 54% da população. A densidade populacional é de 108 hab/km², variando dos 6,7 hab/km² na ilha da Boavista aos 292 hab/km² na ilha de S. Vicente.

Uma das características da população cabo-verdiana é a sua propensão para a emigração em busca de melhores condições de vida, dadas as insuficiências e carências de várias ordens que afectam as ilhas.

Actualmente deve haver, segundo o Instituto das Comunidades de Cabo Verde (2008), mais de 500 mil cabo-verdianos na diáspora, embora os números variem conforme as fontes utilizadas e o critério escolhido. Com efeito, muitos filhos de cabo-verdianos nasceram já fora do arquipélago e nem todos são considerados cabo-verdianos, pois o modo de determinação e aquisição da nacionalidade varia de país para país. Ainda segundo este Instituto, considerando a totalidade da população originária de Cabo Verde, independentemente do seu local de nascimento, mais de metade (seguramente 260 mil) vive nos Estados Unidos, designadamente em Boston (180 mil), Providence (30 mil) e New Bedford (20 mil). Na Europa vivem 30% dos emigrados (151 mil), repartidos por diversos países: 80 mil vivem em Portugal (embora dados do INE apontem para cerca de 60 mil), correspondendo a 15,5% do total, 25 mil na França (4,8%), 17 mil na Holanda (3,2%), 12 mil em Espanha (2,3%) e 10 mil na Itália (2%). Noutros países da África vivem mais de 90 mil cabo-verdianos, dos quais 45 mil em Angola (8,7%), 25 mil no Senegal (4,8%) e 20 mil em S. Tomé e Príncipe (3,9%). Até meados dos anos 80 do século passado, a emigração foi sobretudo masculina, exceptuando o caso da Itália, em que foi predominantemente feminina.

2.5. Clima e aspectos meteorológicos

Cabo Verde tem um clima tropical seco, embora com temperaturas amenas, estando fortemente condicionado pela sua localização no Atlântico Oriental na zona de circulação dos ventos alísios⁷ e na sua inserção numa extensão oceânica de uma vasta zona de climas áridos e semiáridos que abrange toda a África a sul do Sahara, na faixa de transição entre o deserto e os climas húmidos tropicais (Sahel⁸).

Os climas desta zona são caracterizados por uma longa estação seca, intercalada por apenas um período de três meses húmidos, durante os quais as chuvas se concentram em apenas alguns dias. Com relativa frequência, ocorrem períodos de seca que podem durar vários anos. Cabo Verde, se comparado com as outras ilhas atlânticas que também fazem parte do grupo da Macaronésia, é o único dos arquipélagos que apresenta um

⁷ Vento proveniente dos Anticiclones subtropicais que se dirige para as regiões equatoriais; no caso de Cabo Verde, os alísios têm origem no Anticiclone dos Açores, pelo que a sua direcção dominante é de Nordeste para Sudoeste.

⁸ Termo de origem árabe que designa a transição entre o deserto e o espaço urbanizado. Na linguagem climática significa a transição entre a África húmida e o deserto do Sahara (Amaral, 2007).

clima saheliano com uma estação seca muito prolongada e um curto período húmido, conhecido como época das “águas”, caracterizado pelas chuvas irregulares.

Trata-se do único estado insular com clima saheliano no grupo das ilhas da Macaronésia e dos outros estados sahelianos do continente africano, em consequência da sua localização geográfica, numa vasta região na auréola sul do deserto do Sahara, cujos valores climáticos fundamentais e mais expressivos são caracterizados pela seca e pela desertificação.

A localização em pleno oceano constitui um importante factor moderador da temperatura das ilhas. Por esta razão, o ar mantém-se mais fresco, a amplitude térmica anual e diurna regista valores baixos quando comparados com latitudes semelhantes do continente vizinho.

A precipitação e a humidade sofrem a influência marítima devido à existência de uma corrente fria a norte de Cabo Verde – a corrente das Canárias. No tempo dos ventos alísios, a massa de ar proveniente do Anticiclone dos Açores é arrefecido em contacto com o mar frio, mantendo condições de estabilidade atmosférica pouco favoráveis à ocorrência de precipitações.

As ilhas do sul (Brava, Fogo, Santiago e Maio) registam chuvas mais frequentes e mais abundantes, devido à maior probabilidade de a Convergência Intertropical (CIT), durante o Verão, chegar às suas latitudes. Por esta razão, os anos secos são mais frequentes nas ilhas do Norte (Barlavento), o que leva Fonseca (1956) a caracterizar as secas em Cabo Verde como gerais e regionais, sendo as secas regionais de Barlavento as mais frequentes.

O relevo constitui um importante factor de diferenciação microclimática, mais árido no litoral e mais húmido em altitudes que atingem a ordem dos 1500 metros. Por isso, as ilhas orientais planas e baixas limitam-se praticamente aos patamares climáticos árido e semiárido.

Nas ilhas montanhosas, as vertentes voltadas a Norte e a Nordeste, donde provêm os ventos dominantes, são mais frescas e com mais vegetação. Este facto deve-se às “precipitações ocultas” provocadas pelos nevoeiros de altitude, resultantes da subida do ar dos alísios.

Assim, de entre os principais factores que influenciam as características climáticas do Arquipélago, destaca-se: a localização oceânica na extensão da zona saheliana, a influência da corrente fria das Canárias e a latitude. E como factores de diferenciação, a nível local: o relevo, a exposição aos ventos dominantes e a proximidade do continente.

À semelhança de toda a região saheliana, o arquipélago de Cabo Verde apresenta duas estações contrastadas, ligadas ao movimento da Convergência Intertropical (CIT).

Estação seca – de Novembro a Junho.

Estação húmida – de Julho a Outubro.

Os meses de Julho e Outubro são de transição, podendo apresentar as características da estação húmida ou da estação seca, consoante a maior ou menor duração anual das precipitações.

Estas, apesar de escassas, ocorrem de forma torrencial, provocando grandes enxurradas e inundações. Por este motivo, a erosão é muito intensa, quer pelas características das precipitações quer pela natureza do relevo.

2.6. Aspectos da economia cabo-verdiana

Cabo Verde é um país frágil, parco em recursos naturais e sujeito a um clima quase desértico, economicamente vulnerável, condicionado pela dupla insularidade e fortemente dependente da ajuda externa. As importações de bens e serviços representam, em 2007, 71,9 % no Produto Interno Bruto (PIB) segundo dados do Banco de Cabo Verde (BCV) (2008). Todavia, a sua economia é baseada essencialmente na prestação de serviços, correspondendo a 70,6 % do PIB, e emprega a maioria da população activa em sectores como o comércio, os transportes, os serviços públicos e o turismo.

Tabela 2.3 – Produto Interno Bruto; óptica da oferta

	em milhões de escudos							
	2003	2004	2005			2006		
	Preços Correntes	Preços Correntes	Preços Correntes	Estrutura em %	Taxa Cres. nominal (%)	Preços Correntes	Estrutura em %	Taxa Cres. nominal (%)
Agricultura	7.077,8	6.108,1	4.782,7	5,2	-21,7	5.021,8	4,8	5,0
Pesca	1.004,8	977,7	850,6	0,9	-13,0	867,6	0,8	2,0
Indústria	5.580,0	5.931,5	6.524,7	7,1	10,0	7.399,0	7,0	13,4
Construção	6.104,8	6.410,0	7.480,5	8,2	16,7	9.679,8	9,2	29,4
Serviços ¹	53.593,7	56.809,3	64.080,9	70,2	12,8	74.269,8	70,6	15,9
PIB²	79.526,8	82.648,7	91.285,3	100,0	10,4	105.225,3	100,0	15,3

Fonte: BCV (2007)

¹ Serviços, excluindo os serviços bancários intermediários.² Produto Interno Bruto a preços do mercado.

O crescimento da actividade no sector de serviços tem sido largamente determinado pelo forte dinamismo no subsector do turismo. De acordo com o BCV, em 2007, as receitas turísticas aumentaram significativamente, ascendendo a 26.851,5 milhões de CVE e representando 23,1% do PIB (18,4% do PIB em 2006). A evolução das receitas turísticas resulta do aumento em 23% da procura por Cabo Verde como destino turístico, um crescimento muito superior à média mundial (4,5%) e à africana (9%). Adicionalmente, contribuiu para o incremento das receitas de turismo internacional o aumento da estada média de turistas estrangeiros, de 3,9 para 4,6 noites, segundo estatísticas do INE (2007). A construção emprega cerca de 11,5% da população activa e a indústria, essencialmente indústria ligeira (conserva do pescado, produção artesanal), corresponde a 6,5% do total do valor acrescentado. O sector primário constitui apenas 13% do PIB, devido ao baixo potencial agrícola, consequência das condições adversas do clima para a prática da agricultura (secas cíclicas), e um fraco potencial na exploração dos recursos haliêuticos.

Tabela 2.4 – Evolução dos principais indicadores do turismo

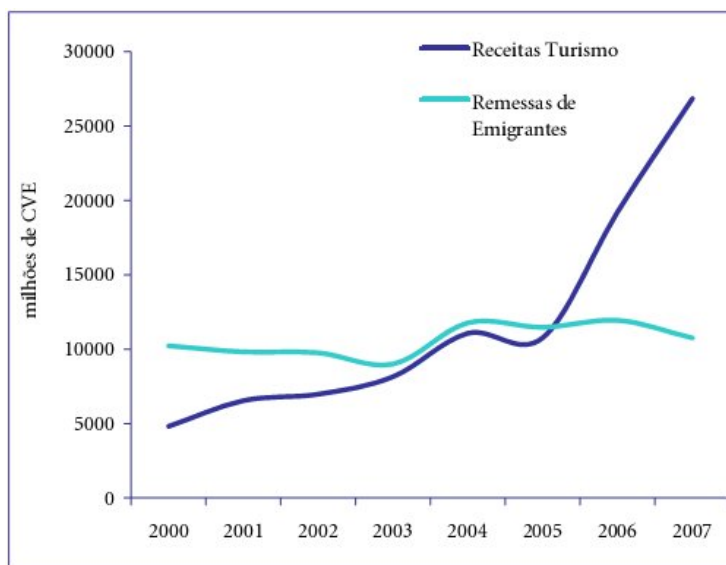
	2005	2006	2007
Receitas de Turismo (milhões de CVE)	10.770,9	19.233,3	26.851,5
Receitas do Turismo em % PIB	12,0%	18,4%	23,1%
Participação nos Serviços	42,6%	53,9%	61,0%

Fonte: BCV (2008)

Conforme a Tabela 2.4, pode-se constatar que o turismo começa a ganhar peso na economia do país, tanto pela percentagem que representa no PIB (23,1%) em 2007 como pela sua elevada participação no sector dos serviços, para o qual contribui com 61,0%.

De acordo com os dados do BCV (2008), as remessas de emigrantes (em desaceleração) cabo-verdianos representaram, em 2007, 9,3% do Produto Interno Bruto (PIB) do país, que pelo segundo ano consecutivo foram largamente ultrapassadas pelas receitas geradas pelo turismo, representando estas cerca de 23,1%. É de salientar, no entanto, que segundo o BCV (2008), o acentuar da tendência de queda das remessas dos emigrantes, em 2007, poderá estar em grande medida relacionado com a depreciação do dólar americano, num contexto internacional menos favorável, condicionado pela grande instabilidade do sector financeiro internacional.

Figura 2.3 – Receitas de turismo e remessas de emigrantes



Fonte: BCV (2008)

Cabo Verde, com uma base produtiva pouco desenvolvida, classificado como uma *pequena economia insular* aberta num contexto de globalização e competitividade crescente, apresenta um elevado nível de vulnerabilidade externa. Será de referir, no entanto, o acréscimo de 10%, em termos homólogos (2005), das importações de serviços, em grande medida relacionadas com a dinâmica na execução de projectos de investimento externo, em particular no turismo, e também com a execução de projectos

públicos estruturantes para o país, entre os quais os do *Millenium Challenge Account*⁹, que têm impulsionado a importação de serviços empresariais e técnicos, bem como o aumento de viagens de residentes por motivo de negócio. É de notar que o sector do turismo representa 97,2% do investimento externo em Cabo Verde e, por sua vez, este investimento representa 10,2 % do PIB. Assim sendo, estes dados espelham a importância que o sector tem no seio da economia cabo-verdiana.

Tabela 2.5 – Investimento directo estrangeiro em Cabo Verde – principais sectores e ilhas de destino

	Em percentagem		
	2005	2006	2007
Investimento Externo por Sector de Actividade			
Hotéis e Outros	94,6	95,0	97,2
Indústria Transformadora	2,8	0,6	0,4
Outros	2,7	4,4	2,4
Distribuição do Investimento Externo por Ilhas			
Santiago	29,5	12,8	2,3
S.Vicente	36,6	0,2	27,5
Sal	31,9	57,3	32,0
Boavista	2,1	29,5	38,2
Outros	0,0	0,1	0,0

Fonte: BCV (2008)

Deve acrescentar-se que o investimento no sector turístico continua a beneficiar (em 2007) principalmente as ilhas de Boa Vista (38,2%), Sal (32,0%), São Vicente (27,5%) e Santiago (2,3%), as quais, conjuntamente, possuem mais de 80% da capacidade de alojamento do país. No entanto, convém salientar que o ritmo de crescimento da oferta hoteleira em Santiago é bem mais reduzido do que o das outras duas ilhas, implicando um aumento da procura (igualmente relacionada com negócios, favorecidos pelo bom ambiente de investimento que o país atravessa) bem acima do crescimento da oferta.

2.7. O turismo em Cabo Verde

2.7.1. Aspectos gerais

O turismo em Cabo Verde é um fenómeno relativamente recente e tem mostrado um

⁹ *Millenium Challenge Account (MCA)* é um programa do Governo norte-americano que se destina a combater a pobreza a nível mundial e constitui o reconhecimento por parte deste Governo do desempenho do Governo de Cabo Verde, nos domínios do investimento nos seus cidadãos, da boa governação, do incentivo à liberdade económica e da transparência na gestão das actividades públicas.

forte dinamismo, tanto na formação de rendimento como na geração do emprego. Tal fica patente pelas taxas ascendentes e contínuas de contribuição para o PIB e para os Serviços (Ver Tabela 2.4).

Cabo Verde é um país de vocação essencialmente turística em virtude de aspectos naturais como a sua origem vulcânica, determinando uma orografia de fisionomia ímpar ao longo das 10 ilhas que constituem esse arquipélago situado no Atlântico. Esta localização (insular), charneira entre os continentes africano, europeu e americano, por si só constitui um elemento adicional para a promoção turística.

A vocação turística encontra-se em aspectos intrínsecos a essas ilhas dotadas de clima ameno, praias de areia branca e negra, paisagens agrestes, particularmente inexploradas, que se revelam tanto na sua superfície como na sua abundância submarina. Aos aspectos naturais, pode-se adicionar a hospitalidade do povo cabo-verdiano, a dita *morabeza*¹⁰, associados a um cenário sociopolítico de plena estabilidade, como características facilitadoras do turismo. Desta forma, a captação da procura turística centra-se, essencialmente, na apresentação dos recursos naturais e da faceta exótica da fisionomia do arquipélago.

Deste modo, importa salientar que muitas vezes tal apresentação incorre em alguns “obstáculos”, pois se por um lado a potencialidade é elevada, por outro existe uma clara percepção de que esta potencialidade vem sendo subexplorada, sobretudo quando se tem em conta a necessidade do sector para a economia interna. Com o intuito de inverter esta situação, desde meados dos anos 90, o turismo vem surgindo como grande proposta de desenvolvimento nacional, tendo em vista as características naturais das ilhas, que se confrontam com o perfil subdesenvolvido da economia interna, marcado pela agricultura e pesca artesanal, indústria incipiente, somadas à ausência de infra-estruturas básicas em vários sectores.

O resultado para a economia interna é o volume relativamente reduzido de capital nacional para investimento, sendo o alicerce económico frágil, obrigando a voltar-se para o exterior. Tal afirmação torna-se mais evidente quando se tem em conta a

¹⁰ *Morabeza* é o espaço do acolhimento mágico que separa a curiosidade dos que chegam da saudade dos mesmos que partem. É Cabo Verde, na sua configuração física, mas, sobretudo, na sua configuração humana.

estrutura deficitária da Balança de Pagamentos. Nesse contexto, o Turismo, como sector que por vocação gera a captação de rendimento externo, surge como via possível para o desenvolvimento económico, quer pela óptica do turista, pela entrada de divisas, quer pela óptica do investidor, que proporciona a entrada do capital sob a forma de Investimento Directo Externo.

De facto, a evolução recente do turismo nas ilhas deve-se quase exclusivamente à entrada do Capital Externo, que proporcionou importantes oportunidades de negócio nestas paisagens agrestes, essencialmente a procura dos europeus que buscam algo díspar do “lugar-comum” dos grandes centros urbanos. A entrada desse tipo de capital, iniciada nos anos 90, deu-se de modo extremamente enviesado (quanto à origem do capital, aos turistas e à ilha de destino). Além disso, o efeito dessas políticas foi, até certo ponto, parcial, havendo a necessidade de se colmatar várias lacunas ainda sentidas no sector.

Essas lacunas dizem respeito, nomeadamente, à carência de planificação e implementação de políticas efectivas sob várias vertentes, como o *marketing*, a dotação de infra-estruturas para o sector, a melhoria da qualidade dos serviços prestados, entre outros. Não obstante, nota-se uma real percepção no que se refere à necessidade premente de se superar essas carências. Na exposição que se segue, pretende-se elucidar sobre as características do turismo em Cabo Verde, passando pelas especificidades da oferta, da procura, origem do capital investido e, naturalmente, o papel do poder central e a sua “tomada de consciência” sobre a necessidade de implementar políticas efectivas nesse sector de suma importância.

É difícil situar com exactidão quando é que o fenómeno turístico chegou a Cabo Verde. Em 1932, o então Ministro do Comércio de Portugal Bacelar Bebiano fez uma apreciação no artigo “Alguns aspectos económicos no Arquipélago de Cabo Verde” que apontava para as potencialidades das ilhas para o turismo e fazia um apelo no sentido do seu aproveitamento e investimento:

“Finalmente, meus senhores, vou referir-me ao turismo: a uma das maiores belezas do Mundo, que é o vulcão da ilha do Fogo.

Os grandes transatlânticos que passam por estas paragens aproximam-se sempre da costa Leste da ilha do Fogo, ao largo da Povoação de Cova Figueira e invariavelmente param, durante algumas dezenas de minutos, a fim de que os passageiros possam contemplar este colosso de grandiosidade beleza.

Ora com uma modesta ponte-cais, velha aspiração dos habitantes desta ilha, com a reparação de um caminho existente e construção de uma estrada com mais de 10 quilómetros de extensão,

fácilmente se podia alcançar o chamado Ponto Alto do Sol, e daqui observar-se a surpreendente vista do vulcão.

Com estas obras seria possível aos excursionistas irem e regressarem no mesmo dia, tomando de novo o seu paquete.

O Ponto Alto do Sul tem uma altitude de 2.469 metros, e faz parte de um enorme anfiteatro com um diâmetro de quilómetro. A orla deste anfiteatro desce verticalmente em fragosidades inacessíveis até aos 1.600 metros.

Ao longe, ergue-se o majestoso vulcão, de forma cónica e côr arroxeada, que atinge 2.829 metros de altura. [...] O vulcão do Fogo é mais alto do que o Vesúvio; mais baixo do que o Etna. O anfiteatro do Fogo é duas vezes mais largo do que o do Vesúvio. [...] O conjunto do anfiteatro e do cone vulcânico do Fogo é dos mais clássicos do Mundo, e por isso encontra-se reproduzido em modelos apropriados por todos os museus e instituições escolares estrangeiros [...]” Bebiano (1932a: 19).

O sector do turismo é, por isto, considerado estratégico por parte do governo e agentes económicos, pelas receitas que proporciona, pela mão-de-obra que ocupa e pelos efeitos multiplicadores que provoca nas mais diversas áreas. A atractividade de Cabo Verde não resulta de atributos individuais de grande exclusividade, assenta isso sim, “num conjunto integrado de condições naturais, geográficas e socioculturais” (Pena, 2003: 118), que responde de forma superior às necessidades dos principais mercados emissores. Os investimentos reclamados por Bacelar Bebiano há 70 anos atrás, ainda estão por realizar de forma cabal, mormente na ilha do Fogo.

2.7.2. A oferta turística em Cabo Verde

Para que se possa correctamente planear e gerir um destino turístico, é essencial ter um conhecimento do sector do turismo, particularmente no que diz respeito aos componentes da oferta e da procura turísticas desse destino.

Relativamente à oferta turística do Arquipélago, é de referir que existe um conjunto de recursos paisagísticos, culturais e gastronómicos que poderão possibilitar, quando bem geridos e respeitando os limites ambientais, uma oferta de qualidade com diferenciação dos seus concorrentes mais directos (*e.g.* as restantes ilhas da Macaronésia, Brasil, etc.), tornando Cabo Verde mais competitivo e consolidando o seu posicionamento no mercado regional ou mesmo mundial.

Por outro lado, o clima ameno durante todo o ano, as extensas praias de areias brancas e negras, a diversidade paisagística, os inúmeros recursos patrimoniais, a existência de um vulcão, parques naturais e a *morabeza* e riqueza cultural do seu povo são recursos que constituem fortes atractivos para a oferta turística do país. Ainda aliado a estes

recursos, o Arquipélago beneficia da estabilidade política, económica e social e da segurança, reforçadas por um leque de serviços de lazer, entretenimento e diversão que completa esta oferta.

▪ **O alojamento turístico**

O alojamento turístico constitui, na sua essência, o principal serviço, do ponto de vista económico, oferecido aos turistas. Por esse motivo será o mais utilizado para fazer a caracterização da oferta turística do arquipélago de Cabo Verde, em detrimento de outros serviços, como a restauração, sobre o qual se conhecem alguns componentes, mas não a existência de um inventário completo que permitisse a sua adequada avaliação.

Nos últimos anos, a oferta turística teve uma franca evolução, tanto em termos quantitativos como qualitativos, chegando a um crescimento acumulado de cerca de 67% na quantidade de camas. As perspectivas futuras apontam para que, após a conclusão de alguns estabelecimentos hoteleiros como o *Sambala Village*, na ilha de Santiago, e o hotel de cinco estrelas Riu Caramboa, na ilha da Boa Vista, a capacidade de oferta cama se eleve, de forma considerável. Cabe enfatizar a taxa de variação dos investimentos previstos na ordem dos 112% em 2005 – com destaque para a ilha da Boa Vista. Todavia, como se vê ao longo das tabelas que se seguem, a oferta geral do país passa ainda por alguns constrangimentos de base.

Tabela 2.6 – Evolução do número de estabelecimentos, capacidade e pessoal ao serviço

	Anos								
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Estabelecimentos	79	88	88	93	105	108	132	142	150
N.º de Quartos	1.825	2.391	2.489	2.820	3.146	3.150	4.406	4.836	5.368
N.º de Camas	3.165	4.475	4.628	5.159	5.715	5.804	8.278	8.828	9.767
Capacidade de Alojamento	3.874	5.239	5.450	6.062	6.682	6.749	10.342	10.450	11.544
Pessoal ao serviço	1.561	1.845	2.046	2.043	2.281	2.165	3.199	3.290	3.450

Fonte: INE (2008)

Na Tabela 2.6 pode-se constatar que houve um crescimento significativo na evolução do número de estabelecimentos, capacidade de alojamento e pessoal ao serviço. Neste

período de nove anos, estes indicadores aumentaram mais de 50%, conforme espelha a mesma Tabela.

Neste sentido, deve-se ressaltar alguns aspectos mais relevantes da oferta turística cabo-verdiana, confrontados com os dados do Tabela 2.7:

- Em primeiro lugar, esta ampla evolução nos últimos nove anos provém essencialmente do resultado do investimento externo, que se propôs não só aumentar a quantidade da oferta, mas também inseri-la num panorama qualitativo elevado.
- Em segundo lugar, a concentração da evolução da oferta turística é notória. Na análise da oferta é evidente a concentração da oferta turística no Sal, sendo esta juntamente com Boa Vista e Santo Antão as únicas que apresentaram um aumento expressivo da quantidade de alojamentos turísticos (incluindo Hotéis, Aldeamentos, Pensões, Residenciais, etc.) de 1999 para 2006. Nesta última ilha, a quantidade de alojamentos mais que triplicou, passando de 6 para 19.
- Atente-se no facto de que Santiago era a ilha que albergava maior quantidade de alojamentos turísticos desde 1999, mantendo essa posição até 2003. Contudo, a sua evolução nos últimos anos foi pouco expressiva, contando com um aumento de 22 para 31 alojamentos em 8 anos.

Tabela 2.7 – Estabelecimentos de alojamento por tipologia e por ilhas em 2007

Ilha	Tipo de Estabelecimento													
	Hotéis		Pensões		Pousadas		Hotéis apartamentos		Aldeamentos Turísticos		Residenciais		Total	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
S. Antão	4	10	11	22	0	0	0	0	0	0	5	14	10	13
S. Vicente	4	10	7	14	1	4	1	10	0	0	11	31	24	16
S. Nicolau	0	0	4	8	1	14	0	0	0	0	1	3	6	4
Sal	15	38	6	12	1	14	4	40	2	33	6	17	34	23
Boa Vista	3	8	2	4	0	0	2	20	2	33	5	14	14	9
Maio	1	3	1	2	0	0	0	0	1	17	1	3	4	3
Santiago	12	30	10	20	2	29	2	20	1	17	6	17	33	22
Fogo	1	3	7	14	1	14	1	10	0	0	0	0	10	7
Brava	0	0	3	6	1	14	0	0	0	0	1	3	5	3
TOTAL	40	100	51	100	7	100	10	100	6	100	36	100	150	100
%	27		34		5		7		4		28		100	

Fonte: INE (2008)

Da análise da Tabela 2.7 pode-se inferir que a oferta turística não se concentra apenas nos Hotéis, mas apresenta uma clara predominância relativamente às Pensões e às Residenciais. Deste modo, podemos caracterizar a oferta como sendo fortemente dominada pelas Pensões (34%), já que estas detêm o maior peso a nível do país, devendo também salientar que as Residenciais (28%) e os Hotéis (27%) assumem uma importância relevante na oferta turística por tipo de equipamentos. Se se considerar os novos investimentos em curso, a oferta tende a evoluir, contudo, para as novas formas de alojamento que em 2007 ocupavam os últimos lugares (com quatro e sete unidades, respectivamente): os Aldeamentos Turísticos e o Hotéis-apartamentos.

Deste modo, a distribuição dos empreendimentos turísticos pelas diferentes ilhas, a capacidade de alojamento e o número de quartos podem variar muito de ilha para ilha, com um grande predomínio no caso da ilha do Sal (como se referiu anteriormente).

Tabela 2.8 – Camas disponíveis por ilha (1999-2007)

Anos	Santo Antão	São Vicente	São Nicolau	Sal	Boa Vista	Maio	Santiago	Fogo	Brava	Total
1999	74	440	75	1.400	258	51	741	96	30	3.165
2000	176	459	76	2.506	356	49	766	102	25	4.515
2001	160	472	74	2.550	371	141	731	104	25	4.628
2002	193	498	67	3.066	315	141	721	133	25	5.159
2003	239	531	96	3.405	366	133	782	129	34	5.715
2004	255	707	97	3.409	194	133	847	108	54	5.804
2005	290	655	79	4.600	1447	133	873	153	48	8.278
2006	310	711	79	5219	1168	133	973	188	47	8828
2007	432	809	80	5.862	1.157	142	1.028	205	47	9.767

Fonte: INE (2008)

Em 1999, a capacidade de alojamento no país era de 3.165 camas, sendo a ilha do Sal aquela que dispunha de maior número de camas, 1.400 (44%), seguida por Santiago, 741 (23%), São Vicente, 440 (14%), Boa Vista, 258 (8%), Fogo, 96 (3%), São Nicolau, 75 (2%), Santo Antão, 74 (2%) e por último a ilha Brava, com 30 (1%). Deste modo, volvidos nove anos depois, Cabo Verde mais que triplicou a sua capacidade de alojamento para 9.767 camas.

Com o aumento da procura turística em Cabo Verde, o número de empreendimentos turísticos também teve de aumentar significativamente para acompanhar a componente da oferta. Assim, em 2007 a capacidade de alojamento no arquipélago era de 9.767

camas, com a ilha do Sal na vanguarda, com 5.862 (60,0%), seguida da Boa Vista, 1.157 (11,8%), Santiago, 1.028 (10,5%), São Vicente, 809 (8,3%), Santo Antão, 432 (4,4%), Fogo, 205 (2,1%), Maio, 147 (1,5%), São Nicolau, 80 (0,8%) e Brava, com 47 (0,5%). Entretanto, de acordo com estes dados, conclui-se que a hotelaria cabo-verdiana teve uma franca expansão no período que medeia entre 1999 e 2007, com uma taxa de crescimento médio anual de 17%, conforme mostra a Tabela 2.8.

Ainda da análise desta Tabela, pode-se constatar que a ilha da Boa Vista tem vindo a crescer quer em termos de números de empreendimentos turísticos quer em termos da capacidade de alojamento, figurando no segundo lugar, atrás da ilha do Sal. Este crescimento deve-se às suas características naturais – as extensas praias de areia branca – e a um forte investimento externo, mormente italiano. No período em análise, as ilhas de Santiago e São Vicente quase estagnaram em termos de números de empreendimentos turísticos e as restantes ilhas tiveram um crescimento pouco significativo se compararmos com a ilha da Boa Vista ou mesmo com o crescimento médio anual.

▪ **Produtos turísticos cabo-verdianos**

Neste ponto faz-se uma abordagem dos tipos de produtos turísticos actualmente dominantes nas ilhas e perspectiva-se os produtos com potencialidades e que ainda não ganharam corpo no panorama turístico cabo-verdiano. O produto turístico mais explorado em Cabo Verde é o sol e o mar, sobretudo na ilha do Sal e, mais recentemente, na ilha da Boa Vista, com a abertura de um aeroporto internacional (o qual, depois dos aeroportos também internacionais das ilhas do Sal e de Santiago, veio reforçar as portas de entrada dos turistas no arquipélago).

Como se pode observar no ponto 2.7.3, a ilha do Sal aloja cerca de 61,4% dos hóspedes que procuram o Arquipélago. Verifica-se uma concentração e massificação do turismo nesta ilha, onde mais de 70% da capacidade dos estabelecimentos de alojamento turístico é explorada em regime de “tudo incluído” (*all inclusive*). O mesmo tipo de produto dominante na ilha do Sal está a repetir-se, e de forma vertiginosa, na ilha da Boa Vista, onde o domínio das infra-estruturas hoteleiras é ainda maior.

Em função da forma como é organizada a viagem, existem, basicamente, duas formas de turismo. No turismo individual, o indivíduo ou o grupo de indivíduos no qual se integra fixa o programa e o itinerário da viagem que deseja realizar, escolhe o meio de transporte, reserva os alojamentos que elege e estabelece a data em que pretende partir e regressar, podendo mesmo alterar o programa que inicialmente fixou e proceder ou não a reservas directamente ou através de uma agência de viagens. Neste quadro, pode, alternativamente, fixar o programa e os serviços que pretende, com maior ou menor detalhe, e solicitar a uma agência de viagens que proceda à sua organização. No caso do turismo colectivo, de grupo ou organizado (*package tour*, na versão anglo-saxónica), um operador ou uma agência de viagens oferece a qualquer indivíduo, contra o pagamento de uma importância que cobre a totalidade do programa oferecido, a participação numa viagem para um determinado destino, segundo um programa previamente fixado para todos os que adquirirem essa viagem. O turismo organizado está na origem da massificação do turismo moderno. A partir da década de 1960, com o aparecimento dos voos fretados (*charter flights*) e com a intervenção de organizações empresariais de grande dimensão, as viagens organizadas passaram a ganhar importância e hoje representam uma parte significativa do conjunto das viagens internacionais: 40% dos britânicos que se deslocam ao estrangeiro, por exemplo, fazem-no na modalidade de viagens de grupo. Por seu turno, dos turistas estrangeiros que visitam Portugal, 69,6% recorrem aos serviços de agências de viagens, dos quais 51,1% adquirem pacotes constituídos por transporte, alojamento e pequeno-almoço (Cunha, 2001).

Cabo Verde, como destino essencialmente receptor do turismo internacional, não se encontra imune ao turismo organizado, sobretudo ao chamado “pacote turístico” em que tudo está incluído (*all inclusive*), modalidade que tem um efeito multiplicador mais reduzido na criação de emprego.

Uma das formas de combater o sistema de *all inclusive* consiste em combinar uma agressividade competitiva por parte dos empresários nacionais com uma lógica de diversificação da oferta, numa perspectiva de complementaridade entre investidores externos e nacionais. A implementação desta estratégia constitui uma das preocupações dos agentes turísticos cabo-verdianos, a avaliar pelo que se expressa no Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico (PEDT) (DGDT, 2004). De facto, o que

parece estar em causa é a utilização do turismo como fonte de rendimento e de aumento dos benefícios para as comunidades locais.

A diversificação e o aumento da qualidade do produto turístico cabo-verdiano afiguram-se pertinentes, na medida em que existem várias potencialidades para o seu desenvolvimento, tanto na vertente do Turismo em Espaço Rural (TER) como das actividades direccionadas para os filhos dos emigrantes cabo-verdianos da imensa diáspora. Os cabo-verdianos e seus descendentes residentes no estrangeiro constituem um mercado potencial dada a sua motivação para visitar o país e “matar saudades”. Este interesse pelo Arquipélago é mais forte do que o que leva os nacionais dos países em que residem a optarem por Cabo Verde enquanto destino de férias.

Entende-se que as autoridades cabo-verdianas deveriam taxar os “pacotes turísticos” pagos fora do país, permitindo assim a injeção de dinheiro para um fundo que financiase as infra-estruturas de zonas rurais com potencial turístico. Segundo o PEDT o país deve escolher os produtos que mais se adaptam às potencialidades das ilhas; nesta perspectiva, é preciso ter em conta que existem ilhas com orografia plana (Boa Vista, Maio e Sal), orografia montanhosa (Brava, Fogo e Santo Antão) e orografia intermédia (São Nicolau, Santiago e São Vicente).

Conforme o PEDT, as ilhas de orografia plana devem apostar nos seguintes produtos: turismo de sol e praia, *windsurf/surf*, pesca desportiva, passeios no mar, turismo cultural com muita animação, observação da fauna e turismo de conferências. Por sua vez, as ilhas montanhosas devem investir na oferta de: *trekking* (caminhadas), turismo de descoberta, observação da fauna e flora, agro-turismo, turismo histórico e cultural. No que se refere às ilhas de orografia intermédia, devem apostar sobretudo em: turismo de sol e mar, *windsurf/surf*, pesca desportiva, passeios no mar, turismo de conferências, *trekking*, turismo de descoberta, observação da fauna e flora, agro-turismo e turismo histórico e cultural (DGDT, 2004).

A animação turística, mormente a criação de espaços de cultura (música, dança, pintura ou artesanato), assim como de folclore e gastronomia, são conteúdos úteis para a oferta de um produto turístico diversificado num país de emigração, onde a revitalização do orgulho pelas suas tradições é essencial na era da globalização. Posto isto, para que um destino se possa desenvolver a nível turístico, será fundamental fomentar a

diversificação e estímulos nos mercados, criando um maior desenvolvimento da oferta. Refere-se aqui, claramente, aos recursos de um destino e à capacidade de os transformar em atrações para segmentos de mercados específicos. Segundo Costa (2001), o conhecimento rigoroso dos recursos existentes permite, *a posteriori*, que se proceda à identificação de *clusters* de oferta, que possibilitarão, então, colocar no mercado produtos devidamente estruturados e com valor comercial.

▪ Pessoal ao serviço nos estabelecimentos hoteleiros

Em 2007, os estabelecimentos hoteleiros inventariados empregavam cerca de 3.450 pessoas, o que corresponde a um acréscimo de cerca de 4,9%, em relação ao ano anterior (Tabela 2.9). Os hotéis continuam a empregar o maior número de pessoas, representando cerca de 74,2% do total. Seguem-se-lhes as pensões e os aldeamentos turísticos, representando 9,2% e 7,2%, respectivamente. No que se refere ao emprego por ilhas, o Sal é aquela que emprega a maioria do pessoal nos estabelecimentos de alojamento turístico, com cerca de 59 em cada 100 empregados dos referidos estabelecimentos, logo a seguir vêm as ilhas de Santiago, São Vicente, e Boa Vista, como evidencia a tabela a seguir (Tabela 2.9) referente ao ano de 2007¹¹.

Tabela 2.9 – Pessoal ao serviço nos estabelecimentos hoteleiros por ilha, em 2007

Ilha	Tipo de Estabelecimento												Total	
	Hotéis		Pensões		Pousadas		Hotéis-apartamentos		Aldeamentos Turísticos		Residenciais		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
S. Antao	88	3	54	17		0		0		0	12	6	154	4,5
S. Vicente	201	8	81	26	8	23	13	12		0	63	34	366	10,6
S. Nicolau		0	18	6	2	6		0		0	3	2	23	0,7
Sal	1820	71	43	14	2	6	51	46	87	36	35	19	2038	59,1
Boavista	56	2	5	2		0	30	27	114	47	23	12	228	6,6
Maio	3	0	7	2		0		0	6	2	3	2	19	0,6
Santiago	368	14	74	23	16	46	14	13	35	14	42	23	549	15,9
Fogo	24	1	26	8	5	14	4	4		0			59	1,7
Brava		0	8	3	2	6		0		0	4	2	14	0,4
TOTAL	2.560	100	316	100	35	100	112	100	242	100	185	100	3.450	100,0
%	74,2		9,2		1,0		3,2		7,0		5,4		100,0	

Fonte: INE (2008)

No que diz respeito ao pessoal ao serviço nos estabelecimentos hoteleiros, cerca de 98% do total está empregado nos estabelecimentos hoteleiros. Por outro lado, a grande maioria (92%) desse pessoal são residentes nacionais.

¹¹ Para os anos anteriores, consultar a Tabela 2.6, na página 26.

De acordo com os dados do INE (2008) por categoria de pessoal ao serviço, a restauração, os andares e a cozinha configuram cerca de 15%, 12% e 11%, respectivamente, do total do pessoal. As categorias menos representativas são o controlo, o economato e jardim, correspondendo a 0,5%, 2% e 4%, respectivamente. Segundo o escalão de pessoal ao serviço, são mais expressivos os estabelecimentos hoteleiros que empregavam 3 a 5 pessoas, representando 29%. Seguem-se os estabelecimentos que empregavam 10 a 19 pessoas, e 1 a 2 pessoas representando 18% e 14%, respectivamente.

2.7.3. A procura turística em Cabo Verde

Neste ponto, passa-se a abordar o turismo cabo-verdiano sob o prisma da procura. Apesar da limitação dos dados existentes – está-se praticamente cingido à informação veiculada pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Cabo Verde –, apresentam-se em seguida as séries dos dados disponíveis, numa tentativa de caracterizar minimamente a actividade turística no Arquipélago. Fá-lo-emos, num primeiro passo, enquadrando-a por ilhas no contexto nacional e analisando a procura dos residentes e dos não residentes em Cabo Verde; num segundo passo, acompanhando a evolução nos últimos anos, no país e, nalguns casos, por ilhas, de um conjunto de indicadores relacionados com a hotelaria tradicional e outros meios de alojamento: hóspedes, dormidas, país de residência dos hóspedes, sazonalidade e duração da estada média. Deste modo, para tornar a leitura mais clara, opta-se por uma apresentação essencialmente gráfica e em tabelas, completada por comentários.

▪ A procura dos não residentes

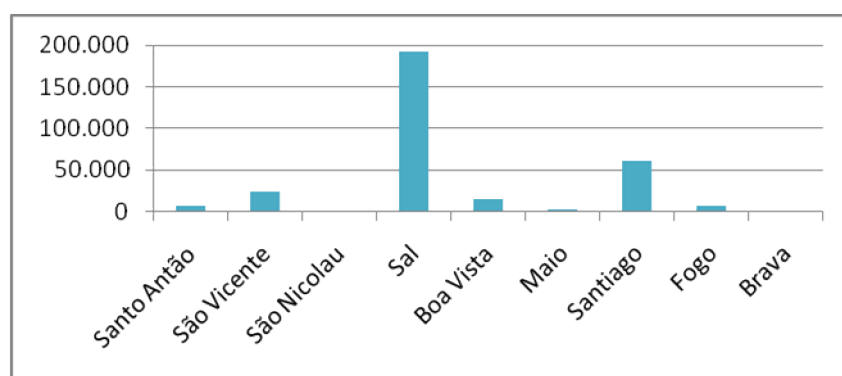
A procura turística é fundamental para a compreensão e análise da actividade turística de qualquer destino, seja ele uma cidade, uma região ou um país. Desta forma, dos 312.880 hóspedes entrados nos alojamentos turísticos do Arquipélago no ano de 2007, 267.188 eram indivíduos não residentes no país. Porém, é de salientar que, devido às limitações estatísticas, quando nos referimos aos turistas internacionais em Cabo Verde fazemos alusão aos hóspedes entrados nos empreendimentos hoteleiros uma vez que

não dispomos de dados do Departamento de Estrangeiros e Fronteiras de Cabo Verde sobre a entrada de estrangeiros no país com objectivo de lazer.

No que concerne à procura turística, por ilhas, nos estabelecimentos hoteleiros, é de notar que dos 312.880 hóspedes entrados nos alojamentos turísticos cabo-verdianos, 192.038 o fizeram nos estabelecimentos da ilha do Sal, em segundo lugar aparece a ilha de Santiago, com 60.786 hóspedes; verifica-se, assim, que cerca de 61,4% dos estrangeiros nos alojamentos situados em Cabo Verde ficaram na ilha do Sal, 19,4%, na ilha de Santiago, em São Vicente, 7,8%, na Boa Vista, 5,0%, em Santo Antão, 2,4%, no Fogo, 2,1%, em São Nicolau, 0,6%, e, por último, na ilha Brava ficaram 0,5%.

A Figura 2.4 espelha a distribuição dos hóspedes pelas nove ilhas habitadas do Arquipélago em 2007.

Figura 2.4 – Hóspedes entrados nos estabelecimentos hoteleiros, por ilha, em 2007



Fonte: INE (2008)

No que se refere aos hóspedes estrangeiros, como se pode ver na Tabela 2.10, o número de hóspedes entrados nos estabelecimentos hoteleiros em Cabo Verde tem vindo a crescer de ano para ano, tendo quintuplicado entre 2000 e 2007, conforme os dados do INE (2008).

Tabela 2.10 – Hóspedes entrados nos estabelecimentos hoteleiros em Cabo Verde (2000 a 2007)

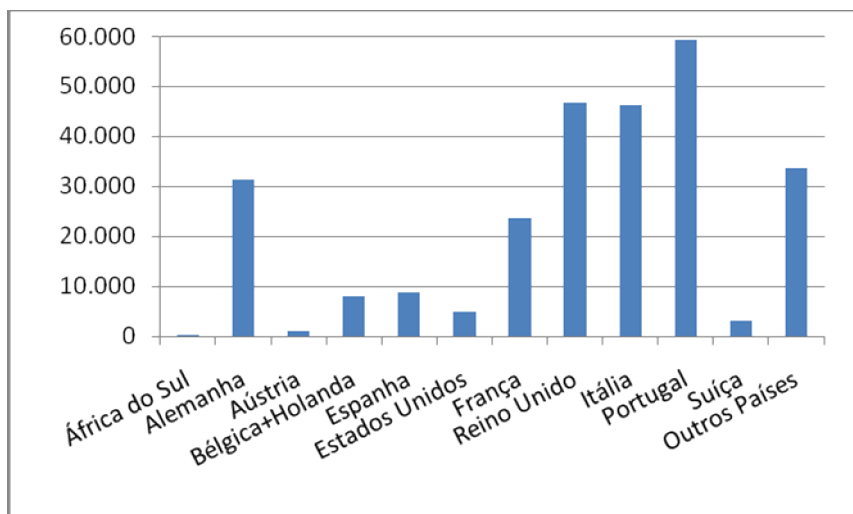
2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
83.259	162.000	152.000	178.739	184.738	233.548	280.582	312.880

Fonte: INE (2008)

Identificada até aqui a importância do turismo estrangeiro no Arquipélago, importa perceber quais são os países donde provêm os turistas estrangeiros que acedem ao país (Figura 2.5). Portugal (19,0%), Reino Unido (14,9%) e Itália (14,8%) eram, em 2007, os

três principais mercados emissores de turistas entrados em Cabo Verde, logo seguidos pela Alemanha (10,2%) e pela França (7,6%).

Figura 2.5 – Hóspedes entrados, por país, em 2007



Fonte: INE (2008)

Os italianos preferem como destino a ilha do Sal. Das 305.609 dormidas por eles realizadas, 78,2% aconteceram no Sal e essas dormidas concentraram-se nos hotéis, correspondendo a 93,9%.

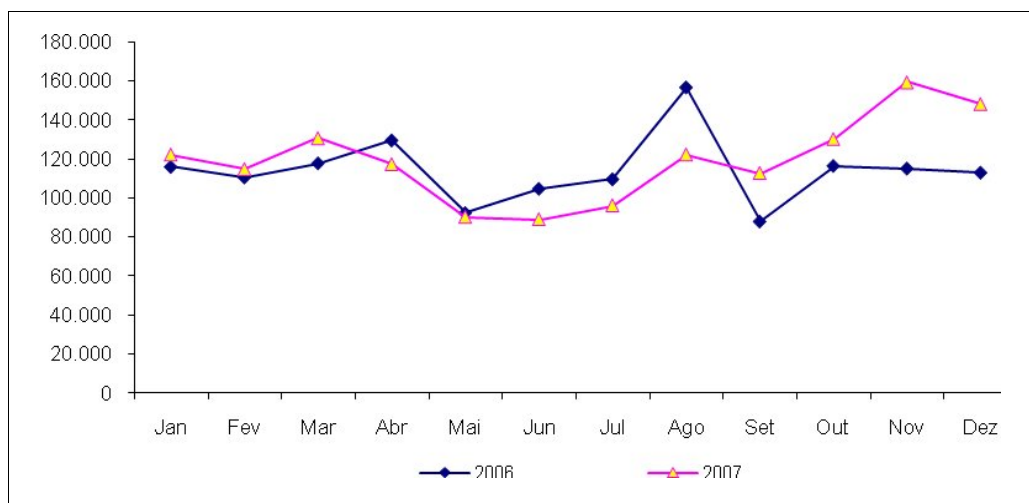
As dormidas dos residentes em Portugal distribuem-se principalmente pelas Ilhas do Sal (59,9%), Santiago (29,3%) e São Vicente (7,7%). Os hotéis foram os tipos de estabelecimentos mais procurados pelos portugueses, à semelhança da Itália, correspondendo a 89,8%.

As dormidas dos hóspedes provenientes do Reino Unido concentraram-se também nos hotéis, 94,4%. Estes preferem a Ilha do Sal, com 92,3% do total das dormidas por eles realizadas. Seguem-se-lhe as ilhas de Santiago e São Vicente, com um total de 2,6 % das dormidas.

Nos dados recolhidos e veiculados pelo INE (2008), é mencionado que as dormidas se referem à permanência num estabelecimento de alojamento, considerado relativamente a cada indivíduo, por um período compreendido entre as 12 horas de um dia e as 12 horas do dia seguinte. Estes dados permitem avaliar a importância turística do destino, pois uma região pode apresentar poucas entradas de visitantes ou poucos hóspedes, mas ter um número de dormidas bastante elevado, o que leva a concluir que é um destino

com boa capacidade de atracção de visitantes. A Figura 2.6 permite visualizar a evolução das dormidas entre 2006 e 2007 nas diversas unidades de alojamento do arquipélago de Cabo Verde.

Figura 2.6 – Número de dormidas nas unidades de alojamento entre 2006 e 2007



Fonte: INE (2008)

Ainda da análise da Figura 2.6, constata-se que os meses de Agosto em 2006 e Novembro em 2007 são aqueles que registam o maior número de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros.

No lado oposto encontramos os meses da Primavera, em especial o mês de Maio de 2005, com um número de dormidas inferior a 60.000. Outro dado perceptível é o relativo ao mês de Abril de 2006, com valores superiores aos meses de Março e Maio, aos quais não deve ser alheio o período da Páscoa. O mês de Agosto apresenta nesta época valores superiores a 100.000 dormidas (em especial 2006, com 156.299 dormidas), representando 11% das dormidas totais ao longo do ano.

Os hotéis continuam a ser os estabelecimentos mais procurados em 2007, representando 85,2% do total das entradas. Seguem-se-lhes as residenciais, com cerca de 4,7%, e as pensões, com 3,2%. A ilha do Sal foi a de maior acolhimento, com cerca de 61,4% do total das entradas, seguida de Santiago, com 19,4%, e S. Vicente, com 7,8% do total das entradas. Nos estabelecimentos de alojamento turístico hoteleiro foram efectuadas 1.432.746 dormidas, o que corresponde a um crescimento de 4,6%, em relação ao ano de 2006.

Os principais mercados, em termos de dormidas, são o italiano e o inglês. É de destacar

o mercado italiano, que ocupa o primeiro lugar em termos de dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, tendo representado, em 2007, 21,3% das dormidas de turistas estrangeiros (número superior ao do mercado português – que ocupa o primeiro lugar em termos de entradas – apresentou o valor de 16,2% das dormidas no mesmo período). O mercado inglês posiciona-se na segunda posição, o que se deve em grande parte às linhas aéreas abertas entre este país e Cabo Verde.

▪ **A procura dos residentes**

Neste contexto, é importante conhecer o turismo dos indivíduos com residência habitual no país, com o intuito de se mostrar o papel relevante que os residentes em Cabo Verde têm no turismo nacional. A entrada dos hóspedes residentes em Cabo Verde nos estabelecimentos hoteleiros é expressiva e tem vindo a aumentar nos últimos tempos. Do total de entradas nos estabelecimentos hoteleiros em 2000, cerca de 14,5% correspondiam a residentes. Em 2006, estes hóspedes representaram 13,9% do total, equivalendo a cerca de 38.840 residentes entrados nos estabelecimentos hoteleiros.

Tabela 2.11 – Hóspedes residentes entrados nos estabelecimentos hoteleiros, segundo a ilha, entre 2000 e 2007.

Anos	Santo Antão	Santo Vicente	São Nicolau	Sal	Boa Vista	Maio	Santiago	Fogo	Brava	Total
2000	939	6.824	616	9.620	875	546	9.458	1075	108	30.061
2001	1280	5.386	476	10.453	865	388	8.089	957	32	27.926
2002	1.090	4.286	657	11.834	827	439	6.113	928	6	26.180
2003
2004	1.899	3.826	340	11.274	728	322	6.460	654	90	25.476
2005	2.389	5.267	660	14.835	1.210	245	10.173	821	104	35.704
2006	2.390	5.252	775	12.606	1.842	203	14.792	913	67	38.840
2007	2.754	6.052	790	15.564	2.136	926	15.220	1821	429	45.692

Fonte: INE (2008)

Deve-se referir, a propósito da Tabela 2.11, que não dispomos de dados para todas as ilhas para o ano de 2003, pelo que omitimos este ano.

A mesma Tabela permite constatar a evolução de entradas dos hóspedes residentes nos estabelecimentos hoteleiros, apresentadas pelas nove ilhas, no período de 2000 a 2007. Destacam-se os valores apresentados pelas ilhas do Sal e Santiago, que são sem dúvida

aquelas que recebem mais visitantes nos seus estabelecimentos hoteleiros, representando mais de 50% de entradas ao longo do período em análise. As restantes ilhas apresentam valores mais baixos, com destaque para São Vicente e Boa Vista, onde o número de hóspedes nos estabelecimentos tem crescido consideravelmente. As outras ilhas (Fogo, Santo Antão, São Nicolau, Maio e Brava) apresentam valores muito baixos, o que pode estar relacionado com a fraca oferta de alojamento nestas ilhas e meios de transporte precários, factores que condicionam fortemente o desenvolvimento turístico.

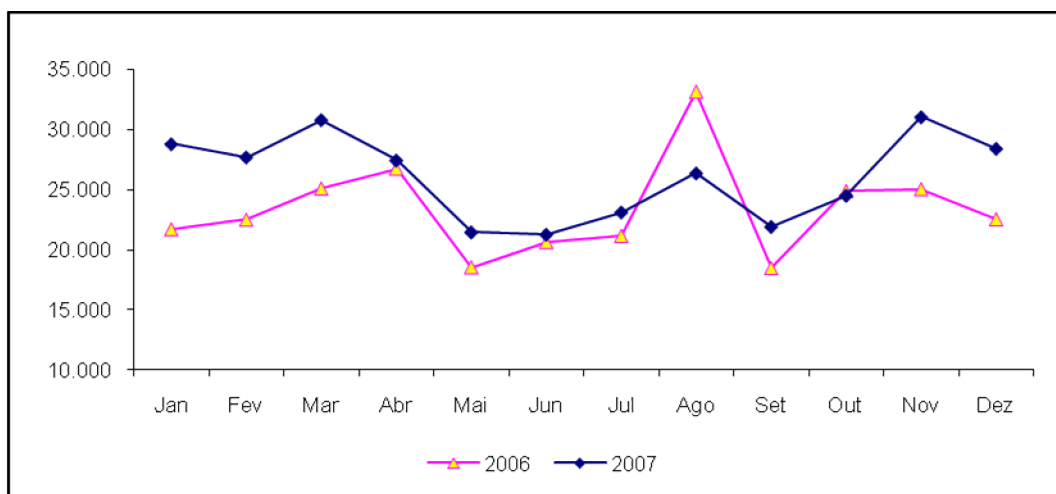
A análise da Tabela 2.12 permite ainda verificar que a importância da ilha do Sal aumentou para 61,4% em relação ao turismo receptor, que era de 59% no ano de 2006. No entanto, as quatro ilhas mais visitadas foram as do Sal, de Santiago, de São Vicente e da Boa Vista, quer por turistas vindos do estrangeiro quer por turistas nacionais.

▪ Sazonalidade

Para avaliar a sazonalidade, num país ou região, relaciona-se o número de turistas ou de dormidas, ocorridos nos meses de afluxo, com o total das entradas ou das dormidas, verificadas durante todo o ano, nesse mesmo país ou região (Cunha, 2003).

Os últimos dados obtidos junto do INE, que permitem fazer uma análise da sazonalidade da procura turística, reportam-se aos anos de 2006 e 2007 como se pode verificar no seguinte gráfico.

Figura 2.7 – Entrada mensal dos hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros entre 2006 e 2007



Fonte: INE (2008)

A observação da Figura 2.8 permite concluir que os meses de menor procura em 2006 foram os de Maio, Junho e Setembro, obtendo este último o valor mais baixo. Ainda no mesmo ano, os três meses de maior procura foram os de Abril, Agosto e Novembro. No ano de 2007, os meses com menos procura foram Maio, Junho e Setembro, enquanto os mais procurados foram os de Fevereiro, Março e Novembro, como espelha o mesmo gráfico.

Uma das características do sector turístico é a sua concentração no espaço e no tempo. O tipo de turismo praticado em Cabo Verde não é alheio a estas duas constantes. Verifica-se uma forte concentração no espaço, a ilha do Sal, e uma concentração também no tempo, com épocas alta e baixa. Estas características não são fatalidades do fenómeno turístico, pelo que podem ser minimizadas, nomeadamente, através de políticas de discriminação positiva para a descentralização espacial, da diversificação do produto turístico e de políticas de *marketing*, no sentido de incentivar o turismo doméstico.

De facto, a sazonalidade da procura turística tem efeitos directos no nível de rendimentos dos indivíduos que trabalham no sector turístico, o que poderá constituir um elemento de precariedade da mão-de-obra directa ou indirectamente afecta ao sector.

- **Estada média**

Neste ponto, avança-se com a análise da estada média dos hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros cabo-verdianos. Os dados do INE relativos ao ano de 2007 indicam que o tempo médio de estada nos estabelecimentos (média por hospedagem) é de 4,3 dias (inferior a 2006 que era de 4,6 dias), sendo que nos hotéis esse tempo atinge os 4,6 dias. Esta situação pode indiciar que, não obstante os preços mais caros praticados nos hotéis, estes são mais cómodos e os hóspedes consideram que é melhor ficarem ali alojados, visto serem na sua maioria europeus, como vimos anteriormente, e com relativo poder de compra.

O tempo médio de permanência nas ilhas é importante numa política de utilização do turismo como instrumento de desenvolvimento económico-social, na medida em que o emprego que o turismo pode gerar depende mais da duração da estada do que do número de visitantes (Cunha, 2001). Assim, entende-se que para a sustentabilidade de um destino turístico como Cabo Verde, um arquipélago com um ecossistema frágil,

seria mais conveniente o desenvolvimento de actividades recreativas e de animação para reter os turistas do que procurar aumentar o seu volume.

Os hóspedes que em média ficaram mais dias nas ilhas, em 2007, foram os italianos (6,5 dias), os ingleses (5,9 dias), os alemães (4,7 dias), os suíços (4,4 dias) os belgas e os holandeses (4,2 dias), os portugueses (3,7 dias), os austríacos (3,2) e os americanos (3,0 dias).

2.8. Síntese

Este capítulo destinou-se à caracterização do destino turístico Cabo Verde. Em termos gerais, destacou-se a sua evolução histórica, localização geográfica na costa ocidental africana, em pleno Oceano Atlântico, bem como o clima ameno, características que lhe permitem ser um destino turístico por excelência.

Esta abordagem centrou-se também nas componentes da oferta e da procura turística, destacando as entradas dos hóspedes e dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, assim como os principais mercados emissores de turistas para o Arquipélago.

Foi dado especial ênfase ao papel que o turismo desempenha tanto a nível económico como a nível social, na medida em que contribui consideravelmente para a entrada de divisas bem como para a criação do emprego. Neste caso concreto, o turismo representa um dos principais eixos de desenvolvimento económico de Cabo Verde, com efeitos macroeconómicos importantes, sobretudo, na formação do Produto Interno Bruto (PIB).

Capítulo 3. OS IMPACTES SOCIOCULTURAIS DO TURISMO E AS ATITUDES DOS RESIDENTES

3.1. Introdução

O turismo é uma actividade económica que mobiliza grandes fluxos humanos em todo o mundo, gerando elevados índices de trocas comerciais e negócios entre as regiões de emissão e recepção de turistas. Tão relevante quanto o aspecto económico da actividade turística é a dimensão social e cultural que o abriga. O turismo apresenta importantes implicações socioculturais, relacionadas tanto com os turistas, como com os residentes e com a relação turistas-residentes. No actual processo de intensificação da globalização, este sector tem-se revelado como uma das suas forças motrizes, contribuindo para a disseminação de valores, novos hábitos, costumes, tradições e o aumento da tolerância para com as diferenças, para o aumento da compreensão da ordem mundial e da paz.

A razão fundamental que torna os efeitos do turismo tão importantes e merecedores de uma análise profunda é o impacto que o seu desenvolvimento provoca. Deste modo, um aspecto da investigação do impacto social que fornece informações relevantes é a relação entre as atitudes dos residentes face aos impactes e as consequências do desenvolvimento turístico do ponto de vista desses residentes.

No âmbito da investigação em turismo, segundo Moniz (2006) houve uma evolução considerável nas abordagens que têm sido efectuadas ao envolvimento e à participação da comunidade local no desenvolvimento do turismo. Os primeiros estudos apontavam quase invariavelmente para os benefícios que o turismo poderia trazer para a comunidade receptora, contribuindo para acelerar o desenvolvimento da sociedade ou, ainda, servindo como um instrumento de desenvolvimento das regiões periféricas, de acordo com a teoria da difusão (*diffusion theory*).

Entretanto, a mesma autora salienta que houve uma mudança de atitude a partir do momento em que alguns investigadores começaram a denunciar a ocorrência de impactes negativos sobre as comunidades de destino. A atenção passa, então, a dirigir-se para o estudo dos impactes decorrentes da actividade turística sobre a comunidade, dando origem à construção de modelos de desenvolvimento por fases ou por etapas (conhecidos na literatura especializada por *stage models* ou *step models*).

De acordo com Mathieson e Wall (1982), estabelecem-se três categorias diferentes relacionadas com este tipo de impacte: turistas, residentes e a relação turistas-residentes. Esta investigação centra-se sobretudo nas duas últimas categorias, enfatizando as percepções dos residentes e as suas atitudes face ao turismo e tentando, por outro lado, explorar as suas expectativas sobre o desenvolvimento do turismo no arquipélago de Cabo Verde.

Neste capítulo, pretende-se dar conta do debate que existe em torno dos impactes socioculturais e da atitude dos residentes face ao turismo, pelo que, para a prossecução desse objectivo, é efectuada uma revisão da literatura em torno destas problemáticas.

3.2. Impactes socioculturais do turismo

Neste ponto, analisam-se os efeitos socioculturais causados pelo turismo, efeitos esses que envolvem mudanças na sociedade e cultura autóctones como consequência da presença da actividade turística e de turistas.

Segundo Ritchie e Zins (1978: 257, *apud* Mathieson e Wall, 1982), o turismo pode estimular uma renovada atenção para as formas de arte e tradições culturais antigas, muitas vezes associadas aos traços de outras partes do mundo. A investigação dos impactes culturais do turismo estará concentrada em três formas de culturas que atraem turistas:

1. “As formas de culturas imateriais ou que não envolvem directamente a actividade humana. Os turistas que visitam lugares de arquitectura e de arte originais, edifícios históricos e monumentos e compram artes tradicionais e esculturas são exemplos assinaláveis;
2. As formas de cultura que reflectem o quotidiano de um destino. ‘Estrangeiros’ visitam os autóctones para observar as suas actividades sociais, económicas e de lazer, na tentativa de compreender os seus estilos de vida e costumes, e isso representa uma motivação comum para os turistas;
3. As formas de culturas que são especialmente animadas e podem envolver eventos especiais ou descrever ocorrências históricas. Os exemplos incluem festivais musicais, o Carnaval, festivais que reflectem tradições e

comportamentos antigos, restabelecimento de batalhas e exposições de maquinarias.” (Mathieson e Wall, 1982: 159).

Duffield (1982) advoga a necessidade de considerar o impacto do turismo como uma actividade económica e social. Afirmar ainda que esses impactos compreendem mudanças estruturais a que Doxey (1975) chama “mudanças dimensionais”, isto é, os impactos que ocorrem na sequência do número crescente de turistas dentro de um destino turístico. Esta distinção é de primordial importância no reconhecimento do turismo como um agente de transformação e de mudança sociocultural. Além disso, enquanto os custos e os benefícios económicos do turismo incluem somente “os elementos reais” que podem ser medidos, há outros aspectos importantes do impacto – os custos e os benefícios sociais – que são difíceis de medir e difíceis de controlar pelas autoridades locais.

Este mesmo autor considera que o impacto social do turismo é pouco pesquisado e, comparado com os impactos físicos e económicos, entrou tarde na agenda da investigação. O autor prossegue, afirmando que as percepções dos impactos dependem do ponto de vista e/ou do grau de envolvimento dos residentes na indústria turística.

Murphy (1985) argumenta que os problemas socioculturais são basicamente causados “pela inconveniência que o turismo traz à vida local e pelas mudanças percebidas nas convicções e comportamentos tradicionais como o mercantilismo e consequências do turismo de massa para o estrangulamento de culturas locais” (Murphy, 1985: 151). Por outro lado, a participação local é considerada uma forma de controlar o desenvolvimento, de integrar o turismo noutros sectores e de produzir produtos turísticos originais. Conclui este autor que ao centrar-se “na herança e na cultura de desenvolvimento do seu produto, a indústria do turismo não só apresentará um retrato verdadeiro de um destino, como se tornará num aliado de muitos grupos de interesses públicos. Além disso, enfatizando o carácter individual de um destino, o turismo pode transformar-se numa força vital contra a homogeneização mundial da cultura” (1985: 151).

Milman e Pizam (1988) investigam as percepções dos residentes de Florida Central e as consequências dos impactos sociais do turismo. Nas suas pesquisas sustentam que os residentes não só suportam as dimensões actuais do turismo como também favorecem a sua expansão. Apesar desta “atitude positiva” total, os residentes identificam alguns

impactes positivos e negativos que o turismo causou na comunidade. Os impactes negativos percebidos foram as más condições de tráfego, crimes individuais, crime organizado, toxicoddependência e alcoolismo. Os principais impactes positivos foram na maior parte económicos: oportunidades de emprego, rendimento e padrão de vida, receitas do Estado e a qualidade de vida (Milman e Pizam, 1988).

Em relação à pergunta sobre quais foram os factores que influenciaram as atitudes dos residentes face ao turismo, “este estudo concluiu que os residentes com nível mais elevado de sustentação para o turismo na Florida Central tenderam a ser os que acreditam que a indústria do turismo melhora a imagem e a economia da sua comunidade; defendendo que a indústria do turismo não causa actividades ilegais tais como drogas, crimes e crime organizado; os trabalhos do turismo são vistos (relativamente) como respeitáveis” (Milman e Pizam, 1988: 203).

Os mesmos autores (1988), em jeito de conclusão consideram a necessidade de uma análise comparativa de resultados em situações diferentes, em contexto internacional, contribuindo desta forma para a construção de hipóteses e para o desenvolvimento de uma teoria dos impactes sociais do turismo.

Pearce (1989) observa que muitos dos estudos relacionados com o impacte sociocultural do turismo foram inicialmente apresentados no que toca aos custos sociais e culturais, mas pesquisas subsequentes tenderam a considerar igualmente as vantagens e as desvantagens que o desenvolvimento de turismo pode trazer para os diferentes destinos. O mesmo autor (1989) argumenta que o principal interesse em estudar o impacte sociocultural do turismo é a natureza e a composição dos vários grupos envolvidos e das relações existentes entre estes mesmos grupos. Pearce (1989) considera, igualmente, que a dicotomia básica de *Host and Guests*, promovido por Smith, é relevante para o estudo dos impactes sociais/culturais (Tabela 3.1).

Tabela 3.1 – Frequências de tipos de turistas e a sua adaptabilidade às normas locais

Tipos de turistas	Números de turistas	Adaptação às normas locais
Explorador	Muito limitado	Aceita completamente
Elite	Raramente visto	Adapta-se completamente
Fora do padrão	Pouco comum, mas visto	Adapta-se bem
Raro	Ocasional	Adapta-se de certa forma
Massa incipiente	Fluxo regular	Procura de padrões ocidentais
Massa	Fluxo contínuo	Expectativas de padrões ocidentais
Charter	Chegadas em massa	Exigem padrões ocidentais

Fonte: Adaptado de Smith (1989:217)

No entanto, Pearce (1989) observa que as diferenças demográficas, sociais, étnicas e linguísticas podem existir no seio da população anfitriã, e esta “pode participar em determinadas acções ou ser afectada pelo desenvolvimento turístico mais do que outras” (Pearce, 1989: 216).

Inskeep (1991) refere que a componente da investigação que se ocupa do impacto socioeconómico está abrangida por estudos atitudinais dos residentes, estudos de empresas do sector turístico e estudos de características turísticas, atitudes e testes de padrões da despesa, considerando-os todos como ferramentas importantes para obter informações de impactes socioeconómicos do turismo. Ainda segundo este investigador, os impactes ambientais, o tipo e a extensão de impactes socioculturais e económicos dependem, principalmente, do tipo e da intensidade do desenvolvimento do turismo, das características socioculturais e económicas do destino e de como o turismo é planeado, desenvolvido e gerido (1991). Por outro lado, favorece uma aproximação onde a apresentação de vários tipos de impactes e as formas de responder seja empreendida.

Citando De Kadt (1979:50), este autor considera que “o encontro entre residente e visitante ocorre em três contextos principais: a) *interacção* (quando o visitante compra um bem ou serviço ao anfitrião; b) *percepção* (quando o turista e o anfitrião se encontram lado-a-lado nos lugares de lazer, por exemplo, numa praia, numa discoteca ou num parque, etc.; c) *motivação* (quando as duas partes se vêem frente-a-frente com o objectivo de trocar informação ou ideias que facilitem o seu entendimento”. Inskeep alude a esta citação e indica igualmente que os dois primeiros são quantitativamente os mais comuns, embora o terceiro tipo de contacto ocorra quando a compreensão intercultural ou internacional é desenvolvida.

A relação residente-visitante é, deste modo, influenciada pelas características de interacção dos grupos ou de indivíduos e igualmente influenciada pelas circunstâncias sob as quais o contacto ocorre. Inskeep (1991) menciona e cita Mathieson e Wall (1982), para quem a maioria da literatura concernente ao relacionamento residente-visitante está relacionada com o turismo de massa, e refere o estudo da UNESCO (1976), onde o relacionamento é caracterizado por quatro propriedades principais: a sua natureza transitória; os constrangimentos temporais e espaciais; a falta de espontaneidade; e as experiências desiguais e desequilibradas (*apud* Mathieson e Wall, 1982: 135; ver igualmente Inskeep, 1991: 367).

Para concluir, e segundo Inskip (1991: 374), “cada situação de uma área-destino é única, e um método que é eficaz numa área não é necessariamente eficaz noutra, nem todas as técnicas são necessariamente aplicáveis numa área em particular. Em países e regiões maiores, as diferentes metodologias podem ser apropriadas em diferentes lugares”.

Para Cooper *et al.* (1993), o impacto do turismo num destino será influenciado por uma variedade de factores como:

- o volume de chegadas de turistas;
- a estrutura da economia local;
- os tipos de actividade turística;
- a diferença nas características socioculturais entre residentes e turistas; e
- a fragilidade do ambiente local.

Por outro lado, enfatizam (1993) que os impactes sociais, culturais, ambientais e económicos do turismo num destino (e o seu aumento) podem ocorrer na fase inicial da presença do visitante, com claros prejuízos numa fase mais avançada. Cooper *et al.* (1993) chamam a tais limites iniciais “limites de saturação”, mais do que a “capacidade de carga”, “dado que a última transporta alguma noção de sustentabilidade” (1993: 95). Além disso, os mesmos autores advogam (1993) que a capacidade de carga é definida como o nível de presença de turistas que provoca impactes na comunidade anfitriã, no ambiente e na economia e que é aceitável para os turistas, os residentes e a sustentabilidade. Além disso, observam (1993) que é necessário, para ajustar o número absoluto de turistas, tomar em consideração determinado número de factores como:

- a duração da estada;
- as características dos turistas/residentes;
- a concentração geográfica de turistas;
- o grau de sazonalidade.

Assim, a determinação da capacidade de carga depende de uma variedade de factores “que, seguindo o planeamento e a regulação, geram um impacto no destino. Entretanto, a capacidade de carga é inerente aos residentes locais e aos visitantes (factores externos) e ao longo do tempo este influencia o impacto e, conseqüentemente, a capacidade de carga. A capacidade de carga é um conceito mais dinâmico do que estático” (Cooper *et al.* 1993: 96).

Os factores locais e externos podem ser sumariados da seguinte forma:

Factores locais

- estrutura social;
- cultura;
- ambiente;
- estrutura económica;
- estrutura política.

Factores externos

- características dos turistas (sociais);
- tipo de actividade turística.

Segundo estes mesmos autores (1993), o impacte causado pela interacção entre residentes e turistas é um caso bem documentado, e os resultados de Smith (1989) no seu livro *Host and Guests*, com laivos (ou reminiscências) antropológicos, ganhou consenso na comunidade académica. Desta feita “todas as formas de desenvolvimento económico transportarão com elas implicações para a estrutura social e para os aspectos culturais da população. Mesmo o turismo doméstico, onde os anfitriões e os turistas são geralmente da mesma camada sociocultural, conduz à mudança social e cultural em consequência deste contacto residente/visitante” (Cooper *et al.* 1993: 98).

Cooper *et al.* (1993), defendem que os turistas não precisam de entrar em contacto directo com os residentes para que haja um impacte social. As novas oportunidades de emprego causarão a mudança social. Além disso, as novas formas de comunicação, transporte e infra-estruturas, devido ao desenvolvimento do turismo, também se adicionarão ao processo, sendo os efeitos socioculturais indirectos. Porém, os aumentos de níveis de rendimento e a propagação do sector monetarizado modificarão o comportamento do consumidor. Tal mudança (televisão, rádio, Internet, etc.) expõe os residentes a um maior leque de desejos e necessidades e “acelera” a forma de mudança social. Estes podem ser considerados efeitos socioculturais induzidos (Cooper *et al.* 1993); o valor do impacte sociocultural directo será influenciado também pela extensão da diferença das características socioculturais dos residentes e dos turistas.

A pesquisa de Brown e Giles (1994) contém resultados de um estudo exploratório baseado na suposição de que os residentes desenvolvem formas de tratamento diferente

durante as épocas altas do turismo. Segundo os mesmos autores (1994), confrontar estratégias implicaria mudanças temporárias no “comportamento dos residentes quando praticam actividades diferentes daquelas praticadas em épocas baixas”. Deste modo, de acordo com Brown e Giles (1994: 765), tais comportamentos/estratégias/confrontos “poderiam ser categorizados, usando as definições de MacCannell (1976), como sendo “defensivos” ou “directos”. O confronto defensivo envolve “autoprotecção para fugir das ameaças dos *inputs* e de qualquer paisagem mental ou física da situação traumática.

Holden (1994) encara a interpretação do turismo como um produto e as suas consequências para os países em vias de desenvolvimento interessados na expansão do turismo de forma sustentável. Observa que uma indústria se desenvolve e oferece produtos para o consumo e este por sua vez inclui as comunidades anfitriãs como parte do sistema turístico. Além disso, o mesmo autor (1994) advoga que o desenvolvimento do turismo de forma sustentável, com benefícios para futuras gerações, implica uma igualdade aceitável entre os impactes económicos, sociais e ambientais. Esta perspectiva, argumenta (1994), envolverá a consulta e a participação dos residentes na formulação e na concretização de toda a política de desenvolvimento.

Teo (1994) avalia o impacte sociocultural do turismo em Singapura. Afirma (1994) que o turismo cresceu rapidamente e foi benéfico economicamente, mas os seus impactes sociais e culturais foram positivos e negativos. Estes incluem o efeito de demonstração, o ressentimento dos trabalhadores estrangeiros, as mudanças na paisagem com exclusão dos locais, a comercialização de práticas religiosas e o desenvolvimento de mercado negro nos centros comerciais. Este autor usa o Índice de Irritação de Doxey e o Modelo de Ciclo de Vida de Butler para demonstrar “*how far these effects are tilting perceptions of tourism from an acceptable to an unacceptable activity and suggests ways in which negative impacts can be reduced*” (Teo, 1994: 126).

Inspirado em Mathieson e Wall (1982), Teo define impacte sociocultural como a forma como o turismo contribui para mudanças nos sistemas de valores, na moral e na conduta, bem como no comportamento individual, relacionamento familiar, estilo de vida colectiva, expressões criativas, cerimónias tradicionais e organizações da comunidade. Indica (1994) que os efeitos provocados nos residentes são consequências da associação directa ou indirecta com os turistas. Além disso, Teo (1994: 126-127) distingue impactes sociais e impactes culturais: “Os impactes sociais envolvem

geralmente mudanças mais imediatas na qualidade de vida e ajustamento da indústria turística nas comunidades do destino. Por outro lado, os impactes culturais aparecem como mudanças a longo prazo nas normas e nos padrões da sociedade, alterando as relações sociais da comunidade assim como as formas e materiais manufacturados.

No seu estudo, este autor (1994: 135) conclui que “em Singapura, o planeamento para os impactes do turismo foi organizado de duas formas. Primeiramente, uma mitigação dos impactes existentes, estabelecendo os controlos espaciais e temporais (por exemplo, não encorajar os turistas a visitar os bairros sociais de Singapura será uma solução). Em segundo lugar, a manipulação do mercado é entendida, igualmente, como uma forma subtil de filtrar os tipos de turistas que o país deseja. Os turistas com rendimentos elevados são igualmente desejados por países ricos e pobres, como são os turistas de negócio e convenção”.

Archer e Cooper (1994) destacam os benefícios e os custos dos impactes do turismo para os residentes e para os visitantes. Por outro lado, os primeiros não só beneficiam financeiramente como também sofrem, ao mesmo tempo, vários tipos de custos. Os mesmos autores (1994) realçam os efeitos positivos e negativos do turismo, do ponto de vista do país anfitrião ou do destino. Afirmam (1994) que o debate sobre os impactes positivos e negativos do turismo deveria incluir as noções da capacidade de carga e de como os impactes podem ser avaliados. No entanto, anotam que a dificuldade em determinar os impactes ambientais e sociais decorrentes do turismo atrasou o desenvolvimento de metodologias do impacte, mas os conceitos como o desenvolvimento do turismo sustentável e o consumo responsável do turismo são uma boa resposta aos conceitos de planeamento e gestão do turismo. Além disso, comentam que apesar dos custos e dos benefícios, o turismo impõe também ao residente uma mudança política, cultural, social, moral e ambiental e tais custos devem ser levados em consideração pelos responsáveis (*decision makers*).

Ainda segundo Archer e Cooper (1994: 78), “o turismo não está de modo algum sozinho na geração de tais ‘custos’ e é provável que outras formas de desenvolvimento possam criar efeitos negativos mais adversos e que, mais do que contrabalançar qualquer desvantagem, possam superar o turismo em termos puramente económicos. A análise de tais efeitos é do ramo do conhecimento de peritos em cada área”. Tanto quanto se preocupam com os efeitos socioculturais, estes autores (1994) sugerem a

necessidade de estudar a capacidade de carga social dos destinos que estão intimamente ligados aos modelos de planeamento do turismo baseado na comunidade (*community-based models*), e, por outro lado, defendem a quantificação de custos e benefícios socioeconómicos do turismo, a qual requer esforços conjuntos de sociólogos e economistas. Estes autores concluem que o planeamento e a definição de responsabilidades dos sectores públicos e privados são essenciais, a fim de maximizar os benefícios económicos e sociais do turismo para a população residente, enquanto, ao mesmo tempo, se mitigam ou, de preferência, eliminam os impactes adversos.

Pearce (1995) considera que na maioria das comunidades, os governos e o sector público precisarão de ser líderes na educação, na motivação e na participação da comunidade, a fim de manter o apoio comunitário para o turismo e mitigar o impacte negativo do contacto social do turismo nos residentes. No âmbito de um paradigma da comunicação e de uma conseqüente participação comunitária, Pearce (1995: 151) argumenta que, “da perspectiva da sustentabilidade sociocultural, os resultados preferidos pelas comunidades são a reconciliação, o compromisso e a consciência acrescida”. Neste sentido, o planeamento e a investigação da sustentabilidade sociocultural do turismo deveriam ser encarados como uma regra de ouro e um grande desafio para “as gerações emergentes de investigadores do turismo”.

Faulkner e Tideswell (1997) concebem um modelo a ser projectado num estudo comparativo dos impactes sociais do turismo nos destinos situados ao longo da costa oriental da Austrália. O modelo é testado num estudo de caso que envolve a estância balnear da Costa Dourada. Consideram que o estudo das reacções dos residentes da Costa Dourada apresenta algumas relações entre as diferentes percepções dos impactes do turismo e variáveis tais como o envolvimento no sector turístico, a proximidade residencial à actividade turística e o período de residência. O resultado mais notável das reacções dos residentes é a visão geralmente positiva da importância do turismo na região. Concluíram que o “excesso altruísta” (*altruistic surplus*) observado em estudos de planeamento urbano adapta-se ao turismo.

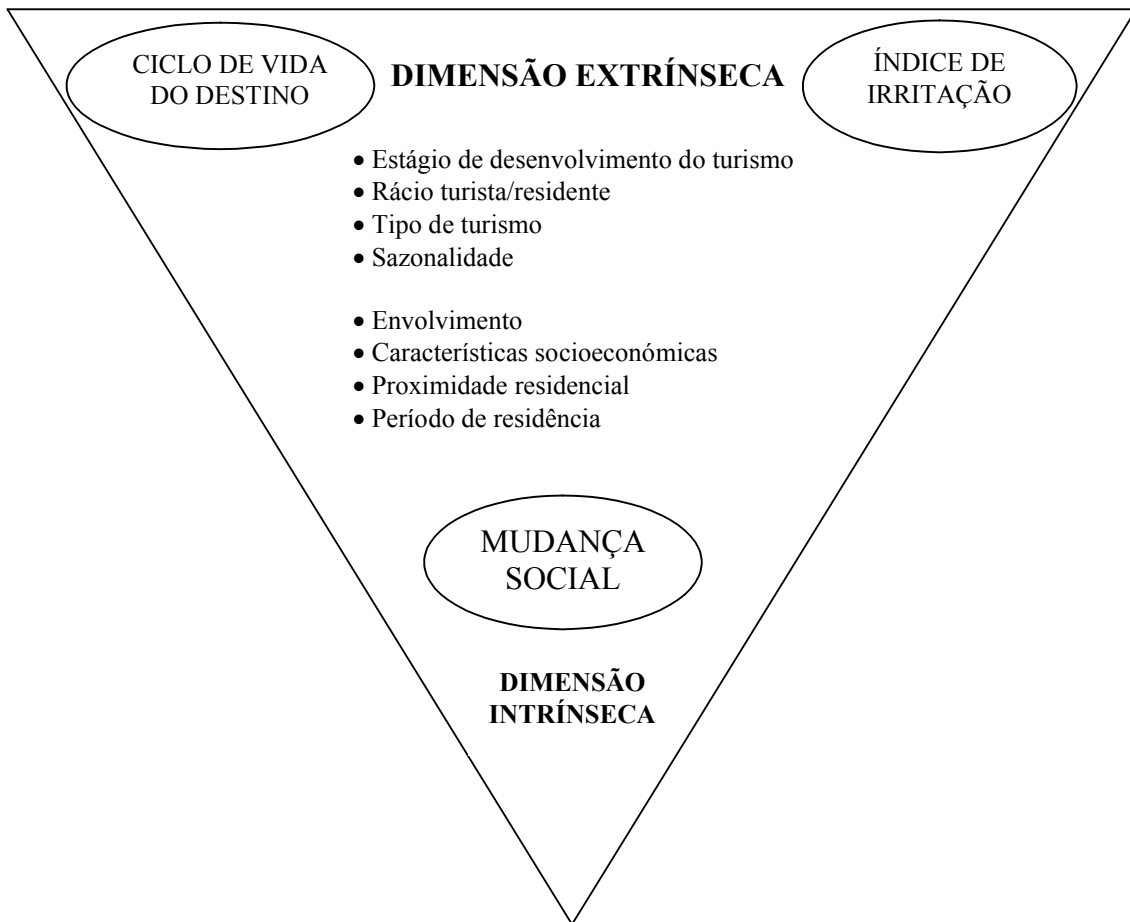
De acordo com Faulkner e Tideswell (1997: 26), “a visão positiva do turismo entre os residentes da Costa Dourada e a variação marginal na opinião, independentemente das variáveis de fundo como o período de residência, lugar de residência e participação, sugerem que o factor ‘excesso altruísta’ se possa aplicar ao turismo”. Os mesmos

autores (1997) argumentam que “no contexto do turismo, o conceito de ‘excesso altruísta’ sugere que os indivíduos toleram todos os efeitos negativos do turismo que puderem experimentar pessoalmente porque reconhecem os benefícios mais amplos desta actividade a nível comunitário” (Faulkner e Tideswell, 1997: 3). Além disso, os mesmos autores (1997) concluíram para o estudo da Costa Dourada que, contrariamente ao modelo de Doxey, os residentes nos grandes destinos turísticos (e maduros) não se tornam mais hostis em relação ao turismo e que, por outro lado, algumas comunidades se adaptam ao turismo e desenvolvem elasticidades que “permitem que os impactes sejam acomodados”. Assim, as suas conclusões podem ser sumariadas da seguinte forma:

1. A realização dos objectivos de desenvolvimento do turismo sustentável em qualquer lugar depende da execução de um regime de planeamento e de gestão que leve em consideração os impactes sociais do turismo na comunidade, bem como estratégias de incorporação enfatizando os benefícios do turismo e minimizando os impactes negativos;
2. Uma condição prévia para tal abordagem é o estabelecimento de sistemas para monitorização das reacções dos residentes para o turismo;
3. O estabelecimento de sistemas de vigilância depende do desenvolvimento de uma estrutura geral usada nos estudos comparativos de destinos diferentes.

O objectivo principal da investigação de Faulkner e Tideswell (1997) é desenvolver o modelo e testá-lo na Costa Dourada. Ver Figura 3.1.

Figura 3.1 – Modelo e análise do impacte social do turismo



Fonte: Faulkner e Tideswell (1997: 6)

O modelo usa diversas variáveis, classificando-as como extrínsecas e intrínsecas. Os residentes da Costa Dourada reconheceram os impactes positivos do turismo para a economia da região, oportunidades de emprego, a escala e o padrão dos serviços disponíveis, qualidade de vida, enriquecimento cultural, orgulho da comunidade, recursos ambientais e conservação da natureza. Entretanto, revelaram-se reticentes no que concerne aos impactes culturais do turismo e do seu efeito no ruído e no “engarrafamento” das vias rodoviárias.

3.3. Conceitos de percepção e atitude

A qualidade das relações entre as pessoas depende em grande parte da capacidade de perceber adequadamente o comportamento e a experiência do outro. Quando se vê, quando se toca ou quando se ouve, faz-se pela emoção e pela inteligência, que resultam

em ideias, o que possibilita compreender e distinguir os estímulos. Contudo, a capacidade do ser humano para apreender o mundo exterior é limitada, em decorrência da dinâmica do mundo, da complexidade do sistema perceptivo e das limitações dos sentidos.

As características pessoais podem facilitar ou dificultar o processo perceptivo. Indivíduos com problemas de relacionamento apresentam dificuldade em perceber os outros e o mundo à sua volta de forma acurada, sem deformações. Deste modo, o indivíduo que, continuamente, busca uma maior consciência sobre si, sobre o outro e o mundo, tem maior probabilidade de perceber as situações e de se relacionar, diferentemente daquele que se comporta de maneira rígida, preconceituosa, em face dos valores dos outros, quando estes são diferentes dos seus.

O conceito de percepção foi definido por King (1981) como uma representação da realidade de cada ser humano. É universal porque todas as pessoas têm percepção, embora possa ser subjectiva, pessoal e selectiva para cada uma. A partir da percepção do meio social e dos outros, organizam-se as informações recebidas e relacionam-se com afectos positivos ou negativos, o que predispõe favorável ou desfavoravelmente em relação às pessoas, situações ou objectos. Estas predisposições chamam-se atitudes.

No entanto, o estudo das atitudes não é propriamente uma área recente nas ciências sociais. Segundo Aersa (2007) existe uma significativa produção científica ligada quer à sociologia quer à psicologia social que versa sobre a atitude. Por outro lado, Oppenheim (1996) defende que o estudo das atitudes não teve uma história fácil na psicologia social e há um consenso entre investigadores quanto à definição da atitude como um estado de prontidão, uma tendência para responder de forma particular quando confrontados com determinados estímulos. Com efeito, o mesmo autor reitera que as atitudes manifestam-se em geral no discurso ou no comportamento somente quando “o objecto da atitude é percebido”. Além disso, as atitudes são reforçadas pelas crenças (componente cognitiva) e pelo sentimento (componente emocional).

Para Riley (1996: 75), a atitude é “uma resposta predisposta às situações, objectos, povos e outras áreas autodefinidas da vida. Tem uma componente perceptiva e outra afectiva. A última produz um sentido na atitude – positivo ou negativo. Esta, por sua vez, pode ser influência do elemento perceptual – nós vemos aquilo que queremos ver!”

Clark *et al.* (1998) apresentam como características-chave das atitudes:

1. O foco e a flexibilidade;
2. A relação com os sentimentos;
3. As atitudes “vivem” no grupo.

Além disso, as atitudes imutáveis são associadas às âncoras e aos suportes; as atitudes são ancoradas nos valores, na cultura, no comportamento habitual e no comportamento aprovado (Clark *et al.* 1998). Os mesmos autores (1998: 119) focam o carácter das atitudes da seguinte forma:

- “Estão relacionadas com um objecto, uma pessoa, uma ideia, uma parte do comportamento no ambiente individual;
- Influenciam a percepção, actuando na forma como o indivíduo recolhe a informação. Por sua vez, este relacionamento torna-se recíproco. Influenciam a formação de objectivos;
- São apreendidas e duradouras; e
- Implicam a avaliação e o sentimento”.

Os mesmos autores (1998) afirmam que se a intenção de se comportar é posta entre atitudes e a medida certa de comportamento, pode-se produzir algumas predições. Além disso, esta tarefa consiste então em “encontrar atitudes dentro da investigação através da manipulação de conhecimentos associados assumidos e adoptar grandes constructos” (Clark *et al.* 1998: 122). As atitudes são predisposições que determinam a acção do indivíduo de acordo com uma opinião formada de maneira implícita ou explícita. Neste sentido, Allport (1929) define atitude como um estado mental e neuronal de prontidão, organizado através da experiência, que exerce uma influência dinâmica sobre o comportamento do indivíduo às situações ou objectos com os quais está relacionado. A atitude provoca um determinado comportamento, favorável ou desfavorável, afirmativo ou negativo, perante um objecto com o qual o indivíduo está relacionado.

Relativamente ao turismo, Moscardo (2000) entende que os residentes de comunidades receptoras de turistas podem mudar substancialmente a sua atitude com o crescimento das actividades turísticas. No entanto, a maioria dos residentes pode não participar ou beneficiar económica ou socialmente de forma significativa no processo de desenvolvimento do turismo. Esse desenvolvimento pode provocar uma variedade de

impactes negativos e positivos entre os membros da comunidade. O turismo está relacionado com mudanças sociais e isso leva a um rápido e amplo crescimento, representando avanços na comunidade, padrões de vida mais altos e um total enriquecimento sociocultural que leva a percepções do bem-estar.

Existem grupos específicos de residentes com atitudes mais positivas face ao turismo do que outros. Os membros das comunidades locais com interesses comerciais no turismo têm atitudes mais positivas relativamente à indústria turística do que outros residentes sem qualquer ligação ao sector em causa. Todavia, uma grande variedade de atitudes da comunidade em relação à indústria turística leva à construção de vários modelos da relação residente-visitante (*host and guest relationship*) nas ciências sociais, nos quais incorporam as atitudes positivas e negativas do turismo na comunidade. Observa-se, assim, que as atitudes são apreendidas e passíveis de serem modificadas conforme o grau de envolvimento no sector.

3.4. Atitude dos residentes face ao turismo

Surgindo com maior destaque nos meados da década de 70, o debate sobre atitudes e percepções dos residentes face ao turismo é um fenómeno relativamente recente e tem constituído uma grande área de investigação em turismo. A preocupação em estudar e perceber o fenómeno turístico tendo como cenário a atitude e a percepção dos residentes é imprescindível em qualquer destino turístico.

Existe já uma apreciável literatura que aborda esta temática e importa sublinhar que as reacções dos residentes em relação ao turismo têm sido alvo de investigação intensa ao longo dos últimos 30 anos (Pizam, 1978; Dean e Wu, 1979; Belisle e Hoy, 1980; Pearce, 1980; Loukissas, 1982; Getz, 1983; Var *et al.* 1985; Um e Crompton, 1987; Perdue *et al.* 1990; Ap, 1990; Ap e Crompton, 1993; Haralambopoulos e Pizam, 1996; Jurowski *et al.* 1997; Hillery *et al.* 2001; Kuvan, 2005; Gu e Wong, 2006; Jackson e Inbakaran, 2006; Zhang *et al.* 2006; Kitnuntaviwat e Tang, 2008). Todavia, alguns investigadores concluíram que as atitudes dos residentes face aos impactes do turismo são heterogéneas, ou seja, são diversas e longe de serem homogéneas. Deste modo, muitos estudos focam os seus objectivos na identificação de diferenças de atitudes face ao turismo entre os moradores de uma comunidade com diferentes origens (Brougham e

Butler 1981; Husbands, 1989; Ap e Crompton, 1993; Ryan e Montgomery, 1994; Lawson *et al.* 1998; Mason e Cheyne, 2000). Além disso, alguns investigadores desenvolveram uma escala de atitude com vários itens com o objectivo de medir as atitudes dos residentes face ao turismo e de avaliar os factores que influenciam essas atitudes (Lankford e Howard, 1994; Harril, 2004; Jackson e Inbakaran, 2006).

Butler (1980), num influente artigo intitulado *The concept of a tourism area life cycle*, postula uma ligação entre o desenvolvimento turístico e a atitude dos residentes face aos turistas. Enquanto o número de visitantes aumenta numa região, os residentes que no início eram esmagadoramente favoráveis nas suas atitudes em relação aos turistas tendem a desenvolver reservas crescentes a respeito dos benefícios a longo prazo da presença desses visitantes. Isto pode acontecer porque as expectativas *a priori* dos benefícios do turismo eram irrealistas (e assim sendo incapazes de serem cumpridas), ou porque os benefícios percebidos apenas favorecem um pequeno grupo de pessoas. Alternativamente, embora as expectativas dos benefícios tenham sido realizadas, os custos ambientais ou sociais, ao terem sido inicialmente negligenciados, levaram a que os residentes duvidassem que os visitantes trouxessem vantagens para as suas localidades.

Um e Crompton (1987) propõem um método de medição do nível de ligação dos residentes a uma determinada comunidade local. Estes autores concluem que existem correlações inversas entre a percepção negativa do impacte do turismo e os seus níveis de ligação. Com excepção da qualidade ambiental da sua comunidade, os residentes com maior ligação à comunidade em termos de lugar de nascimento, herança e anos de residência, entendem menos positivamente o impacte turístico e as suas consequências na sua área-destino. Estes autores (1987) concluem, ainda, que os residentes não são homogéneos e que novos e antigos residentes podem ter percepções diferentes sobre os impactes do turismo.

Milman e Pizam (1988) investigam as percepções dos residentes sobre as consequências sociais e os impactes do turismo na Florida Central. O estudo revela que os residentes não só suportam a indústria do turismo, como favorecem a sua expansão. Entretanto, este sentimento positivo identifica também alguns impactes positivos e negativos nas suas comunidades. Além disso, o mesmo estudo realça uma relação entre a sustentação para o turismo na Florida Central e as percepções das consequências do turismo por

parte dos residentes. Os mesmos autores destacam finalmente o interesse pelas comparações nacionais transversais.

Ap (1992) apresenta um modelo de processo da mudança social como base teórica para compreender os motivos que levou os residentes a perceber os impactes do turismo positiva ou negativamente. Ap (1992) argumenta que o termo “percepção” é usado para descrever as disposições perante o turismo, ao invés da atitude. Além disso, sugere (1992) que os residentes avaliam o turismo nos termos da mudança social, isto é, nos termos dos benefícios ou dos custos previstos, obtidos no retorno dos serviços que prestam. Por outro lado, assume-se que os residentes, como actores e jogadores, procuram o desenvolvimento do turismo a fim de satisfazer as suas necessidades económicas, sociais e psicológicas e melhorar o bem-estar da comunidade.

Para Ap (1992: 669), “mesmo numa comunidade onde o turismo seja imposto por outros contra a sua vontade, existe ainda uma oportunidade para avaliar a mudança, desde que seja visto como um processo dinâmico. Nestas circunstâncias, é provável que a mudança seja percebida negativamente: por um lado, há um desequilíbrio de benefícios e custos entre os actores e, por outro, não há nenhuma estabilidade no relacionamento nem existe uma manutenção em termos da motivação e da lealdade”.

Entretanto, os benefícios decorrentes da mudança podem ser percebidos pelos residentes como compensação dos custos e as “percepções podem mudar para uma disposição mais positiva”, apesar de alguma reacção inicial contrária. Todavia, os actores são descritos como participantes na mudança e na satisfação das suas necessidades e fornecem uma base racional ancorada na mudança social. Assim, dentro desta estrutura, “sugere-se que quando a troca de recursos (expressa nos termos do poder) entre residentes e turismo é elevada e equilibrada, ou elevada pelos actores locais numa relação desequilibrada, o impacte turístico é visto positivamente pelos residentes” (Ap, 1992:685).

Getz (1994), apesar de notar que nem todas as questões teóricas podem ser levadas em consideração no estudo de caso de Spey Valley, Estados Unidos da América, esboça diversas questões da investigação com vista à sua revisão teórica. Essas questões são as seguintes (Getz, 1994: 249):

1. “Houve mudanças nas atitudes durante um longo período de tempo e, em caso afirmativo, o que as explica?”
2. Os resultados neste estudo de caso sustentam o recurso à teoria da mudança social para explicar as atitudes dos residentes face ao turismo?
3. Quais são as implicações teóricas da medida da percepção e da atitude para uma melhor compreensão dos impactes do turismo a longo prazo? Ademais, muitas implicações práticas para o planeamento e a política do turismo são avaliadas na área de estudo do caso.”

Entretanto, Getz (1994) afirma que os resultados deste estudo não podem ser generalizados para uma aplicação mais ampla, porque Spey Valley é uma área rural com poucas oportunidades de desenvolvimento e porque os residentes estão cientes das consequências da sua dependência turística. Todavia, este estudo contribui para a compreensão da causa do impacto do turismo e da consequente formação da atitude dos residentes.

Smith e Krannich (1998) afirmam que muitas comunidades rurais vêem o turismo como o principal travão do declínio económico, embora reconheçam que o crescimento do turismo pode causar impactes sociais negativos. Este estudo analisa em que medida os residentes de comunidades rurais percebem os impactes negativos do aumento do nível de desenvolvimento do turismo. Especificamente, o estudo avalia uma hipótese sugerida na investigação recente, aqui chamada hipótese de “dependência do turismo”, que “indica um relacionamento directo entre o nível de desenvolvimento experimentado do turismo numa comunidade e a presença de atitudes negativas dos residentes em relação ao turismo” (Smith e Krannich, 1998: 786).

Os resultados deste estudo suportam a hipótese de existência de uma tipologia de comunidades com experiências diferentes em termos de crescimento turístico, que inclui três perspectivas face ao turismo: comunidades “*tourism-saturated*”, que se encontram em destinos que alcançaram um grau elevado de desenvolvimento e em que os residentes não querem que o turismo cresça mais; comunidades “*tourism-realized*”, que se verificam em destinos com um nível moderado de crescimento turístico e em que existe ambivalência de opiniões entre os residentes relativamente ao desejo de mais turismo para o futuro; e, por último, comunidades “*tourism-hungry*”, que podem ser

encontradas em destinos onde os residentes anseiam por mais turismo como forma de aumentar o ritmo de crescimento da economia local.

Kathleen *et al.* (2000) estudam a relação entre a atitude dos residentes face ao turismo e as opções de desenvolvimento do turismo. Este estudo explora as relações entre as atitudes dos residentes perante o turismo e o apoio a opções específicas de desenvolvimento do turismo. Além disso, as atitudes e apoios relativos ao desenvolvimento são comparados em sete comunidades diferentes. Os resultados indicam que as comunidades diferem quanto aos apoios dos residentes e às opções específicas de desenvolvimento e atitudes em relação ao turismo. No geral, os residentes encaram o turismo positivamente e apoiam a maioria dos tipos específicos de desenvolvimento. Há uma relação entre atitudes e apoio ao desenvolvimento, embora a natureza da relação seja diferente para cada comunidade.

Num estudo de cinco condados rurais nas imediações de um parque nacional, Gursoy e Jurowski (2002) descobrem que, nesse local, os grandes utilizadores do parque tinham percepções negativas dos benefícios do turismo e não estavam dispostos a apoiar o seu desenvolvimento. Os autores afirmam que as percepções negativas poderão ser o resultado do medo dos residentes, que temem que, se o número de visitantes aumentar, a possibilidade de usar a área de recreio possa ser posta em causa. Gursoy e Jurowski concluem que o planeamento turístico deveria incluir a protecção do uso dos residentes da área de recreio ou aumentar a sua possibilidade de utilização.

De acordo com Andriotis (2005), a indústria turística está dependente da hospitalidade da comunidade local e, conseqüentemente, deve ser desenvolvida de acordo com as necessidades e desejos da comunidade anfitriã. Neste sentido, porque a atitude da comunidade local é essencial para a satisfação do visitante e para a repetição da visita, Sheldon e Abenoja (2001), bem como Swarbrooke (1993), consideram que a medida das percepções da comunidade anfitriã para o desenvolvimento do turismo desempenha um papel vital no futuro sucesso de um destino.

De uma forma geral, os resultados encontrados nos vários estudos efectuados ao longo dos últimos anos sobre este tema não são coincidentes. Alguns autores concluem que a ligação à comunidade local se traduz num sentimento de apoio ao crescimento turístico (Brougham e Butler, 1981; Jurowski *et al.* 1997). Outros autores, todavia, chegaram a

conclusões diferentes (Lankford e Howard, 1994). As comunidades diferem no seu nível de sustentação e os investigadores encontram, em alguns casos, características pessoais diferenciadoras das atitudes, tais como o rendimento, o grau de dependência do turismo, e até mesmo a capacidade de possuir ou arrendar uma casa pode prenunciar atitudes na comunidade em análise (Snaith e Haley, 1999). Contudo, McGehee e Andereck (2004)¹², citados por Andriotis (2005), concluem que a maioria das características pessoais não influenciam a percepção dos impactes quando direccionadas para o benefício percebido do turismo.

Lepp (2007) faz uma pesquisa centrada na aldeia rural de Bigodi, no Uganda. A atracção principal desta aldeia é a existência de uma área florestal gerida por uma cooperativa de turismo local. Os turistas são guiados através da floresta, em busca de primatas e pássaros tropicais. Esta pesquisa estuda as atitudes dos residentes em relação ao turismo. Os dados foram recolhidos e analisados qualitativamente e os resultados mostram que os residentes têm atitudes positivas em relação ao turismo. Estas resultam da crença dos residentes de que o turismo potencia o desenvolvimento da comunidade, melhora os mercados agrícolas, gera lucro e, finalmente, que o turismo traz boa sorte. Usando a “Teoria da Acção Racional”, desenvolvida por Ajzen e Fishbein (1980), foi colocada a hipótese de que as atitudes positivas conduziriam a um comportamento em prol do turismo.

Existem inúmeros factores que influenciam a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo. Segundo Harril (2004), esses factores podem ser elencados em factores socioeconómicos, factores espaciais e factores da dependência económica. Na mesma linha de pensamento de Harril, outros investigadores como Jackson e Inbakaran (2006) indicam a existência de quatro factores que influenciam a atitude dos residentes face ao turismo e o seu desenvolvimento, classificando-os da seguinte forma: factores demográficos, factores pessoais, factores sociais e factores da dependência económica.

Os factores socioeconómicos, indicados por Harril (2004), têm sido usados frequentemente pelos investigadores da área do turismo para explicar as atitudes dos residentes. Nesses estudos são utilizados variáveis como rendimento, etnia (*ethnicity*) e

¹² McGehee, N. e K., Andereck (2004) Factors Predicting Rural Residents' Support of Tourism, *Journal of Travel Research*, 43 (2) 131-140.

permanência, em muitos casos como parte de hipóteses formais no que toca à atitude dos residentes. No entanto, e de uma forma geral, estas variáveis são incluídas simplesmente como uma parte normal de instrumentos de pesquisa. Identificadas por Park e Burgess (1921) da Escola de Chicago, e incluídas num *systemic model* desenvolvido por estes autores, estas variáveis são importantes para o desenvolvimento da comunidade, mas supõe que esta ligação enfraquece na ausência de laços formais e informais (Ritzer, 1996). No entanto, apesar de numerosos investigadores explorarem a relação entre variáveis socioeconómicas e atitudes dos residentes, a literatura sugere que estes factores desempenham um papel relativamente menor, e às vezes contraditório, na explicação da variação da atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo (Perdue *et al.* 1990).

Outros investigadores utilizaram diferentes variáveis socioeconómicas para determinar quais podem ter efeitos de influência. Por exemplo, usando uma análise de segmentação num estudo levado a cabo na Escócia, Brougham e Butler (1981) identificam nas atitudes dos residentes diferenças significativas relacionadas com as características pessoais e locais, contacto com turistas, duração da permanência, idade e idioma. Num outro estudo realizado no Norte de Gales, Sheldon e Var (1984) descobrem novas evidências, sugerindo que as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento do turismo são culturalmente limitadas, reconhecendo que os nativos e falantes galeses eram mais sensíveis aos impactes sociais e culturais do turismo do que os não nativos e não falantes galeses.

De forma semelhante, num estudo realizado no New Braunfels, Texas, Um e Crompton (1987) descobrem que a etnia era um factor na atitude face ao desenvolvimento do turismo, apontando que quanto mais ligado um residente estiver à comunidade em relação ao local de nascimento, herança e duração de residência, menos positivamente percebe o impacte, denunciando expectativas adversas na qualidade do ambiente. No entanto, embora se encontrem variações significativas nas atitudes face ao desenvolvimento do turismo por subgrupos demográficos, Liu e Var (1986) estudam os residentes do Havai e não encontram diferenças significativas nas atitudes baseadas na etnia e na duração de residência.

Corroborando os resultados do estudo de Liu e Var (1986), Allen *et al.* (1993) aplicam um estudo de caso em 10 comunidades rurais do Colorado e não foram encontradas

diferenças significativas na relação entre a duração da residência e as atitudes face ao desenvolvimento do turismo. Porém, Girard e Gartner (1993) sublinham que, a curto e longo prazo, os portadores de segundas residências em Wisconsin, apreciaram a viabilidade dos bens e serviços para o incremento do turismo, embora os residentes a longo prazo não desejem um elevado aumento do desenvolvimento do turismo. De forma semelhante, quer McCool e Martin (1994) quer Williams *et al.* (1995), em estudos em Montana e Virgínia, respectivamente, concluem que os residentes a longo prazo têm uma percepção menos favorável face ao turismo do que os residentes de curta duração.

Tomljenovic e Faulkner (1999) realizam um estudo na Costa Dourada, Austrália, e concluem que tanto os residentes mais velhos como os residentes mais novos se inclinam favoravelmente para o desenvolvimento do turismo. Todavia, os residentes mais velhos são mais tolerantes para com os turistas internacionais e menos preocupados com as adversidades dos impactes ambientais causados pelo turismo. Cavus e Tanrisevd (2002), num estudo realizado em Kusadasi, Turquia, encontram uma relação significativa entre a idade e a duração da residência e atitude face ao desenvolvimento do turismo; porém, ao contrário de Tomljenovic e Faulkner (1999), aqueles autores mostram que os residentes mais velhos têm percepções mais negativas do que os jovens.

Em relação ao género, Mason e Cheyne (2000), numa pesquisa desenvolvida junto das comunidades rurais da Nova Zelândia, concluem que as mulheres têm uma oposição maior ao desenvolvimento do turismo em relação aos homens, devido aos impactes negativos percebidos, tais como o crescimento do tráfego, o barulho e o crime, embora reconheçam benefícios positivos, incluindo as infra-estruturas (*facilities*) turísticas nas comunidades e benefícios económicos regionais. Num estudo em Charleston, Carolina do Sul, Harrill e Potts (2003) também concluem que o género é um prognóstico significativo para os benefícios económicos do turismo porque as mulheres manifestam uma opinião mais negativa do que os homens relativamente ao seu desenvolvimento. Os autores sugerem que estas diferenças podem ser atribuídas aos salários tradicionais e às diferenças ocupacionais. No entanto, também afirmam que este resultado talvez esteja relacionado com as perspectivas feministas concernentes às mulheres e ao espaço urbano (Ritzdorf 1995), com algumas mulheres associando o crescente volume de

turistas ao decréscimo da segurança e aos benefícios económicos marginais. Usando a análise do Qui-quadrado, estes autores não encontram nenhuma associação significativa entre género e o item de investigação “turismo tem aumentado o crime em Charleston”, embora argumentem que o crime e a segurança são percebidos de forma diferente pelos residentes urbanos.

Além de factores socioeconómicos, a literatura analisada apresenta percepções influenciadas pela concentração ou arranjo espacial da actividade turística, o impacte económico do turismo (incluindo mudanças sociais e ambientais) e tipos de atitudes dentro de grupos de residentes ou comunidades (Tabela 3.2).

Tabela 3. 2 – Literatura sobre atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo

Característica	Fonte
Factores socioeconómicos	Allen <i>et al.</i> (1993); Brougham e Butler (1981); Cavus e Tanrisevdi (2002); Girard e Gartner (1993); Harrill e Potts (2003); Liu e Var (1986); Mason e Cheyne (2000); McCool e Martin (1994); Sheldon e Var (1984); Snaith e Haley (1999); Tomljenovic e Faulkner (1999); Um e Crompton (1987); Williams e Lawson (2001).
Factores espaciais	Belisle e Hoy (1980); Gursoy e Jurovski (2002); Harrill e Potts (2003); Korça (1998); Pearce (1980); Pizam (1978); Tyrell e Spaulding (1984)
Factores da dependência económica	Akis <i>et al.</i> (1996); Andressen e Murphy (1986); Caneday e Zeiger (1991); Cooke (1982); Evans-Pritchard (1989); Haralambopoulos e Pizam (1996); Haukeland (1984); Husbands (1989); Jordan (1980); Lankford (1994); Lawson <i>et al.</i> (1998); Liu <i>et al.</i> (1987); Long (1996); Martin <i>et al.</i> (1998); Pizam (1978); Pizam e Pokela (1985); Prentice (1993); Ross (1992); Soutar e McLeod (1993); Thomason <i>et al.</i> (1979); Tyrell e Spaulding (1984); Var <i>et al.</i> (1985).
Medição de atitudes face ao desenvolvimento do turismo	Ap e Pang (2002); Ap e Crompton (1998); Kang <i>et al.</i> (1996); Lankford (1994); Lankford <i>et al.</i> (1995); Lankford e Howard (1994)

Fonte: Adaptado de Harril (2004)

No que diz respeito aos factores espaciais, também indicados por Harril (2004), alguns autores têm investigado a relação existente entre o espaço urbano e certas atitudes perante o desenvolvimento do turismo, tentando fazer ligações entre atitudes em zonas de residência específica ou de turismo e a distância física entre residentes e turistas. Baseados nas variáveis de dimensão (*size*), distância e localização, o “modelo linear” de desenvolvimento da comunidade de Toennies, Durkheim, Simmel e Wirth sustentam que a ligação enfraquece quando a população e densidade aumentam, permitindo

assumir que quanto mais próximo um residente viver da zona de concentração da actividade turística, mais negativa será a sua percepção relativa ao desenvolvimento do turismo. Tão importante é esta relação que Hester (1993) realizou um estudo junto dos residentes do litoral de Manteo, Carolina do Norte, em que estes definiram como “estrutura sagrada” a sua comunidade e lugares como o porto e o comércio tradicional, consideradas importantes para a qualidade de vida da comunidade. Esta informação pode ser relevante para a localização apropriada de actividades turísticas, assim como na determinação de áreas adequadas para o seu desenvolvimento.

Num estudo pioneiro aos residentes de Cape Cod, Massachusetts, Pizam (1978) sustenta a “hipótese de que uma grande concentração de turistas numa área-destino causa atitudes negativas por parte dos residentes para com os visitantes e o turismo em geral”. Paralelamente, esta pesquisa “confirma a hipótese de relação entre a dependência económica de um indivíduo face ao turismo e sua atitude perante esta actividade”. O estudo acrescenta que “quanto mais um indivíduo depende do turismo, como meio de subsistência, mais positiva é a sua atitude em relação ao turismo” (Pizam, 1978: 12).

Pesquisas subsequentes encontram aspectos mais complexos para esta relação. Por exemplo, Tyrell e Spaulding (1984) concluem que os residentes de Rhode Island favorecem totalmente o crescimento do turismo mas são menos favoráveis em relação à localização das actividades do turismo, pois elas obrigam-nos a fecharem-se em casa por causa da confusão e do lixo. Além do mais, Pearce (1980) adverte que os residentes de Harrison County, West Virginia, que vivem em áreas urbanas avaliam as reacções da comunidade em relação aos viajantes não americanos positivamente, ao passo que a localização de centros urbanos foi associada às percepções negativas por parte de viajantes estrangeiros.

Harrill e Potts (2003), num estudo levado a cabo no centro histórico de Charleston, Carolina do Sul, concluem que os residentes (*South of Broad*) com atitudes mais negativas face ao turismo nessa cidade foram localizados no centro turístico (*tourism core*) e receberam a maioria dos impactes negativos, ao passo que outros residentes com atitudes mais positivas estavam mais distantes desses centros e receberam menos impactes. Esta diferença espacial entre zonas residenciais contradiz os resultados de Belisle e Hoy (1980), que afirmam que, com o aumento da distância de zonas turísticas, os impactes positivos são percebidos menos favoravelmente. No entanto, deve-se ter em

atenção que este estudo decorreu em Bogotá, Colômbia, onde uma grande fatia da população urbana depende do turismo.

Contrariamente, Korça (1998) sublinha que os residentes de Antalya, Turquia, que apoiam o desenvolvimento do turismo não vivem nas proximidades dos centros turísticos. Com base neste e no seu estudo, Harrill e Potts (2003) afirmam que as atitudes no que se refere ao desenvolvimento do turismo se definem parcialmente em função da localização espacial e da dependência económica do turismo: os residentes das zonas que sofrem a maioria de impactes e que não dependem economicamente do turismo terão atitudes mais negativas em relação ao desenvolvimento do turismo, relativamente a outros residentes.

O factor da dependência económica, o último indicado por Harril (2004), é aquele que tem efeitos mais imediatos nas comunidades locais, dada a facilidade que o turismo tem de gerar receitas. A dependência económica a longo prazo interessou os investigadores das ciências sociais, que tentaram prognosticar as atitudes baseadas nos benefícios económicos ou na posição económica no seio de uma comunidade. Neste contexto, a teoria da mudança social foi muitas vezes usada para explicar a influência da mudança material e psicológica na atitude dos residentes.

Consequentemente, os investigadores do turismo vêem o relacionamento entre atitudes dos residentes e a dependência económica através de várias perspectivas, desde um único indivíduo a uma comunidade inteira, com a hipótese predominante e óbvia de que uma pessoa ou uma comunidade que depende das receitas do turismo (*tourism dollars*) tem atitude mais positiva face ao seu desenvolvimento. Esta hipótese tem sido confirmada na literatura, de Pizam (1978) a Vesey e Dimanche (2000), embora os investigadores encontrem dimensões distintas na relação entre as atitudes dos residentes e a dependência económica.

Por exemplo, muitos residentes e comunidades desenvolveram mecanismos de imitação interessantes para continuar a desfrutar dos benefícios económicos do turismo. Numa pesquisa etnográfica realizada numa aldeia de Vermont, Jordan (1980) refere que os residentes nativos tentam salvar o seu futuro económico ao criar uma cultura falsa do seu povo – uma cultura estereotipada construída para turistas –, conservando aspectos seleccionados da sua cultura tradicional.

No entanto, nem todos os residentes podem desenvolver tais mecanismos de imitação. Cooke (1982), por exemplo, num estudo realizado em duas comunidades Britânicas de Columbia, sublinha que potenciais empregos e rendimentos não foram vistos como significativos pelos residentes, que percebem que o turismo também aumenta o custo de vida.

Deste modo, a maioria dos indivíduos e comunidades que não recebem benefícios económicos decorrentes do crescimento do turismo não apoiarão o desenvolvimento de mais turismo, como notam Martin *et al.* (1998), no seu estudo das atitudes dos reformados face ao turismo em Hilton Head, Carolina do Sul. O turismo nesta comunidade é frequentemente confundido e é determinado pelos indivíduos que estão na melhor posição social e económica para usufruir dos seus benefícios, tais como os homens de negócios e funcionários públicos, como determinado por Tyrell e Spaulding (1984) no seu estudo em Rhode Island.

De forma semelhante, Husbands (1989) descobriu, nas áreas das Cataratas Victória, na Zâmbia, que os altos funcionários administrativos eram mais favoráveis ao turismo do que a baixa classe administrativa. Estes estudos ilustram os interesses que a máquina de crescimento urbano (*urban growth machine*) podem formar à volta do desenvolvimento do turismo. No entanto, não são sempre os *movers* e os *shakes* (batedores) que apoiam o desenvolvimento do turismo. Por exemplo, Soutar e McLeod (1993) realçam no seu estudo em Fremantle, Austrália, que uma grande parte dos residentes percebem que o evento de corridas de veleiro (*sailboat*) da Copa Americana tem melhorado a qualidade de vida e tem garantido benefícios económicos a longo prazo.

A maioria da literatura especializada nesta matéria demonstra que os residentes podem reconhecer os aspectos positivos e negativos da dependência económica do turismo. Por exemplo, Thomason *et al.* (1979), num estudo em Corpus Christi, Texas, descobrem que os residentes tiveram uma percepção positiva dos turistas que os visitam no Inverno, embora tenham sentido mais pressão nos recursos locais. Os empresários de Corpus Christi eram os mais positivos relativamente ao desenvolvimento do turismo, embora previsivelmente desagradados com o nível de gasto dos visitantes.

Num estudo aos residentes no *resort* turco de Marmaris, Var *et al.* (1985) concluem que os residentes percebem que o turismo provoca o aumento do preço das propriedades,

embora reconheçam que cria negócios e reduz o desemprego.

Liu *et al.* (1987), num estudo no Havai, Gales do Norte e Istambul, Turquia, acham que os residentes estavam preocupados com os impactes ambientais causados pelo turismo, incluindo o aumento de lixo e a degradação ecológica, apesar dos benefícios económicos.

Ross (1992), num estudo na cidade turística australiana de Cairns, realça que as atitudes positivas foram associadas ao aumento do lazer e das actividades económicas, ao passo que atitudes negativas foram associadas ao aumento de custos do alojamento.

Prentice (1993), num estudo nos Peninos, Norte da Inglaterra, salienta que os residentes entendem que o turismo é benéfico para alguns sectores económicos, embora poucos residentes, individualmente, reivindicassem beneficiar do turismo.

Num estudo semelhante, Lankford (1994) observa que os residentes da região de Columbia George, em Washington e Oregon, concordam que o turismo desempenha um papel económico importante na comunidade na criação de emprego, embora discordem do desejo de empregos turísticos e do papel do turismo no melhoramento dos padrões de vida.

Os residentes têm muitas vezes noção da importância económica do turismo na sua comunidade. Por exemplo, Lawson *et al.* (1998) revelam que os residentes de 10 comunidades da Nova Zelândia estavam preocupados com a hipótese de que dinheiro gerado pelo turismo não permanecesse no país, demonstrando uma preocupação com as “fugas” do rendimento do turismo da economia local. Outras investigações sugerem que os residentes chamam a atenção para os impactes negativos, incluindo os reduzidos benefícios económicos, tais como salários baixos, mas ainda assim apoiam o desenvolvimento turístico, normalmente na esperança de benefícios económicos no futuro.

Neste sentido, Andressen e Murphy (1986), num estudo em duas comunidades canadianas localizadas ao longo da maior linha de transporte desse país, realçam que os benefícios percebidos do turismo excederam significativamente os impactes negativos. Os autores descobrem que a localização e a função das comunidades como “corredores de viagem” não criaram problemas sociais ou ambientais, pelo que os residentes

estavam interessados e preferiram um aumento dos benefícios do turismo.

Na ilha grega de Samos, Haralambopoulos e Pizam (1996) verificaram que apesar de causar impactes negativos, tais como aumento dos preços, uso da droga, vandalismo, violência e assédio sexual, os residentes não só apoiam o nível actual do turismo como também favorecem a sua expansão.

Os jogos nos casinos tornam-se rapidamente numa forma importante de rendimento para muitas comunidades, apesar das controvérsias à volta dos seus impactes sociais e económicos, potencialmente sérios. É compreensível que, um número crescente de investigadores do turismo tenha analisado os seus impactes na vida das comunidades.

Pizam e Pokela (1985) ao analisarem este problema nos residentes de duas comunidades de Massachusetts, verificaram existir opiniões opostas: alguns pensaram que um projecto local para a construção de um casino poderia melhorar o seu padrão de vida e criar empregos, assim como aumentar o divertimento e as oportunidades de recreação; outros temeram que esse casino alterasse negativamente a imagem da comunidade e resultasse em crimes e congestionamento (*congestion*).

Outras investigações sugerem uma articulação entre atitudes face ao jogo como uma forma de desenvolvimento do turismo e algumas variáveis socioeconómicas. Num estudo realizado na comunidade Deadwood, Dakota do Sul, Caneday e Zeiger (1991) descobrem que os residentes ganham mais dinheiro em trabalhos que dependem do turismo e mostraram-se pouco interessados em identificar os impactes negativos. Além do mais, os empresários que não tiveram uma formação em turismo têm menor conhecimento dos impactes negativos causados pelo turismo. Os autores relacionam este resultado com o facto de este grupo não atribuir directamente os impactes negativos – sociais, económicos e ambientais – à indústria do jogo.

Da leitura dos resultados dos estudos apresentados é admissível concluir que as atitudes dos residentes face ao desenvolvimento do turismo variam, quer em função das comunidades analisadas, quer em resultado dos interesses e benefícios usufruídos pelos vários intervenientes no turismo.

3.5. Medição de atitudes face ao desenvolvimento do turismo

A tentativa em identificar os aspectos positivos e negativos do turismo e algumas atitudes dos residentes em relação a estes impactes, levam alguns autores a centrarem a sua atenção no desenvolvimento de métodos mais eficazes que permitissem medir as atitudes dos residentes face ao turismo. Os propósitos destes investigadores centram-se, assim, na construção de instrumentos para medir as percepções relativamente a aspectos globais e específicos da indústria turística.

É o caso de Lankford e Howard (1994) (ver também Lankford, 1994; Lankford *et al.*, 1995) que desenvolvem uma escala para medir as atitudes dos residentes, em relação ao desenvolvimento do turismo na região de Columbia River Gorge, Washington e Oregon. A escala desenvolvida e testada é conhecida como *Tourism Impact Assessment Scale* (TIAS) – Escala de Avaliação do Impacte Turístico.

Os autores sumariam a influência das variáveis em dois factores. O Factor 1 (Interesse pelo Turismo Local) incluiu os impactes na qualidade da recreação ao ar livre, a permanência, o emprego num trabalho relacionado com o turismo, o conhecimento da economia local e o nível de contacto com o turismo. O Factor 2 (Benefícios Pessoais e Comunitários) incluiu a possibilidade de influenciar o planeamento e tomada de decisão.

Contudo, Ap e Crompton (1998) afirmam que “os dois domínios de Lankford e Howard não parecem ser consistentes com qualquer uma das estruturas taxinómicas que aparecem na literatura” (Ap e Crompton, 1998: 123). Esta conclusão levou estes dois autores a desenvolver uma escala de impacte, baseada nos dados das três comunidades do Texas que “melhor reflectiram as classificações conceptuais prevalecentes de impactes exactos”, ou categorias sociais, económicas e ambientais.

A escala de Ap e Crompton consiste em (1) um componente de crença que pede aos interpelados que classifiquem o nível de mudança associado a 35 itens, e (2) um componente avaliador que pede aos residentes que classifiquem o seu nível de agrado ou desagrado para cada item. Os autores verificaram os domínios sociais, económicos e ambientais, bem como quatro outros que emergiram durante a compilação da escala - povoamento e congestionamento, serviços, impostos e atitude comunitária. No entanto, afirmam que o domínio “atitude comunitária” poderá também ser expresso como uma

dimensão de impactes sociais e culturais, enquanto o domínio dos impostos pode ser compreendido como parte dos impactes genéricos económicos.

Em resposta, Lankford (2001) afirma que “é sobretudo importante reparar que a literatura varia imenso nos impactes da escala de desenvolvimento. Uma estrutura taxinómica seria extremamente difícil de identificar devido à variação nas comunidades dos níveis de desenvolvimento, da organização étnica, das demografias sociais dos residentes e populações turísticas, do uso do solo e das indústrias competitivas numa certa altura ou local. Este desafio – desenvolver uma escala estandardizada – não fala, de todo, da metodologia, que é o que a maioria dos académicos decidem valorizar, acima de tudo, nos termos do desenvolvimento e teste da escala” (Lankford, 2001: 315).

O debate entre Lankford, Ap e Crompton ilustra a dificuldade inerente ao uso do desenvolvimento como instrumento de medida, amplo e suficiente para fornecer informação acerca das atitudes dos residentes em muitos destinos, e ao mesmo tempo providenciar informação referente a um destino específico, solicitada para um eficaz planeamento turístico a longo prazo. Usando dados de cinco comunidades, que “jogam” e que não “jogam” no Colorado e no Dakota do Sul, Kang *et al.* (1996) desenvolvem uma medida, centrada especificamente em atitudes face às limitações do jogo.

Os itens para a escala foram desenvolvidos em três categorias: avaliação, benefícios e impactes adversos. Um exemplo de um item de inspecção na avaliação com o qual os inquiridos concordaram ou discordaram foi a afirmação: “Seria difícil, para mim, aceitar aqui o jogo”. Um exemplo de impacte foi a afirmação: “A maioria do dinheiro do jogo desta cidade vai para forasteiros”. Um exemplo de um item da escala de benefícios foi: “Eu pessoalmente recebo benefícios sociais do jogo (melhorar a qualidade de vida, conhecer pessoas interessantes e satisfazer-se pessoalmente)”. Outro item geral foi: “Não me interessa se temos jogo nesta cidade”. A escala foi recomendada pelos autores para medir atitudes em ambas as comunidades que jogam e que não jogam. Além disso, Kang *et al.* (1996) criaram uma escala de dois factores – atitudes e benefícios – similar aos factores relatados por Lankford e Howard (1994).

3.6. Síntese

Ao longo deste capítulo expôs-se e analisou-se a natureza e as determinantes dos

impactes socioculturais e das atitudes associados ao desenvolvimento do turismo, assim como as suas consequências para as comunidades receptoras. O turismo cria impactes positivos e negativos nos destinos e nos seus residentes. Os mais críticos face aos impactes do turismo tendem a advogar que o turismo praticado de forma negativa afecta os recursos ambientais e se repercute social e culturalmente, prejudicando as comunidades e os seus residentes. Por outro lado, os mais optimistas vêem o turismo como um agente positivo de mudança no comportamento social e cultural das populações locais e como um impulsionador do desenvolvimento económico. Contudo, a política e o planeamento podem contribuir para reduzir ou eventualmente eliminar os impactes negativos. O desafio principal parece ser o desenvolvimento equilibrado sustentado do turismo, para que este possa trazer benefícios a longo prazo tanto para os residentes, como para os turistas e o sector privado.

A atitude dos residentes face ao turismo foi igualmente abordada e foram indicados os factores que, segundo a literatura especializada, influenciam a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo. Existe um corpo de conhecimento considerável que trata da reacção dos residentes face ao turismo e nesta investigação predomina a perspectiva do “estudo de caso”. No entanto, nestes estudos a variedade de teorias e metodologias usadas serviram para examinar as atitudes dos residentes. A maioria da literatura revela que os residentes não são homogéneos no seu comportamento face ao turismo.

De referir que os vários autores e estudos relatados neste capítulo foram importantes para o desenho deste estudo, mormente na elaboração do questionário aplicado aos residentes. A citação dos vários autores ao longo deste trabalho justifica-se pelo facto de serem aplicados em contextos semelhantes ao caso Cabo Verde: por um lado, porque alguns foram aplicados em destinos emergentes, e, por outro em ilhas de pequenas dimensões como é o caso de Cabo Verde.

A identificação da atitude dos residentes e os factores que a influenciam fornecem aos planeadores e gestores turísticos uma melhor plataforma, a qual permitirá minimizar os impactes negativos e maximizar os positivos.

Capítulo 4. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

4.1. Introdução

Neste capítulo descrevemos e justificamos a metodologia de investigação usada na presente dissertação, escolhida à luz dos objectivos e questões de investigação formuladas no capítulo 1.

Assim, em primeiro lugar, irá ser dada atenção à elaboração do modelo de investigação, fazendo-se uma análise pormenorizada do tipo de abordagem a utilizar. Seguidamente, fundamenta-se o desenho do questionário através da revisão da literatura, para depois prosseguir com a apresentação do universo do estudo e da amostra, da estrutura do questionário final e do processo da recolha de dados. Por último, descrevem-se os métodos de análise estatísticos usados.

4.2. Processos de investigação em turismo

4.2.1. Objectivos e condicionalismos

A investigação em turismo é definida pela OMT como “a formulação de perguntas, a recolha sistemática de informação para lhes dar resposta, e a organização e análise de dados com o fim de obter tendências de comportamento e relações que ajudem ao entendimento do sistema, à tomada de decisões, bem como à construção de previsões que permitam vários cenários alternativos no futuro” (OMT, 2001: 5). Assim, a investigação em turismo tem subjacente uma componente teórica que está na base da formulação do problema, necessitando, contudo, de uma componente prática de recolha de informação e análise de dados, que possibilite encontrar soluções para o objecto de pesquisa.

Analisando a definição veiculada pela OMT, conclui-se que a investigação em turismo permite, num primeiro instante, (a) dar resposta a questões ainda não solucionadas, ou seja, dar resposta a problemas identificados pelo investigador; num segundo instante, permite (b) explicar a situação actual bem como elaborar previsões que possam servir de base para a tomada de decisões; por último (c) proporciona um valor adicional às organizações ligadas ao sector turístico que, desta forma, adquirem *know-how* que as

diferencia da concorrência.

Para Pizam, o objectivo da investigação em turismo é “fornecer informação que irá apoiar os gestores do sector do turismo na tomada de decisões. A investigação em turismo é um processo que se pode distinguir de outros pelos três aspectos que se seguem: (a) objectividade; (b) reprodutibilidade e (c) sistematização” (Brown, 1980, *apud* Pizam, 1994). Ou seja, o principal objectivo da investigação vem na mesma linha da própria definição da OMT, que considera a investigação em turismo como uma recolha de informação de base que permita aos decisores do sector tomar decisões, informação essa que deve ser objectiva e sistemática. De seguida, elenca-se o que se deve entender como requisitos do processo de investigação em turismo traçados por Pizam (1994):

- i. A objectividade requer uma abordagem que seja independente do ponto de vista do investigador, no que diz respeito às respostas aos problemas sob investigação;
- ii. A reprodutibilidade é um procedimento que assegura que os outros investigadores possam duplicar a investigação e obter os mesmos resultados;
- iii. A sistematização, o requisito mais importante, organiza o processo de investigação em passos sequenciais e interdependentes que devem ser especificados e planeados *a priori* (Pizam, 1994:96).

Contudo, como em qualquer outro campo de investigação, existem algumas limitações que condicionam também o processo de investigação em turismo. Essas limitações prendem-se, especialmente, com as particularidades desta actividade económica, nomeadamente (WTO, 2001:4):

- “o carácter multidisciplinar do turismo, o que representa algumas dificuldades na própria definição das variáveis e nos instrumentos de análise a utilizar;
- a amplitude da disciplina, que torna difícil o aprofundamento em campos científicos próprios do turismo;
- a imprecisão do próprio negócio turístico e a estrutura empresarial do turismo – constituída, maioritariamente, por micro, pequenas e médias empresas – aliadas ao facto deste ser considerado um sector conjuntural e dominado pela procura,

torna difícil a análise da sua própria actividade;

- a desconexão entre educação e investigação leva a que os estudos no âmbito do turismo sejam, tradicionalmente, os grandes “ausentes” dos planos nacionais de investigação, sendo dada maior importância aos estudos técnicos”.

4.2.2. A investigação quantitativa

Como já foi referido anteriormente, ao realizar qualquer investigação e ao seleccionar a metodologia adequada, o investigador deve ter em consideração a natureza do problema a ser estudado, assim como quaisquer possíveis limitações do estudo, tais como o tempo ou até mesmo, os recursos.

Verifica-se também, por vezes, que no processo de investigação a informação existente é relativamente escassa, o que não permite responder a todas as questões que se levantam. Numa situação destas, e tendo em atenção determinados factores, como o objectivo do estudo, ou a natureza das variáveis, o investigador pode apresentar uma metodologia de trabalho de carácter quantitativo ou qualitativo, ou, até mesmo, uma metodologia que englobe as duas abordagens.

No entanto, são duas abordagens diferentes, sendo que a utilização de uma ou outra deve ter em atenção, sobretudo, o problema definido e os objectivos de investigação. Nesta subsecção debruçamo-nos apenas sobre a investigação quantitativa uma vez que foi esta a abordagem usada na presente dissertação.

A investigação quantitativa baseia-se na informação proporcionada pelos dados e fontes de informação. Pode gerar alguns problemas que é necessário solucionar, tais como a validade da informação utilizada, a obtenção da amostra, a definição dos instrumentos técnicos que se vão usar, a recolha dos dados e os problemas inerentes à própria análise estatística (OMT, 2001; Jennings, 2001; Finn *et al.* 2000; Veal, 1997).

Numa investigação quantitativa é importante a precisão estatística na obtenção da amostra, no desenho do questionário e nas fontes de informação utilizadas, pois os resultados obtidos através desta análise devem explicar o comportamento da população que se pretende estudar.

Uma metodologia quantitativa está muitas vezes associada ao paradigma hipotético-dedutivo, ou seja, pode basear-se numa abordagem dedutiva assente em testes de hipóteses. Esta abordagem apresenta uma perspectiva ontológica, que vê o mundo como sendo constituído por relações causais.

Neste modelo de abordagem, o desenho de investigação é estruturado, sistemático e visa obter um conjunto de respostas por parte dos participantes. Na investigação quantitativa é possível identificar e testar relações entre variáveis. Desejavelmente, o método de selecção das unidades estatísticas (participantes) é aleatório, sendo que todas as unidades estatísticas que constituem a população em estudo têm igual probabilidade de virem a integrar a amostra.

Os dados são representados numericamente, o que permite a sua análise estatística, utilizando um *software* adequado. A apresentação dos dados pode basear-se em tabelas, representações gráficas e indicadores numéricos. Neste tipo de abordagem, o relatório fornece dados da amostra, que podem ser generalizados ao nível mais amplo da população, no caso da amostra ser representativa.

Assim, e tendo em atenção o objectivo geral e os objectivos específicos definidos para esta investigação, considera-se mais adequado a utilização do método quantitativo para responder de uma forma clara às questões de investigação levantadas.

Nesse sentido, irá analisar-se pormenorizadamente, na secção seguinte, alguns aspectos fundamentais de um dos instrumentos mais usados na abordagem quantitativa, a saber, o Inquérito por Questionário.

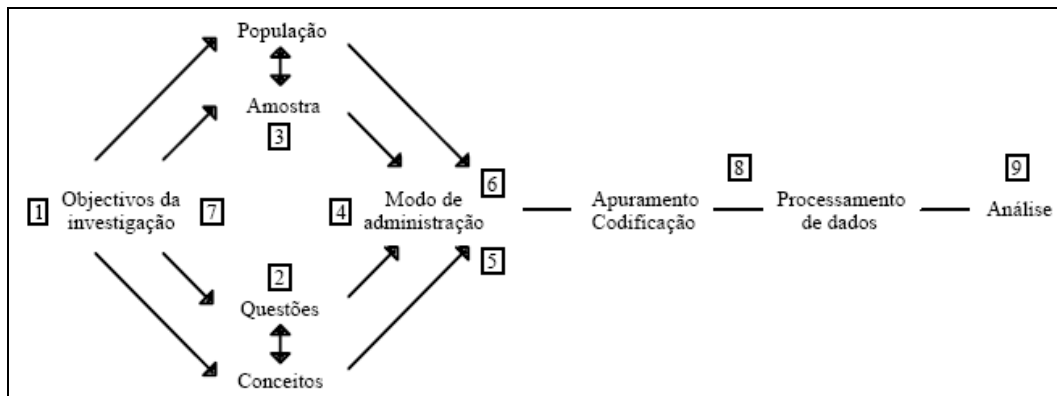
4.2.3. O inquérito por questionário

A realização de um inquérito por questionário é um procedimento prévio à aplicação das técnicas quantitativas, sendo muito usado na investigação em turismo e lazer. Um inquérito por questionário permite a recolha de informação sobre as unidades estatística em causa (e.g.: indivíduos ou empresas) através de um conjunto de questões pré-formatadas.

De acordo com Rossi *et al.* (1983: 1), “os inquéritos são modos relativamente

sistemáticos e estandardizados de recolher informações sobre indivíduos sistematicamente identificados”. Na Figura 4.1 ilustram-se as etapas na investigação por inquérito proposto por Schuman e Kalton (1985: 641), *apud* Alferes (1997: 213), que se resume a explicitar: quem (1) pergunta o quê (2), a quem (3), como (4), onde (5), quando (6) e porquê (7)?; Quais são as interpretações e implicações (9) das respostas obtidas (8)? Estas questões estabelecem as diferentes etapas de uma investigação por inquérito (Figura 4.1).

Figura 4.1 – Etapas na investigação por questionário



Fonte: Schuman e Kalton, (1985:641), *apud* Alferes, (1997:213).

Ao envolver a recolha de informação, a aplicação de um inquérito por questionário está, como é óbvio, dependente das informações dadas pelos participantes. Assim sendo, a qualidade da informação assim obtida depende de determinados factores individuais, tais como o interesse em participar e a própria veracidade das respostas dadas pelo participante. Daí que seja extremamente importante, na fase de elaboração das perguntas a serem incluídas no questionário, que estas sejam elaboradas de uma forma apelativa, clara e bem estruturada, e numa linguagem facilmente compreensível e adequada¹³.

A investigação por questionário apresenta também vantagens em termos de economias de tempo e deslocações, de possibilidade de obter um grande número de dados, de alcançar um elevado número de pessoas em áreas geograficamente dispersas, de alcançar maior segurança das respostas no caso do questionário ser anónimo, de reduzir o risco de distorção pela influência do investigador e de aumentar a uniformidade da

¹³ Não sendo este o principal objectivo da investigação, sugere-se, no entanto, a leitura de um conjunto de bibliografia existente sobre esta matéria (OMT, 2001; Jennings, 2001; Finn *et al.* 2000; Veal, 1997; Hill e Hill, 2005).

avaliação em virtude da natureza impessoal do instrumento (Lakatos e Marconi, 1996).

Deste modo, e conforme já foi referido na secção anterior, as metodologias quantitativas, e em particular as assentes em inquéritos por questionário, apresentam ainda um conjunto de vantagens em estudos nas áreas do lazer e turismo, dependendo, como é natural, do problema de investigação levantado. Nesse sentido, apresentam-se, de seguida, alguns dos méritos referidos por Jennings (2001) da utilização de inquéritos por questionário em investigações nestas áreas.

- i. Sendo o lazer, recreação e o turismo frequentemente considerados com fenómenos de massas, requerem um grande envolvimento por parte do governo e das organizações, lucrativas e não lucrativas, que necessitam de informação quantitativa para várias etapas do seu processo de tomada de decisão. De acordo com este autor, os questionários são a forma ideal para fornecer este tipo de informação;
- ii. Ainda que a objectividade absoluta seja impossível, o recurso a um questionário estabelece um determinado conjunto de procedimentos de investigação transparentes;
- iii. A quantificação pode fornecer informação complexa de uma forma sucinta e facilmente perceptível;
- iv. Quando estudos que implicam análises longitudinais, com pesquisas repetidas periodicamente, proporcionam a oportunidade para estudar a mudança ao longo do tempo, usando uma metodologia comparativa;
- v. O turismo e o lazer compreendem um variado conjunto de actividades, com um múltiplo conjunto de características, localizações e níveis de satisfação. Os questionários são uma boa forma de avaliar a figura complexa dos padrões pessoais de satisfação;
- vi. O método do questionário fornece meios para reunir e captar informações simples, sobre a incidência de atitudes, valores e percepções, entre a população como um todo.

Face ao problema de investigação levantado, aos objectivos definidos, bem como à

população que se pretende estudar, e tendo em atenção as vantagens das metodologias quantitativas para a investigação em turismo, o presente trabalho utiliza o inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados.

4.3. Desenho, estrutura e conteúdo do Questionário à População Residente em Cabo Verde

Nesta secção dá-se conta do processo de construção e validação do instrumento utilizado na investigação realizada e aqui descrita, bem como de um conjunto de procedimentos prévios ao tratamento e análise de dados.

De acordo com Zikmund (1997) e Hill e Hill (2005), o desenho do questionário é, talvez, a fase mais crítica do método de investigação por questionário. Um bom questionário parece fácil de construir mas, de modo geral, é o resultado de um longo e cuidadoso trabalho. Não é fácil elaborar um instrumento que forneça dados que permitam avaliar adequadamente um conjunto de questões de investigação.

A elaboração do *Questionário à População Residente em Cabo Verde* teve por base cinco referências literárias fundamentais:

- O “*Questionário à População Residente*”, desenvolvido para estudar a sustentabilidade do turismo na Região Autónoma dos Açores (Moniz, 2006).
- O “*Questionário aos Residentes*”, desenvolvido para estudar a sustentabilidade do turismo nas Ilhas Ugljan-Pasman (WTO, 2001).
- O “*Local Questionnaire Model*”, um modelo de questionário para recolha de dados sobre atitudes e opiniões de residentes locais face ao desenvolvimento do turismo (WTO, 2004).
- O questionário aplicado no âmbito do estudo da construção de indicadores de avaliação de qualidade no turismo do Algarve, para analisar o grau de satisfação dos residentes com o turismo nos seus concelhos de residência (Silva *et al.* 2001).

- O “*Questionário à População Residente*”, desenvolvido para estudar a atitude dos residentes face ao turismo na Região Autónoma da Madeira (Martins, 2000).

Foram, contudo, introduzidos alguns ajustamentos, para atender aos objectivos da presente dissertação, como se passa a expor.

Sendo impossível adaptar um instrumento usado noutra estudo que desse cumprimento à globalidade dos objectivos propostos para a presente investigação, procedeu-se à elaboração de um instrumento específico. Esse instrumento consiste no inquérito por questionário apresentado no Anexo I.

Na elaboração do *Questionário à População Residente em Cabo Verde*, consideraram-se seis partes essenciais, cada uma composta por diferentes instrumentos de medida:

1. Na primeira parte, fez-se a introdução, onde se apresentam explicitados a natureza e o âmbito do estudo, a garantia do anonimato e confidencialidade das respostas, bem como um conjunto de questões que visam recolher informações sobre características de natureza sociodemográfica: sexo, idade, estado civil, número de pessoas no agregado familiar, naturalidade, nível de escolaridade, estudos em turismo (se possui ou não), situação perante o trabalho, trabalho no estrangeiro (onde, em quê e durante quanto tempo), profissão, número de anos a residir no concelho e regime de habitação. De referir que, neste estudo, foi introduzido um conjunto de variáveis que não tem merecido grande atenção por parte de estudos anteriores: a educação em turismo, o número de anos de trabalho e o país de residência no estrangeiro (emigração).
2. Na segunda parte, abordou-se o grau de envolvimento do residente no sector do turismo. Aqui foram introduzidas cinco questões de natureza dicotómica (*Sim/Não*). Estas questões foram as seguintes:
 - Ganha a sua vida no turismo?
 - Se respondeu sim, qual a categoria?
 - Tem algum contacto directo com turistas como parte do seu trabalho?
 - O turismo é a principal fonte de rendimento do seu agregado familiar?
 - Tem algum familiar próximo envolvido profissionalmente no sector do turismo?

3. A terceira parte debruçou-se sobre o comportamento dos residentes em Cabo Verde perante as viagens, questionando-se o inquirido sobre:
 - Se efectuou alguma viagem, nos últimos dois anos, para fora da ilha onde reside (uma única opção de resposta, de escolha dicotómica: *Sim/Não*).
 - No caso de ter viajado nos últimos dois anos, qual foi o motivo da viagem? (uma única opção de resposta, onde o inquirido indica o motivo principal da sua viagem). As opções de resposta foram as seguintes:
 - Férias/Lazer;
 - Visita a amigos e familiares;
 - Motivos profissionais (conferências, congressos, exposições, etc.);
 - Eventos culturais/desportivos.
 - Nesta sua viagem, viajou para onde? (o inquirido indica para onde viajou, ou seja, se para outras ilhas de Cabo Verde ou se para um ou mais países estrangeiros).
4. Na quarta parte, foram introduzidas duas questões sobre as percepções relativamente ao desenvolvimento actual do turismo em Cabo Verde:
 - Qual a sua percepção sobre o desenvolvimento do turismo no país? (questão única, de escolha múltipla, com categorias ordenadas, tipo Likert, com 5 alternativas de resposta: 1 – Muito fraco; 2 – Fraco; 3 – Razoável; 4 – Bom; e 5 – Muito bom).
 - Que actividades económicas apresentam maior potencial de crescimento no país? (questão que apresenta seis ramos de actividade económica – Agricultura e Pecuária; Pesca; Turismo; Comércio; Indústria e Serviços – podendo o inquirido escolher um ou mais ramos de actividade).
5. Na quinta parte, foram introduzidas questões sobre as expectativas dos inquiridos no que se refere ao turismo em Cabo Verde no futuro e quais as áreas prioritárias a serem desenvolvidas no sector do turismo em Cabo Verde:
 - Qual a importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos? (uma única opção de resposta, de escolha múltipla com

categorias ordenadas, de tipo Likert, com cinco alternativas de resposta: 1 – Muito menos; 2 – Menos; 3 – A mesma; 4 – Mais; e 5 – Muito mais).

- Qual ou quais das seguintes áreas merece mais atenção para o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde? (nesta questão o inquirido pode escolher uma ou mais áreas de desenvolvimento do turismo em Cabo Verde).

6. A sexta parte debruça-se sobre as atitudes dos residentes face ao turismo em Cabo Verde, onde o inquirido é solicitado a expressar a sua opinião sobre os impactes do turismo na sociedade cabo-verdiana a nível económico, ambiental e sociocultural. Esta secção é composta por um único instrumento de medida:

- Atitudes (escala composta por trinta e duas afirmações, de escolha múltipla com categorias ordenadas, de tipo Likert, com cinco alternativas de resposta: 1 – Discordo plenamente; 2 – Discordo; 3 – Não concordo nem discordo; 4 – Concordo; e 5 – Concordo plenamente).

O *Questionário à População Residente em Cabo Verde* contempla, na sua quase totalidade, questões fechadas, procurando não maçar o inquirido com respostas que impliquem uma redacção complexa de texto e também tendo em conta o nível de escolaridade da população-alvo.

Nesta secção, uma última referência sobre o uso das escalas de Likert. Com efeito, quando se pretende medir a intensidade de um fenómeno, e não apenas a sua ocorrência, é normal utilizarem-se este tipo de escalas. Nesse sentido, de escolher um conjunto de respostas alternativas para cada uma das perguntas, associam-se números às respostas para que possam ser analisados posteriormente por meio de técnicas estatísticas. Os números associados a cada conjunto de respostas representam a escala de medida.

Os tipos de escalas usadas com mais frequência em questionários são as escalas nominais e ordinais, estas últimas também designadas por “escalas de avaliação” ou escalas de Likert (1932). Neste estudo, como se referiu, o número de pontos em cada uma das escalas é de cinco. Hill e Hill (2005: 124) são de opinião de que “não é boa ideia usar mais do que sete respostas alternativas, na maioria das vezes, cinco são suficientes, sobretudo no caso de perguntas que solicitam atitudes, opiniões, gostos ou grau de satisfação [...] e naqueles em que os respondentes têm habilitações literárias

baixas”. Neste trabalho, optou-se por um número ímpar de respostas a cada pergunta, mesmo sabendo que se corria o risco de os inquiridos terem tendência a concentrar as suas respostas no nível intermédio da escala. Todavia, como o questionário não parece contemplar perguntas “sensíveis” e é anónimo, acredita-se que esse risco é mínimo, uma vez que, nestes casos, os inquiridos revelam um maior sentido de “segurança” e uma maior apetência para dar respostas verdadeiras (Hill e Hill, 2005).

4.4. Universo do estudo e amostra

Considerou-se, como universo alvo do estudo, os nacionais residentes em Cabo Verde. De acordo com os Censos de 2000, o número de residentes ascendeu, nesse ano, a 431.989 indivíduos. Segundo dados veiculados pelo INE (2001), 82% da população estava concentrada em quatro ilhas: Santiago (54%), São Vicente (15%), Fogo (9%) e Sal (3%).

Os concelhos escolhidos como objecto de estudo são os seguintes: Tarrafal, Praia, Sal, São Vicente e São Filipe. Estes concelhos foram escolhidos por dois motivos:

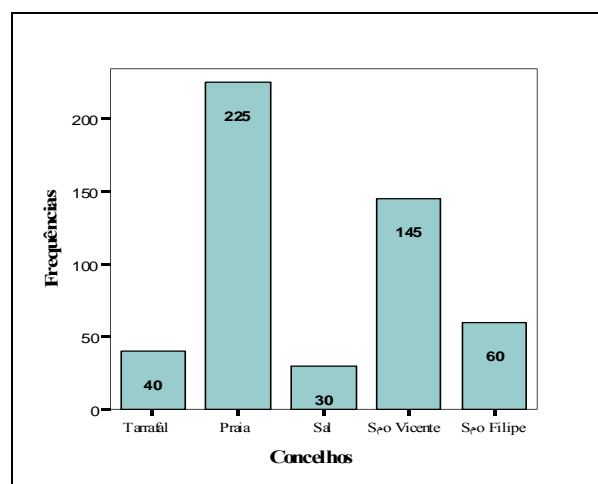
- Em primeiro lugar, porque concentram uma percentagem significativa (52%) da população residente: Tarrafal (4%), Praia (24%), São Vicente (15%), São Filipe (6%) e Sal (3%).
- Em segundo lugar, porque representam os pólos ou núcleos de atracção turística mais importantes do país, quer funcionando como centros de recepção e distribuição dos visitantes, uma vez que em alguns destes concelhos se localizam os aeroportos onde há ligações com o exterior (Aeroporto Internacional Amílcar Cabral, na ilha do Sal e Aeroporto Internacional da Praia, na Cidade da Praia), quer oferecendo a maior parte da capacidade de alojamento turístico em Cabo Verde. Da análise dos dados do INE (2008), pode constatar-se que, em 2007, esses cinco concelhos ofereciam 82,3% da capacidade de alojamento turístico existente, em termos do número de camas na hotelaria tradicional, sendo que, no Sal, essa capacidade era de 60,0%, na Praia, de 10,0%, em São Vicente, de 8,3%, em São Filipe, de 2,1% e no Tarrafal, de 1,9%.

A densidade populacional em Cabo Verde é de 107 habitantes/km² e nos cinco concelhos em causa distribui-se da seguinte forma: Tarrafal (158), Praia (402), Sal (68), São Vicente (294) e São Filipe (71). Como se pode ver, exceptuando os concelhos de Sal e São Filipe, os restantes têm uma densidade populacional muito superior à densidade nacional.

A população inquirida do estudo é constituída por indivíduos com 18 ou mais anos, residentes em alojamentos familiares, nos cinco concelhos em análise. Destes concelhos foi definida, numa primeira fase, uma amostra de 384 residentes. O cálculo desta amostra usa a estimativa mais conservadora para a proporção amostral ($p = 0.5$), um nível de confiança de 95% e um erro máximo da amostra de 4.5%. O método de amostragem usado foi o estratificado, sendo as entrevistas para a obtenção de dados distribuídas de forma proporcional à repartição da população pelos cinco concelhos, por sexo e por escalão etário. Numa segunda fase, a amostra definida foi corrigida, de forma proporcional, para 500 observações, a fim de assegurar que o concelho com menos habitantes (Sal) tivesse uma dimensão amostral mínima de 30 observações¹⁴.

Na Tabela 1, do Apêndice A, apresenta-se a amostra inicial estratificada por concelhos que integram as ilhas seleccionadas, sexo e grupos etários de acordo com a distribuição percentual verificada nos Censos de 2000. Na Figura 4.2 apresenta-se a distribuição dos inquiridos, por concelhos.

Figura 4.2 – Número de residentes inquiridos por concelho de residência



Fonte: Elaboração própria

¹⁴ Este é o valor considerado por muitos autores como o mínimo necessário para garantir a possibilidade de efectuar análises estatísticas paramétricas que envolvam médias (Guimarães e Cabral, 2007).

4.5. Administração do inquérito por questionário

4.5.1. Pré-teste

Para Hill e Hill (2005), é fundamental realizar um pré-teste para testar as perguntas inseridas num inquérito por questionário. Os 30 indivíduos que participaram no pré-teste são cabo-verdianos residentes em Portugal e estudantes universitários, e os questionários foram enviados por e-mail com 100% de retorno. Estes indivíduos foram seleccionados por conveniência, dada a impossibilidade de deslocação a Cabo Verde apenas com o intuito de realizar o pré-teste.

De salientar ainda que foi também considerado para a realização deste pré-teste um conjunto de opiniões de elementos que trabalham na área de investigação, designadamente sobre as questões formuladas, e registadas as suas experiências individuais em trabalhos de natureza similar.

Em resultado do pré-teste foram sugeridas pequenas alterações no questionário enviado, entre elas a mudança de algum vocabulário. Essas indicações foram consideradas importantes, e nesse sentido foram inseridas na versão final do questionário aplicado à amostra definida.

4.5.2. Recolha de dados

O *Questionário à População Residente em Cabo Verde* foi aplicado aos residentes nacionais dos cinco concelhos seleccionados para o estudo e foi implementado através de entrevistas directas, nos meses de Agosto, Setembro e Outubro de 2007.

Nos concelhos de Tarrafal, São Vicente, São Filipe e Sal o questionário foi aplicado apenas pelo investigador. No concelho da Praia, o investigador contou com o apoio de um inquiridor por ser elevado o número de questionários a aplicar. Este inquiridor recebeu instruções prévias e precisas sobre o modo de abordagem aos residentes, de condução das entrevistas, de esclarecimento de dúvidas e de preenchimento dos formulários de resposta. Garantiu-se, também, a confidencialidade e anonimato nas respostas que foram registadas nos formulários pelos entrevistadores.

Após uma breve apresentação do entrevistador e dos objectivos do questionário, a

entrevista prosseguia apenas no caso de o indivíduo manifestar interesse em colaborar voluntariamente no estudo e de corresponder às características definidas para a amostra. Os indivíduos foram seleccionados ao acaso, nas ruas, havendo apenas a preocupação de corresponderem às características definidas para a amostra. Não foram consideradas como válidas as entrevistas efectuadas a pessoas que mostrassem sinais de desagrado ou de relutância em responder, passando-se o mesmo com desistências a meio do inquérito.

O registo das respostas nos formulários efectuou-se exclusivamente pelos entrevistadores, como é hábito neste tipo de inquéritos por entrevista directa.

Todo o trabalho de recolha de dados foi acompanhado de perto pelo investigador que fez o controlo dos estratos estipulados para cada concelho, conforme o género e as faixas etárias, a fim de garantir a qualidade da aplicação do instrumento e dos dados obtidos. Esta supervisão foi imprescindível para garantir a qualidade do estudo, devido à dispersão geográfica das ilhas onde estão situados os concelhos (recorde-se que as entrevistas decorreram em 5 concelhos situados em 4 ilhas diferentes), em tão curto espaço de tempo.

A apresentação, análise e interpretação dos resultados obtidos na sequência da aplicação deste questionário é feita no capítulo 5, utilizando diversas técnicas estatísticas, com o auxílio do *software* SPSS 14.

4.6. Técnicas estatísticas utilizadas

4.6.1. Indicadores descritivos

Para a descrição e síntese dos dados utilizaram-se frequências absolutas e relativas simples e as medidas usuais de localização e dispersão – média, moda, mediana, desvio-padrão e variância. Estas medidas foram complementadas por tabelas e gráficos de acordo com a forma considerada mais adequada e eficaz de tradução da informação.

Sempre que se justificou, para análise da relação entre variáveis, foram utilizadas medidas de estatística descritiva bivariada assentes, sobretudo, em tabelas de contingência.

4.6.2. Testes de hipóteses não paramétricos

As escalas de avaliação com uma distribuição de respostas fortemente assimétrica, como as encontradas na presente dissertação, são verdadeiras escalas ordinais pelo que, a sua análise deve assentar na interpretação de medidas de localização tais como a moda e a mediana (Pestana e Gageiro, 2008) e em testes de hipóteses não paramétricos (Maroco, 2007).

Deste modo, estas medidas descritivas, bem como os testes de Mann-Whitney e de Kruskal-Wallis foram usados para analisar as questões de investigação 1 a 4. O teste de Mann-Whitney testa a igualdade de duas medianas populacionais, podendo ser aplicado a variáveis ordinais, tais como as escalas de avaliação. O teste de Kruskal Wallis tem um objectivo semelhante mas aplica-se quando a comparação de medianas se estende a três ou mais grupos.

Em ambos os testes um valor p baixo, isto é, inferior ao nível de significância estabelecido (10%, neste caso) permite concluir sobre a rejeição da hipótese de igualdade das distribuições populacionais dos dois ou mais grupos envolvidos. Os testes não paramétricos são menos potentes que os correspondentes testes paramétricos. Uma forma de lidar com esta limitação é usar um nível de significância superior ao habitual (5%), aumentando, assim, a potência dos testes, isto é, a probabilidade de rejeitar H_0 quando esta hipótese é falsa (Guimarães e Cabral, 2007). Este aspecto explica o uso de um nível de significância de 10% nos testes de hipóteses a realizar nesta dissertação.

4.6.3. Análise Categórica de Componentes Principais

Para uma mais eficaz aferição da atitude dos residentes face ao turismo em Cabo Verde, foi utilizada a análise categórica de componentes principais – *Categorical Principal Components Analysis* (CATPCA) – (Maroco, 2007; Lavado, 2004; Blasius e Thiessen, 2006).

A CATPCA, bem como outras técnicas multivariadas para variáveis qualitativas, começou a ser desenvolvida em 1990 pelo *Data Theory Scaling System Group* da Universidade de *Leiden* (Holanda).

Esta técnica é apropriada quando se pretende reduzir a dimensionalidade de um

conjunto de variáveis qualitativas medidas em escalas diferentes (nominais ou ordinais), convertendo-as num número reduzido de novas variáveis que expliquem uma proporção considerável da informação presente, e surge como forma de ultrapassar as limitações da análise de componentes principais (ACP) clássica que apenas deve ser aplicada a variáveis quantitativas.

A CATPCA tem na sua base um procedimento, designado genericamente por escalas óptimas (*optimal scaling*), que atribui quantificações numéricas óptimas às categorias de cada uma das variáveis qualitativas, dotando-as, deste modo, de propriedades métricas. Os valores resultantes das escalas óptimas são, depois de estandardizados, passíveis de serem usados como *input* de outras técnicas. O SPSS atribui valores de escalas óptimas a cada uma das categorias das variáveis em estudo, de modo a que estes sejam “óptimos” relativamente à solução das componentes principais obtida (Maroco, 2007).

À semelhança do proposto para a ACP, também aqui se aplicou o método dos valores próprios (superiores a 1) para a decisão sobre o número de componentes a reter.

No caso da presente dissertação, a CATPCA foi usada com o propósito de identificar Componentes Principais tendo por base as afirmações usadas para medir as atitudes dos residentes em Cabo Verde face ao desenvolvimento do turismo. Esta técnica foi usada em substituição da tradicional ACP uma vez que as distribuições das respostas às referidas afirmações se mostravam bastante assimétricas¹⁵.

4.6.4. Análise de fiabilidade – coeficiente *alfa* de Cronbach

Um dos problemas básicos na realização de um estudo assente em componentes, tem a ver com a consistência interna das novas variáveis usadas para representar o conjunto de variáveis originais, isto é, se as variáveis incluídas nessa componente estão fortemente correlacionadas entre si, medindo o mesmo “conceito” latente.

Das componentes extraídas através da CATPCA, fez-se a análise da sua fiabilidade ou consistência interna, procedendo ao cálculo do coeficiente *alfa* de Cronbach para a

¹⁵ Como referem Hill e Hill (2005) a ACP clássica pode ser aplicada a escalas de avaliação (que contudo, são escalas ordinais) desde que estas tenham uma distribuição normal ou, pelo menos simétrica, o que não acontecia com as variáveis de atitude avaliadas nesta dissertação.

totalidade das variáveis com peso significativo em cada componente. Seguidamente, averiguou-se as variáveis que baixavam a consistência interna da escala¹⁶. Na medida em que se verificava que estas prejudicavam a fiabilidade do instrumento de medida, procedeu-se à sua eliminação (Loewenthal, 2001). Posteriormente, efectuou-se a análise da consistência interna das restantes variáveis. Após averiguação do *alfa* total, procedeu-se à identificação e conseqüente eliminação das variáveis que, na segunda análise, mostravam ainda baixar a consistência interna do todo. Este procedimento foi repetido, procurando identificar todas as variáveis que contribuíam para baixar a consistência interna da componente. No final, reteve-se um conjunto de variáveis que possuíam uma consistência interna elevada e que, caso se procedesse à exclusão de qualquer uma delas, daria origem a uma quebra da consistência interna do todo, pelo que a sua preservação se tornava necessária.

Na sequência deste procedimento, concluiu-se sobre quais as variáveis indispensáveis para que o instrumento mostrasse um grau elevado de fiabilidade. A avaliação do valor das medidas obtidas foi efectuada tendo em consideração a escala desenvolvida por Cronbach (1951) e citada por Hill e Hill (2005: 149), a seguir apresentada (Tabela 4.1):

Tabela 4. 1 – Avaliação do Coeficiente *alfa* de Cronbach

$\alpha > 0.9$	Excelente
α entre 0.8 e 0.9	Bom
α entre 0.7 e 0.8	Razoável
α entre 0.6 e 0.7	Fraco
α abaixo de 0.6	Inaceitável

Fonte: Cronbach (1951) citado por Hill e Hill (2005: 149)

4.6.5. Análise de Correspondências Múltiplas

A Análise Multivariada de Dados, na acepção da escola francesa de Benzécri, desenvolveu-se no interior dos círculos culturais ligados ao estruturalismo, especialmente na sua vertente dedicada à linguística. É significativo que a primeira lição de *Analyse des Donnés* tenha tido lugar em 1963 no *Collège de France*, perante os “intelectuais” parisienses do *Quartier latin*, que acolheram com entusiasmo o *nouveaux venu* oriundo da Argélia, sublinhando a originalidade da sua teoria. Segundo Pereira

¹⁶ O valor “*alfa if item is deleted*”, indicado pelo SPSS 14.

(2008), desse cadinho inicial onde o método fora concebido, cedo (em 1973) o formalismo básico evolui naturalmente para a sua versão dita das Correspondências Múltiplas (ACM), que mais não é do que a sua generalização para o caso de justaposição de tabelas de contingências.

Ainda segundo este autor, esta técnica de análise de dados encontrou forte resistência por parte de utilizadores situados fora da esfera cultural francófona, em especial no seio da comunidade científica anglo-saxónica, apegada à Análise em Componentes Principais de Hostelling (datada da década de 30 do século XX). Só em meados da década de 80 do século XX é que a “metodologia francesa” extravasou a *Hexagone*, segundo Pereira (2008) por mérito de Greenacre (1984), que publicou em inglês o primeiro texto dedicado exclusivamente à Análise das Correspondências (*Theory and Applications of Correspondence Analysis*).

A Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) é uma técnica descritiva multidimensional de dados categóricos. Na presente dissertação esta técnica foi usada com a finalidade de analisar a relação conjunta entre as componentes obtidas na sequência da CATPCA. Dado que esta técnica se aplica a múltiplas variáveis categóricas, as referidas componentes foram previamente categorizados em variáveis binárias tendo por base o valor da respectiva mediana (‘igual ou inferior ao valor da mediana’, versus ‘acima da mediana’).

A ACM é uma técnica de interdependência que, para além de analisar diversas variáveis qualitativas, em simultâneo, tem a vantagem de permitir a sua representação gráfica através de mapas perceptuais. Estes mapas permitem representar conjuntamente as unidades estatísticas (neste caso os respondentes ao questionário) bem como as categorias das variáveis em análise.

A ACM foi usada neste trabalho com o objectivo de descrever as possíveis correspondências entre as atitudes dos residentes representadas pelas componentes identificadas na CATPCA. Assim, a ACM é utilizada porque tem o poder de resumir em gráficos bastante sugestivos, e de fácil interpretação visual, as relações existentes entre as variáveis, as suas categorias e os indivíduos observados, numa perspectiva multidimensional, permitindo uma interpretação mais eficaz dos dados.

Nesta dissertação deu-se particular atenção ao mapa perceptual representativo das

categorias, visto este evidenciar de que forma essas categorias se relacionam entre si, mas também sugerir a existência de possíveis segmentos de residentes no que respeita à sua atitude perante o turismo.

4.6.6. Análise de *clusters*

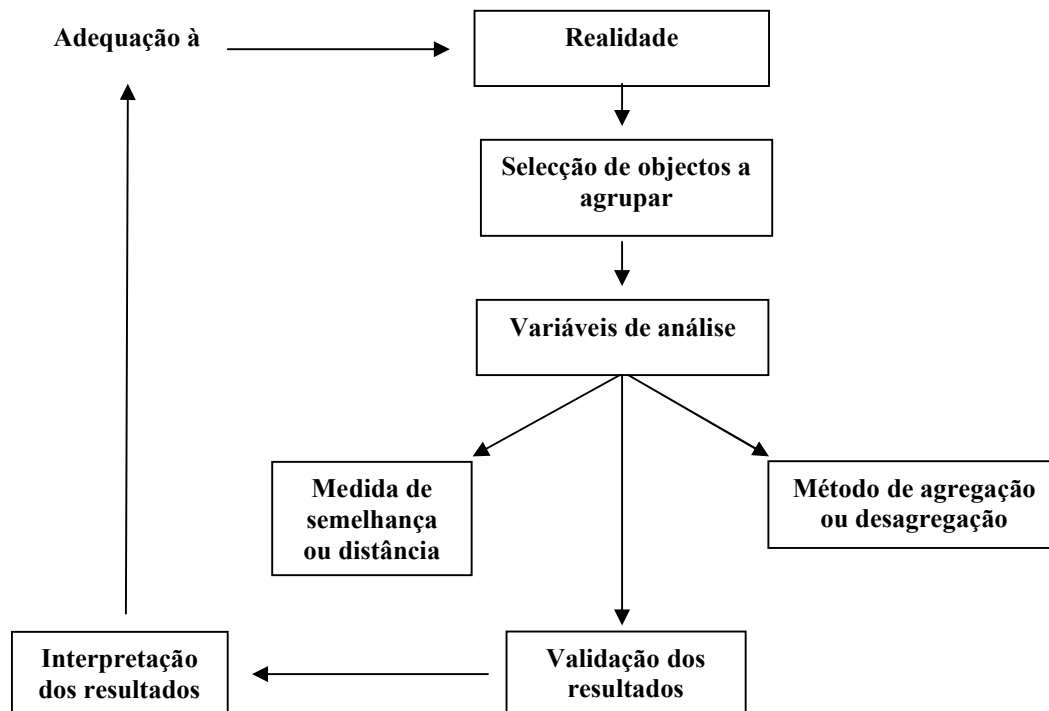
Através do recurso à análise de *clusters* pretendeu-se validar os grupos ou segmentos de residentes cabo-verdianos que têm uma atitude semelhante sobre os impactes do turismo no arquipélago de Cabo Verde sugeridos pelo mapa perceptual da ACM.

Assim, e de acordo com os procedimentos sugerido por Lebart (1994) e Carvalho (1998) a análise de *clusters* foi aplicada usando como variáveis de análise as dimensões retidas na ACM. Como refere Lebart, “o uso combinado de ambas as técnicas é fortemente recomendado para uma descrição completa de um conjunto de dados complexos” (Lebart, 1994:162).

Segundo Maroco (2007), a análise de *clusters* consiste numa “técnica exploratória de análise multivariada que permite agrupar sujeitos ou variáveis em grupos homogêneos ou compactos relativamente a uma ou mais características comuns” (2007:295). Assim sendo, os grupos formados após a aplicação da análise de *clusters* devem ter uma exclusão recíproca, sem partilhas de elementos, e de colectividade exaustiva, abarcando todos os elementos em análise, ou seja, os grupos são determinados de forma a obter-se homogeneidade dentro dos grupos e heterogeneidade entre eles (Pestana e Gageiro, 2008; Maroco, 2007).

Neste tipo de análise não se assume a existência de qualquer tipo de dependência entre as variáveis, pelo que, de acordo com Reis (1997: 290), “os grupos configuram-se por si mesmos sem necessidade de ser definida uma relação causal entre as variáveis utilizadas”.

Regra geral, segundo Teixeira (2006: 51), a análise de *clusters* compreende as seguintes etapas:

Figura 4.3 – Etapas da análise de *clusters*

Fonte: Teixeira (2006: 51)

Nas duas primeiras etapas da análise de *clusters*, importa definir os objectos a serem agrupados, assim como um conjunto de variáveis a partir das quais será obtida a informação necessária ao agrupamento dos mesmos. No presente trabalho os objectos em análise são os 500 indivíduos residentes em Cabo Verde que constituem a amostra, enquanto que as variáveis a utilizar são as novas variáveis obtidas na sequência da ACM, também designados por “dimensões”, nas quais foram representadas as categorias das componentes de atitude obtidas.

A maioria dos métodos de análise de *clusters* requer uma medida de semelhança entre os elementos a serem agrupados, normalmente expressa como uma função distância ou métrica. Deste modo, entre as várias medidas de semelhança (ou proximidade) e/ou medidas de dissemelhança (ou distância), foi utilizado o quadrado da distância euclidiana para definir a dissemelhança entre grupos de residentes em Cabo Verde, afigurando-se como a distância mais frequentemente utilizada na investigação empírica.

No que respeita aos procedimentos de agrupamento, refira-se que estes podem ser de dois tipos: hierárquicos e não hierárquicos.

Num método de agrupamento hierárquico são feitas sucessivos agrupamentos ou

sucessivas divisões de elementos, o que permite o estabelecimento de uma hierarquia ou estrutura em forma de árvore. A aglomeração hierárquica interliga os sujeitos pelas suas associações, produzindo uma representação gráfica chamada de dendrograma (*dendrogram*). Os métodos hierárquicos são subdivididos em métodos aglomerativos (também designados por ascendentes) e divisivos (também referidos como descendentes), onde os sujeitos semelhantes, segundo as variáveis estudadas, são agrupados entre si.

Nos métodos aglomerativos, cada elemento se inicia representando um grupo e, a cada passo, um grupo ou elemento é ligado a outro de acordo com a sua semelhança, até ao último passo, onde é formado um grupo único com todos os elementos. Já os métodos divisivos funcionam de forma inversa, ou seja, um grupo inicial contendo todos os elementos é dividido em subgrupos, de tal forma que os elementos num subgrupo estejam distantes dos elementos do outro subgrupo. Os métodos aglomerativos são de uso mais frequente nos trabalhos de investigação empírica e foram também aplicados nesta dissertação.

Entre os procedimentos de agrupamento deve-se optar por um método específico. Assim, utilizou-se o método Ward, que se tem revelado um dos métodos hierárquicos de aglomeração mais usados (Malhotra, 2006; Kubrusly, 2001). Segundo Hair *et al.* (1995), o método de Ward consiste num procedimento de agrupamento hierárquico no qual a medida de semelhança usada para juntar os agrupamentos é calculada como a soma de quadrados entre os *clusters* feita sobre todas as variáveis. Em cada estágio do método de Ward, combinam-se os dois agrupamentos que apresentarem menor aumento na soma global dos quadrados dentro dos *clusters*. Posto isto, o processo inicia-se na situação em que cada indivíduo é considerado um grupo.

Após a selecção do algoritmo de classificação e das variáveis de análise, seguiu-se a fase de interpretação dos agrupamentos gerados, designadamente no que respeita ao número de grupos de residentes a reter.

A aplicação de um método hierárquico caracteriza-se pelo estabelecimento de uma hierarquia ou estrutura em forma de árvore que, como se referiu, se designa por dendrograma. Nesta representação gráfica, cortes a pequenas distâncias dão origem a muitos *clusters* e vice-versa. Geralmente, procura-se identificar a solução de *clusters*

que permanece estável durante uma maior distância (Lattin *et al.* 2003).

Já nos agrupamentos não hierárquicos, assume-se um centro de agrupamento e, em seguida, agrupam-se todos os objectos que estão a menos de um valor pré-estabelecido do centro. Esta técnica implica a definição prévia do número de grupos a testar e pressupõe a inserção de todos os elementos nos grupos previamente definidos. Uma das principais diferenças destes métodos face aos hierárquicos reside no facto de serem aplicados directamente aos dados originais não requerendo o cálculo de nenhuma matriz de semelhanças ou distâncias.

De acordo com Brochado (2002), dos vários métodos de agrupamento não hierárquicos existentes, um dos mais frequentemente utilizados e eficientes é o método *k-means* ou *nearest centroid sorting*. Este método e, regra geral, os métodos não hierárquicos são descritos pelas seguintes etapas:

- Partição inicial dos sujeitos por um número (k) de *clusters* definido à partida pelo analista;
- Cálculo dos centróides (media de todos os sujeitos para cada uma das variáveis) de cada um dos k *clusters*. Os centróides iniciais podem ser escolhidos de entre os vários sujeitos do universo ou amostra, ou podem ser definidos pelo analista caso este disponha de informação sobre os mesmos;
- Cálculo da distância euclidiana entre cada indivíduo e os centróides dos k *clusters* definidos;
- Transferência de cada indivíduo para o *cluster* de cujo centróide se encontre mais próximo e recálculo de novos centróides de cada *cluster*;
- Os dois passos anteriores são repetidos até que cada *cluster* se encontre estabilizado, isto é, quando a transferência de indivíduos entre *clusters* já não permite obter variações significativas na distância de cada sujeito a cada um dos centróides.

Na etapa final da análise de *clusters*, tentou-se garantir e confirmar a estabilidade da solução encontrada usando dois outros métodos de agregação: o do critério de maior distância ou *complete linkage* (hierárquico) e o método *k-means* (não hierárquico).

4.6.7. Descrição dos clusters

O Capítulo 5 desta dissertação, dedicado à descrição e análise de resultados, culmina com a apresentação do perfil de cada um dos clusters definidos. Estes são descritos e diferenciados tendo por base as variáveis usadas na ACM mas também em termos de percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, expectativa sobre o futuro desta actividade no Arquipélago, características sociodemográficas e grau de envolvimento no sector do turismo.

Na descrição dos clusters, apenas as relações de dependência estatisticamente significativas, identificadas através de testes de independência do Qui-quadrado, são apresentadas. O teste de independência aplica-se a tabelas de contingência e permite testar a hipótese nula na ausência de uma relação de dependência significativa entre duas variáveis categóricas. O valor p deste teste deverá ser inferior ao nível de significância definido para que se possa concluir sobre uma relação de dependência estatisticamente significativa entre as duas variáveis. Tratando-se também de um teste não paramétrico, usaremos também um nível de significância de 10%.

4.7. Síntese

Neste capítulo apresenta-se a metodologia subjacente à componente empírica desta dissertação, tendo em consideração as questões de investigação formuladas, bem como o objectivo principal e objectivos específicos definidos no Capítulo 1.

Na elaboração deste estudo a revisão bibliográfica revelou-se essencial na identificação e definição das variáveis a utilizar na construção do instrumento de recolha de dados sobre as atitudes dos residentes face ao turismo em Cabo Verde. Paralelamente, este capítulo apresentou a população em estudo e a amostra em análise, descreveu a forma de obtenção dos dados e os métodos de tratamento e análise dos mesmos.

As opções relativamente a estes métodos foram justificadas pela natureza claramente qualitativa (ordinal) da maior parte das variáveis usadas na análise, mas também pelo reconhecimento do potencial interpretativo do uso combinado de um conjunto de métodos estatísticos multivariados.

Capítulo 5 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1. Introdução

Este capítulo apresenta os principais resultados concernentes ao estudo das atitudes dos residentes face ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde e analisa a percepção sobre o contributo desta actividade económica para a melhoria da qualidade de vida da comunidade local cabo-verdiana.

Partindo dos dados recolhidos através do questionário aplicado aos residentes dos cinco concelhos seleccionados (Tarrafal, Praia, São Vicente, Sal e São Filipe), começa-se por apresentar uma caracterização sociodemográfica dos residentes inquiridos. O capítulo prossegue com uma reflexão crítica sobre os resultados da análise estatística, à luz dos objectivos previamente traçados para esta dimensão da investigação empírica.

5.2. Caracterização sociodemográfica dos residentes inquiridos

Para a caracterização sociodemográfica dos residentes inquiridos foram calculadas medidas de estatística descritiva univariada e foram efectuados cruzamentos entre algumas variáveis.

Tal como se explicou no capítulo anterior, de forma a efectuar uma aproximação da amostra final à distribuição da população residente, por sexo, de acordo com os Censos de 2000, foram inquiridos 266 indivíduos de sexo feminino (53%) e 234 do sexo masculino (47%).

A média das idades dos residentes inquiridos é de 40,6 anos com um desvio-padrão de 2,07 anos, sendo 18 anos a idade mínima e 72 anos a máxima. Calculando a média de idades para cada um dos 5 concelhos em estudo, regista-se 38 anos para os residentes do Tarrafal, 42 para os da Praia, 39 anos para os de São Vicente, 41 anos para os do Sal e 43 para os de São Filipe, ou seja, os indivíduos inquiridos no Tarrafal são, em média, mais novos do que os dos outros quatro concelhos.

Para efeitos de análise, os dados foram agrupados em três grupos etários, como se pode observar na Tabela 5.1. Dos três escalões etários, aquele que apresenta o maior peso

relativo é o dos 18 aos 34 anos com 52,4% (55,1% entre os indivíduos do sexo masculino, 50,0% entre os do sexo feminino), sendo o escalão de idades mais avançadas (55 ou mais anos) o que apresenta um peso relativo menor com 17% dos inquiridos (15% entre os indivíduos do sexo masculino, 18,8% entre os do sexo feminino). O escalão intermédio (35 aos 54 anos) abrange 30,6% dos inquiridos (29,9% entre os indivíduos do sexo masculino, e 31,2% são do sexo feminino).

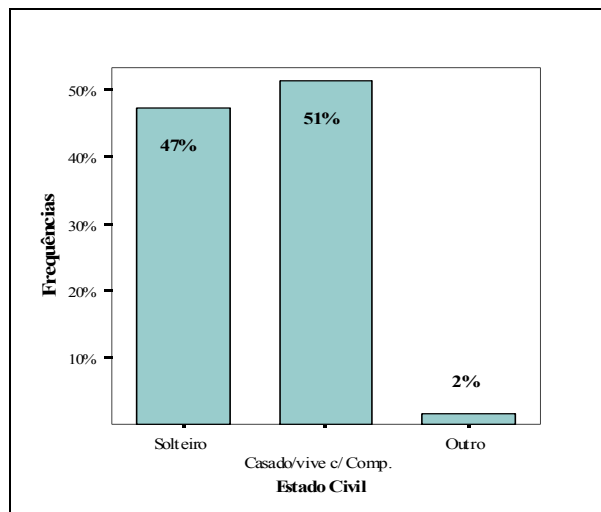
Tabela 5.1 – Número de residentes inquiridos, por sexo e grupos etários

		Idade			Total
		18-34 Anos	35-54 Anos	55 + Anos	
Sexo	Masculino	129 55,1%	70 29,9%	35 15,0%	234 100,0%
	Feminino	133 50,0%	83 31,2%	50 18,8%	266 100,0%
Total		262 52,4%	153 30,6%	85 17,0%	500 100,0%

Fonte: Output SPSS

Quanto ao estado civil, a Figura 5.1 mostra que a maioria dos residentes se enquadra na categoria de “casado/vive com companheiro” (51%), seguindo-se os “solteiros” (47%) e os que se inserem noutra situação (2%), ou seja, separados, divorciados ou viúvos.

Figura 5.1 – Número de residentes inquiridos, por estado civil



Fonte: Elaboração própria

No que respeita ao tempo de residência no concelho actual, 69% dos inquiridos residiram sempre no mesmo concelho (ver Tabela 5.2). No caso do concelho de São Filipe, constata-se que apenas 15% dos inquiridos não residiram sempre no mesmo concelho, enquanto essa percentagem ascende a 22,5% no caso do Tarrafal, 29,7% em

São Vicente, 35,1% na Praia e 50% no caso do concelho do Sal. Todavia, no que tange a este último concelho, é de ressaltar que este resultado advém da forte corrente migratória que se faz sentir na ilha, resultante do desenvolvimento do turismo e decorrente da falta de mão-de-obra necessária para a construção de infra-estruturas, nomeadamente hoteleiras.

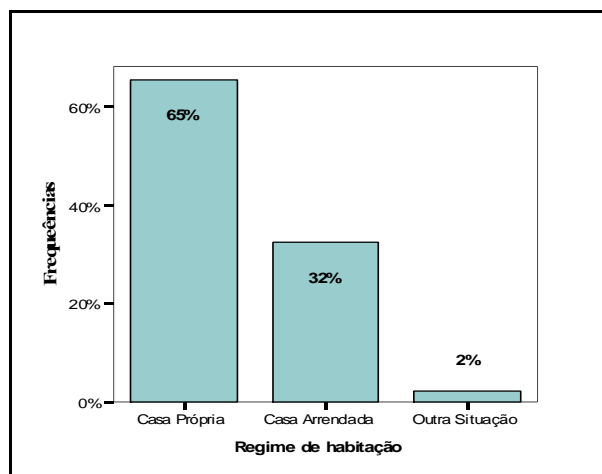
Tabela 5.2 – Número de residentes inquiridos, por tempo de residência no concelho

Residiu sempre neste concelho?		Concelho de residência										Total	
		Tarrafal		Praia		Sal		São Vicente		São Filipe			
	Sim	31	77,5%	146	64,9%	15	50,0%	102	70,3%	51	85,0%	345	69,0%
	Não	9	22,5%	79	35,1%	15	50,0%	43	29,7%	9	15,0%	155	31,0%
Total		40	100,0%	225	100,0%	30	100,0%	145	100,0%	60	100,0%	500	100,0%

Fonte: Elaboração própria

No que concerne ao regime de habitação (ver Figura 5.2), é de realçar a elevada percentagem de inquiridos que habitam em casa própria (65%), estando os restantes inquiridos na situação de casa arrendada (32%) ou noutra situação (2%), por exemplo, a coabitar com outros familiares que não sejam os pais.

Figura 5.2 – Número de residentes inquiridos, por regime de habitação



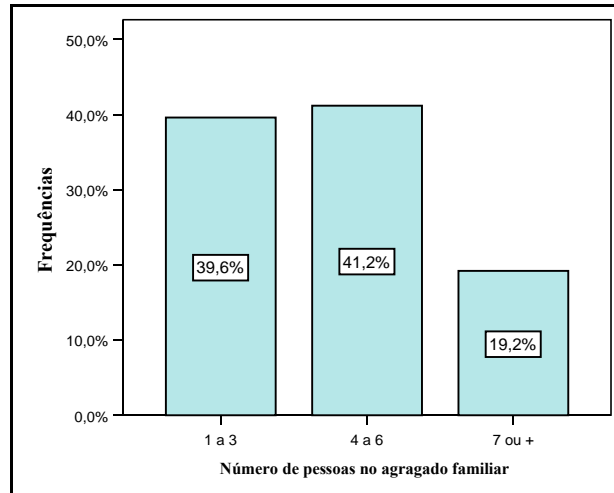
Fonte: Elaboração própria

Relativamente à dimensão do agregado familiar, pode constatar-se que esta varia ente 1 e 17 pessoas (ver Figura 5.3). A dimensão média do agregado familiar é de cerca de 5 pessoas com um desvio-padrão de cerca de 3 pessoas. A mediana e a moda, neste caso, correspondem a 4 e 5 indivíduos por agregado, respectivamente.

Dada a grande dispersão de número de pessoas por agregado familiar, sugerida por um

coeficiente de variação de 55,5%, foram criados três escalões de agregados, como se pode observar na Figura 5.3. Os agregados familiares com maior expressão têm 4 a 6 pessoas (41,2%), seguindo-se os que têm 1 a 3 pessoas (39,6%) e, por último, os que tem 7 ou mais pessoas (19,2%).

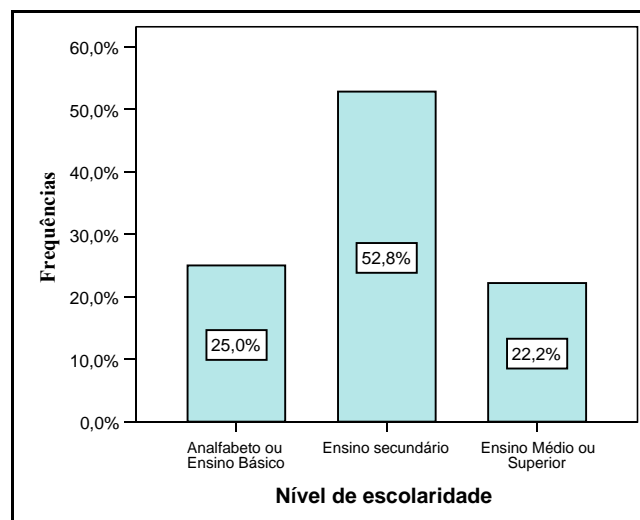
Figura 5.3 – Número de residentes inquiridos, por dimensão do agregado familiar



Fonte: Elaboração própria

Na análise do nível de escolaridade foi feito um agrupamento prévio em três categorias: “analfabeto ou ensino básico” (25%), “ensino secundário” (52,8%) e “ensino médio ou superior” (22,2%) (Figura 5.4). Assim, observa-se que o nível de escolaridade dos residentes inquiridos é médio, uma vez que o segundo escalão, correspondente ao “ensino secundário”, representa 52,8% dos inquiridos.

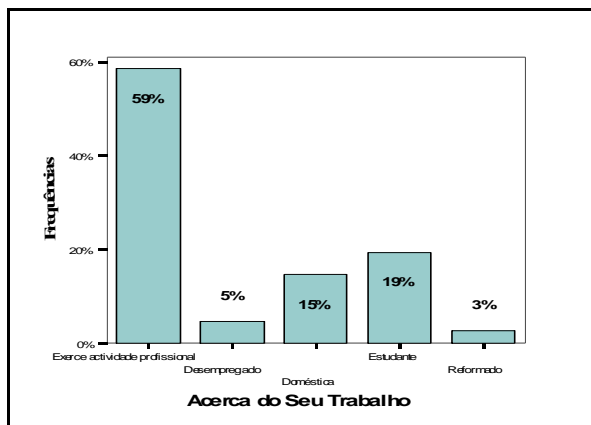
Figura 5.4 – Número de residentes inquiridos, por nível de escolaridade



Fonte: Elaboração própria

Quanto à situação profissional, a Figura 5.5 mostra que a maior parte dos respondentes (294, ou seja, 58,8%) exerce alguma actividade profissional, seguindo-se os estudantes (19,4%), as domésticas (14,6%), os desempregados (4,6%) e, por último, com apenas 2,6%, os reformados.

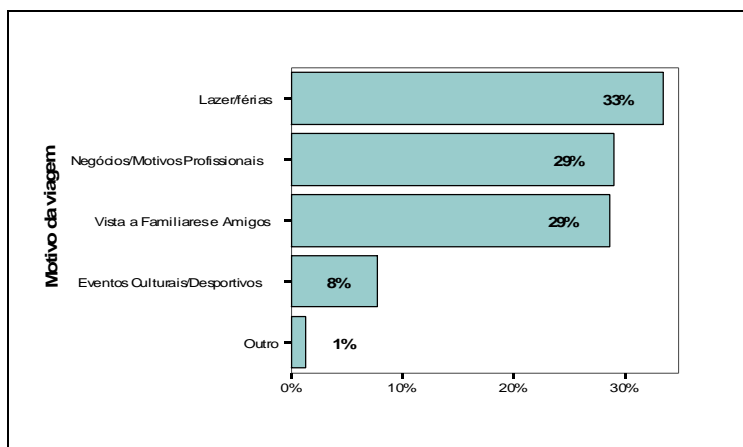
Figura 5.5 – Número de residentes inquiridos por situação profissional



Fonte: Elaboração própria

Para aferir a experiência pessoal de viajar, questionou-se os residentes sobre se efectuaram alguma viagem nos últimos dois anos para fora da ilha onde residem. Neste ponto notou-se que metade dos inquiridos respondeu que já viajou para fora da ilha onde reside. Relativamente a estes inquiridos, procedeu-se a uma análise dos principais motivos que condicionaram essas deslocações (Figura 5.6). Assim, dos indivíduos que responderam positivamente, 33% viajou por motivo de lazer/férias, 29% para visitar familiares e/ou amigos, 29% por motivos profissionais e 8% para participar em eventos culturais e desportivos. É de referir que, da percentagem de inquiridos que efectuaram uma viagem para fora da ilha onde residem, 20,4% viajaram para o estrangeiro.

Figura 5.6 – Motivos da viagem para fora da ilha onde reside



Fonte: Elaboração própria

5.3. Grau de envolvimento no sector do turismo

No tocante ao grau de envolvimento no sector do turismo, foram efectuadas cinco questões a fim de aferir a participação dos residentes neste sector em Cabo Verde. Estas questões foram as seguintes: (1) “Ganha a sua vida no turismo?”; (1.1) “Se respondeu, sim qual a categoria?”; (2) “Tem algum contacto directo com turistas como parte do seu trabalho?”; (3) “O turismo é a principal fonte de rendimento do seu agregado familiar?”; (4) “Tem algum familiar próximo envolvido profissionalmente no sector do turismo?”.

No que se refere à **Questão 1**, constatou-se que 19,6% dos inquiridos afirmaram ganhar a sua vida no turismo, enquanto 80,4% afirmaram o contrário (Tabela 5.3).

Tabela 5.3 – Residentes que ganham a sua vida no turismo

	Sim	Não	Total
Ganha a sua vida no turismo?	98	402	500
	19,6%	80,4%	100,0%

Fonte: Output SPSS

Dos indivíduos que afirmaram ganhar a sua vida no turismo, 55,1% são do sexo masculino e 44,9% são do sexo feminino (Tabela 5.4).

Tabela 5.4 – Residentes que ganham a sua vida no turismo, por sexo

Ganha a sua vida no turismo?		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Sim		54	44	98
		55,1%	44,9%	100,0%
Não		180	222	402
		44,8%	55,2%	100,0%

Fonte: Output SPSS

No que toca à categoria profissional dos indivíduos que afirmaram ganhar a sua vida no turismo, 73,5% estavam inseridos na categoria de empregados e 26,5% afirmaram ser empresários do sector do turismo (Tabela 5.5).

Tabela 5.5 – Residentes que ganham a sua vida no turismo, por categoria profissional

	Empregado	Empresário	Total
Se respondeu sim qual a categoria?	72	26	98
	73,5%	26,5%	100,0%

Fonte: Output SPSS

Do cruzamento destes dados com a variável sexo, apresentado na Tabela 5.6, constata-

se que no que toca à categoria profissional de empregado, 54,2% dos respondentes são do sexo masculino e 45,8% são do sexo feminino. Na categoria de empresário, verifica-se que 57,7% dos inquiridos são do sexo masculino e 42,3% são do sexo feminino. Estes valores traduzem alguma preponderância masculina no sector do turismo, principalmente no que concerne as áreas de chefia.

Tabela 5.6 – Residentes que ganham a sua vida no turismo, por categoria profissional e por sexo

		Masculino	Feminino	Total
Se respondeu sim qual a categoria?	Empregado	39 54,2%	33 45,8%	72 100,0%
	Empresário	15 57,7%	11 42,3%	26 100,0%

Fonte: Output SPSS

No que toca à **Questão 2**, verifica-se que 35,8% dos inquiridos afirmaram estar envolvidos directa ou indirectamente no sector do turismo, isto é, terem um negócio ou um emprego neste sector, ou ainda, trabalhando noutra actividade, terem contacto directo com turistas. Os restantes inquiridos (64,2%) não revelavam qualquer tipo de envolvimento com o sector em causa. Dos inquiridos que evidenciaram contacto directo com turistas, 59,8% são do sexo masculino e 40,2%, do sexo feminino (Tabela 5.7).

Tabela 5.7 – Residentes que têm algum contacto directo com turistas como parte do seu trabalho, por sexo

		Masculino	Feminino	Total
Tem algum contacto directo com turistas como parte do seu trabalho?	Sim	107 59,8%	72 40,2%	179 100,0%
	Não	127 39,6%	194 60,4%	321 100,0%

Fonte: Output SPSS

Relativamente à **Questão 3**, a análise da Tabela 5.8 indica que apenas 16,4% dos inquiridos têm no turismo a principal fonte de rendimento do seu agregado familiar e que 83,6% revelam o contrário.

Tabela 5.8 – Residentes que têm o turismo como principal fonte de rendimento do seu agregado familiar

	Sim	Não	Total
O turismo é a principal fonte de rendimento do seu agregado familiar?	82	418	500
	16,4%	83,6%	100,0%

Fonte: Output SPSS

Por último, na **Questão 4**, questionou-se os inquiridos sobre se tinham algum familiar próximo com fonte de rendimento ou emprego relacionado com o turismo e 23,4% responderam afirmativamente (Tabela 5.9).

Tabela 5.9 – Residentes que têm algum familiar próximo com o turismo como fonte de rendimento ou emprego

	Sim	Não	Total
Tem algum familiar próximo relacionado com o turismo como fonte de rendimento ou emprego?	117	383	500
	23,4%	76,6%	100,0%

Fonte: Output SPSS

5.4. O desenvolvimento de Cabo Verde: actividades económicas e áreas prioritárias a serem desenvolvidas

Numa análise inicial, pediu-se aos inquiridos que indicassem as actividades económicas que, na sua opinião, apresentam maior potencial de crescimento em Cabo Verde (ver Tabela 5.10). Segundo as suas opiniões, o Turismo afigura-se no primeiro lugar das actividades económicas com maior potencial de crescimento no país, tendo sido apontado por 67,8% dos respondentes. Em segundo lugar, encontra-se o comércio (48,4%), seguindo-se a Agricultura e Pecuária (30%), a Pesca (27,4%), os Serviços (19%), e, por fim, a Indústria (13,6%).

Tabela 5.10 – Actividades económicas com maior potencial de crescimento em Cabo Verde

Actividades económicas	Frequências	Percentagens em 500 questionários
Turismo	339	67,8%
Comércio	242	48,4%
Agricultura/pecuária	150	30,0%
Pesca	137	27,4%
Serviços	95	19,0%
Indústria	68	13,6%
Outros	2	0,4%

Fonte: Elaboração própria

Foi ainda introduzida uma pergunta no questionário a fim de permitir a enumeração de áreas prioritárias a serem desenvolvidas e quais delas merecem maior atenção para o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde. Como se pode observar na Tabela 5.11, as duas primeiras áreas, Educação/Formação e Infra-estruturas, foram referidas por mais

de metade dos respondentes. No entanto, é de salientar que há uma preocupação grande também relativamente à Energia e Água (47%). As restantes áreas tiveram valores semelhantes, tendo sido apontadas por cerca de 38% dos respondentes.

Tabela 5.11 – Áreas prioritárias a serem desenvolvidas em Cabo Verde

Áreas de desenvolvimento	Frequências	Percentagens em 500 questionários
Educação/Formação	352	70,4%
Infra-estruturas	265	53,0%
Energia e Água	235	47,0%
Ambiente	191	38,2%
Melhoria/conservação do património	190	38,0%
Saneamento	189	37,8%

Fonte: Elaboração própria

É de realçar que estes resultados são suportados pela literatura que se debruça sobre o turismo no mundo insular, ou seja, vários autores defendem que muitos destinos turísticos ilhéus, à semelhança de Cabo Verde, carecem de investimentos na Educação, nas Infra-estruturas, mormente turísticas, portuárias, rodoviárias, etc., e sobretudo nas áreas de Energia e Água (Briguglio e Briguglio, 1996; Diamantis, 1999; Baldacchino, 2006; Batle, 2000). Ainda sobre as ilhas, elas apresentam vulnerabilidades ambientais que podem ser causadas directamente pela actividade turística, como, por exemplo, a poluição, a acumulação de resíduos sólidos, a degradação dos solos, a desflorestação, etc., e são muito vulneráveis às mudanças climáticas.

Segundo as Nações Unidas (2005), a falta de alguns recursos naturais, especialmente a água doce nas ilhas, não só traz consequências geofísicas, mas também sociais e económicas preocupantes, que se vêm exacerbadas pela variabilidade climática e por fenómenos atmosféricos extremos. O turismo é uma indústria que consome muita água e Cabo Verde sofre muito com a escassez desse líquido, o que se torna, doravante, juntamente com a falta de energia, numa das maiores ameaças ao desenvolvimento turístico.

Por estes motivos, os inquiridos manifestaram as suas preocupações quanto à preservação do ambiente, como sendo uma das áreas prioritárias a ser desenvolvida. Para que Cabo Verde e os cabo-verdianos beneficiem eficazmente do usufruto do turismo, é necessário e prudente ter em conta essas áreas, insistindo sempre no desenvolvimento sustentável do turismo.

5.5. Percepção e expectativa dos residentes face ao turismo em Cabo Verde

Verde

Esta secção é dedicada à análise da percepção e da expectativa dos residentes em relação ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde. Para dar respostas às questões de investigação (Questões 1 a 4), e a par do uso de algumas técnicas estatísticas descritivas, são apresentados os resultados dos testes de Mann-Whitney e testes de Kruskal-Wallis.

5.5.1. Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde

Tal como se referiu na secção 4.3., esta questão foi avaliada utilizando uma escala de Likert com os seguintes níveis: 1 – Muito fraco, 2 – Fraco, 3 – Razoável, 4 – Bom e 5 – Muito bom.

Como evidencia a Tabela 5.12, os residentes inquiridos manifestam uma percepção positiva face ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde. Deste modo, a mediana situou-se no nível de resposta 4 (Bom), sendo de 59,6% a proporção de respondentes que avaliaram o desenvolvimento turístico em Cabo Verde como “Bom” ou “Muito bom”.

Tabela 5.12 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde

	1 Muito fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito Bom	Total	Mediana
Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde	5	32	165	164	134	500	4
	1,0%	6,4%	33,0%	32,8%	26,8%	100,0%	(Bom)

Fonte: Output SPSS

Para testar se a percepção dos residentes difere em função das características sociodemográficas (sexo, grupo etário, estado civil, dimensão do agregado familiar, nível de escolaridade, situação profissional, concelho de residência, tempo de residência no concelho e regime de habitação) que corresponde à **questão de investigação 1** e do grau de envolvimento profissional no sector do turismo, ou seja, a **questão de investigação 2**, foram utilizados testes não paramétricos para duas ou mais amostras independentes.

No que respeita às características sociodemográficas, encontraram-se diferenças significativas em função do sexo, do concelho de residência, do trabalho no estrangeiro e do nível de escolaridade. Registaram-se, também, diferenças significativas no que toca ao grau de envolvimento relativamente ao sector do turismo (ganha a sua vida no turismo, contacto directo com turistas como parte do seu trabalho, turismo como a principal fonte de rendimento do agregado, e familiar próximo envolvido profissionalmente no sector do turismo). Estes dois resultados gerais, que serão detalhados abaixo, permitem sustentar a **validade das questões de investigação 1 e 2**.

▪ **Percepção e características sociodemográficas**

No que toca a uma análise por sexo, os resultados do teste de Mann-Whitney apontaram para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre grupos em termos da percepção sobre o desenvolvimento do turismo no país (teste de Mann-Whitney: $p=0,002$). De acordo com os resultados ilustrados na Tabela 5.13, constata-se que os indivíduos do sexo feminino têm uma percepção mais favorável sobre esta questão, apresentando 65% de resposta nas categorias de “Bom” e “Muito bom” enquanto os indivíduos do sexo masculino apenas apresentam 53,4% de respostas nestas mesmas categorias.

Tabela 5.13 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por sexo

Sexo	1 Muito Fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito Bom	Total	Mediana
Masculino	2,1%	8,1%	36,3%	31,6%	21,8%	100,0%	4 (Bom)
Feminino	0%	4,9%	30,1%	33,8%	31,2%	100,0%	4 (Bom)

Fonte: Output SPSS

Sobre se o indivíduo trabalhou ou não no estrangeiro, a aplicação do teste de Mann-Whitney permitiu confirmar a presença de diferenças estatisticamente significativas de percepção entre grupos (teste de Mann-Whitney: $p=0,001$). Com esta questão pretendia-se aferir a percentagem de residentes que tinham emigrado para o estrangeiro com o objectivo de trabalhar. Dos resultados obtidos, apenas 9,8% dos inquiridos estiveram nesta situação. A Tabela 5.14 mostra que este grupo de indivíduos tem uma percepção menos favorável sobre o desenvolvimento do turismo no país do que aqueles que não

trabalharam no estrangeiro¹⁷.

Tabela 5.14 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por trabalho no estrangeiro

Trabalhou no estrangeiro?	1 Muito Fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito Bom	Total	Mediana
Sim	2,0%	22,4%	34,7%	24,5%	16,3%	100,0%	3 (Razoável)
Não	0,9%	4,7%	32,8%	33,7%	27,9%	100,0%	4 (Razoável)

Fonte: Output SPSS

Relativamente ao concelho de residência (Tabela 5.15), os resultados do teste de Kruskal-Wallis permitem detectar diferenças significativas de percepção entre residentes em concelhos distintos (teste de Kruskal-Wallis: $p=0,000$).

Assim, atendendo aos resultados da medida de tendência central (mediana), constata-se que os residentes no concelho do Sal têm uma percepção significativamente mais favorável em relação ao desenvolvimento do turismo no país do que os indivíduos de outros concelhos (Tabela 5.15). Este resultado traduz a supremacia do concelho do Sal como o maior pólo turístico de Cabo Verde, no que diz respeito a capacidade de alojamento (56%), hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros (59,6%) e nas dormidas (69,1%) (INE, 2008). Na situação oposta encontra-se o concelho do Tarrafal que regista a percentagem mais elevada nas categorias de resposta “Fraco” e “Muito fraco”, o que revela uma percepção menos positiva sobre o desenvolvimento do turismo no país.

Tabela 5.15 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por concelho de residência

Concelho de residência	1 Muito Fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito Bom	Total	Mediana
Tarrafal	7,5%	15,0%	35,0%	22,5%	20,0%	100,0%	3
Praia	0,4%	4,4%	29,8%	33,8%	31,6%	100,0%	4
Sal	0%	3,3%	23,3%	20,0%	53,3%	100,0%	5
São Vicente	0%	8,3%	41,4%	34,5%	15,9%	100,0%	4
São Filipe	1,7%	5,0%	28,3%	38,3%	26,3%	100,0%	4

Fonte: Output SPSS

Relativamente ao nível de escolaridade (Tabela 5.16), em que se consideraram três

¹⁷ É de ressaltar que este valor (9,8%) não traduz a realidade da emigração cabo-verdiana, sendo que uma das características da população cabo-verdiana é a sua propensão para a emigração em busca de melhores condições de vida, fruto das insuficiências e carências de várias ordens que afectam as ilhas. Segundo dados do Instituto das Comunidades de Cabo Verde (2008), deve haver mais de 500 mil cabo-verdianos na diáspora, embora os números variem consoante as fontes utilizadas e o critério escolhido.

categorias (analfabeto ou ensino básico, ensino secundário e ensino médio ou superior), os resultados do teste de Kruskal-Wallis apontam para a existência de diferenças de percepção estatisticamente significativas entre categorias (teste de Kruskal-Wallis: $p=0,000$). De acordo com os resultados do cruzamento de dados, verifica-se que os indivíduos analfabetos ou com o ensino básico têm uma percepção mais favorável em relação ao desenvolvimento do turismo no país do que aqueles que possuem ensino médio ou superior. Estes últimos constituem o grupo com uma percepção menos favorável em relação ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde.

A este respeito importa notar que vários autores referem que os indivíduos com um nível de escolaridade mais elevado têm um conhecimento superior sobre a realidade da actividade turística, estando mais cientes dos seus benefícios e custos, o que se traduz numa percepção menos favorável, ou seja, mais realista desta actividade (Ap, 1990; Milman e Pizam, 1988; Pearce *et al.* 1996; Wang *et al.* 2006). Neste sentido, o resultado encontrado neste estudo sobre Cabo Verde é corroborado pela literatura especializada nesta matéria.

Tabela 5.16 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por nível de escolaridade

Nível de escolaridade	1 Muito Fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito Bom	Total	Mediana
Analfabeto ou ensino básico	2,4%	4,0%	26,4%	30,4%	36,8%	100,0%	4 (Bom)
Ensino secundário	0%	6,1%	32,2%	33,2%	33,3%	100,0%	4 (Bom)
Ensino médio ou superior	1,8%	9,9%	42,3%	34,2%	11,7%	100,0%	3 (Razoável)

Fonte: Output SPSS

▪ Percepção e grau de envolvimento profissional no sector do turismo

Relativamente ao grau de envolvimento no sector do turismo, os resultados da aplicação do teste Mann-Whitney apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os indivíduos que ganham a sua vida no turismo e as que não o fazem (teste de Mann-Whitney: $p=0,000$). Os resultados exibidos na Tabela 5.17 evidenciam que os indivíduos que estão ligados profissionalmente ao turismo têm uma percepção mais favorável quanto ao desenvolvimento dessa área em Cabo Verde do que

aqueles que não se encontram nesta situação. Para este primeiro grupo a soma das respostas nas categorias “Mais” e “Muito mais” corresponde a 67,3%. De modo idêntico, como mostra a mesma tabela, também aqueles que não ganham a sua vida no turismo manifestam uma percepção positiva quanto ao desenvolvimento do turismo no país, conforme se vê pelo resultado da soma das categorias “Mais” e “Muito mais” este valor é de 57,7%, embora evidenciem uma maior discrepâncias nas respostas – como se pode observar, a categoria de escala “Razoável” regista 35,6% das respostas perante este segundo grupo.

Tabela 5.17 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por ganhar a vida no turismo

Ganha a sua vida no turismo?	1 Muito fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito Bom	Total	Mediana
Sim	3 3,1%	7 7,1%	22 22,4%	31 31,6%	35 35,7%	98 100%	4 (Bom)
Não	2 0,5%	25 6,2%	142 35,6%	133 33,1%	92 24,6%	402 100%	

Fonte: Output SPSS

Paralelamente, os resultados do teste efectuado apontam para existência de diferenças estatisticamente significativas entre grupos no que respeita à questão “ganha a sua vida no turismo?” (teste de Mann-Whitney: $p=0,000$). Assim, no que concerne à categoria profissional, os empregados manifestam uma percepção ligeiramente mais elevada do que os empresários do sector de acordo com a soma dos valores das categorias “Bom” e “Muito bom” (69,2%), enquanto os valores das mesmas categorias para os empresários correspondem a 66,6%, não deixando, também, de ser uma percepção positiva, de acordo com a Tabela 5.18.

Tabela 5.18 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por categoria profissional

Ganha a sua vida no turismo?	1 Muito fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito Bom	Total	Mediana
Empresário	1 1,4%	6 8,3%	17 23,6%	24 33,3%	24 33,3%	72 100%	4 (Bom)
Empregado	2 7,7%	1 3,8%	5 19,2%	7 26,9%	91 42,3%	26 100%	

Fonte: Output SPSS

Procedendo à aplicação do teste de Mann-Whitney, concluímos que existem diferenças estatisticamente significativas entre grupos consoante o residente tenha ou não contacto

directo com turistas no decurso da sua actividade profissional (teste de Mann-Whitney: $p=0,000$). De acordo com os resultados exibidos na Tabela 5.19, os indivíduos que afirmaram ter contacto directo com turistas como parte do seu trabalho têm uma percepção mais favorável do que aqueles que responderam o contrário, evidenciando 62,0% nas categorias de resposta “Mais” e “Muito mais”. No entanto, nota-se que, em ambas as categorias, houve uma proporção de respostas na categoria “Razoável” superior a 30%.

Tabela 5.19 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde por categoria profissional

Tem contacto directo com turistas?	1 Muito Fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito bom	Total	Mediana
Sim	4 2,2%	9 5,0%	55 30,7%	55 30,7%	56 31,3%	179 100%	5 (Muito mais)
Não	1 0,3%	23 7,2%	110 34,3%	109 34,0%	78 24,2%	100%	

Fonte: Output SPSS

Os resultados da aplicação do teste de Mann-Whitney permitem-nos concluir que os residentes que têm no turismo a principal fonte de rendimento evidenciam uma percepção mais favorável face ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde do que os demais (teste de Mann-Whitney: $p=0,005$). Conforme exposto na Tabela 5.20, os residentes que responderam positivamente a esta questão têm uma percepção mais positiva sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, patenteando 69,5% nas categorias de respostas “Bom” e “Muito bom”.

Tabela 5.20 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, por fonte de rendimento

Turismo principal fonte rendimento?	1 Muito Fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito bom	Total	Mediana
Sim	1 1,2%	4 4,9%	20 24,4%	23 28,0%	34 41,5%	82 100%	4 (Bom)
Não	4 1,0%	28 6,7%	145 34,7%	141 33,7%	100 23,9%	418 100%	

Fonte: Output SPSS

Prosseguindo a análise, no que respeita ao facto de os inquiridos terem ou não algum familiar próximo cuja principal fonte de rendimento ou emprego esteja relacionado com o turismo, o teste de Mann-Whitney permitem detectar diferenças estatisticamente significativas entre grupos (teste de Mann-Whitney: $p=0,002$). Como se pode observar

na Tabela 5.21, os indivíduos que têm algum familiar próximo cuja principal fonte de rendimento ou emprego provenha do turismo manifestam uma percepção mais positiva no que toca ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, com valores percentuais de 68,4% nas categorias de resposta “Mais” e “Muito mais”.

Tabela 5.21 – Percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde em relação ao turismo como principal fonte de rendimento de familiar

Turismo principal fonte rendimento?	1 Muito Fraco	2 Fraco	3 Razoável	4 Bom	5 Muito bom	Total	Mediana
Sim	1 0,9%	4 3,4%	32 27,4%	36 30,8%	44 37,6%	117 100%	4 (Bom)
Não	4 1,0%	28 7,3%	133 34,7%	128 33,4%	90 23,5%	383 100%	

Fonte: Output SPSS

Em síntese, é de realçar que à luz dos resultados encontrados neste subponto, os indivíduos que estavam envolvidos directa ou indirectamente no sector do turismo, manifestam uma percepção mais favorável do turismo em Cabo Verde do que aqueles que não têm qualquer ligação ao sector. Esta percepção mais favorável sobre o turismo no país pode justificar-se pelo facto de estes indivíduos terem uma maior dependência económica do sector em causa.

5.5.2. Expectativa sobre a importância da actividade turística nos próximos anos

Relativamente à importância que a actividade turística irá desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos, solicitou-se aos inquiridos que respondessem utilizando uma escala de Likert com os seguintes níveis: 1 – Muito menos, 2 – Menos, 3 – A mesma, 4 – Mais e 5 – Muito mais.

A mediana global da amostra regista o valor 5 (muito mais). Note-se, também, que as duas categorias de resposta 4 (muito) e 5 (muito mais) captaram 91,8% das respostas. Este resultado revela que os inquiridos têm uma expectativa muito elevada sobre o papel que a actividade turística vai desempenhar no futuro do arquipélago de Cabo Verde (Tabela 5.22).

Tabela 5.22 – Expectativa sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde no futuro

	1 Muito menos	2 Menos	3 A mesma	4 Mais	5 Muito mais	Total	Mediana
Expectativa sobre a importância do turismo em Cabo Verde no futuro	3	7	31	148	311	500	5 (Muito mais)
	0,6%	1,4%	6,2%	29,6%	62,2%	100%	

Fonte: Output SPSS

Atendendo à análise das diferenças de expectativa dos residentes por características sociodemográficas, os resultados dos testes de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis apontaram para a inexistência de diferenças estatisticamente significativa em função deste tipo de variáveis (valores $p > 0,10$). Por outras palavras, **não existe evidência estatística a favor da questão de investigação 3.**

Todavia, algumas diferenças significativas em termos de expectativa foram detectadas entre residentes consoante o seu grau de envolvimento profissional no sector do turismo. Este resultado permite **validar a questão de investigação 4.**

- **Expectativa e grau de envolvimento profissional no sector do turismo**

Conforme evidencia a Tabela 5.23, os resultados da aplicação do teste de Mann-Whitney apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas de expectativa entre indivíduos que ganham ou não a sua vida no turismo (teste de Mann-Whitney: $p = 0,044$). Os resultados expostos na mesma tabela permitem afirmar que os indivíduos que têm a sua actividade profissional ligada ao turismo têm uma expectativa mais favorável quanto à importância que a actividade turística vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos do que aqueles que não se encontram nesta situação. Para o primeiro grupo de indivíduos, a soma das respostas nas categorias “Mais” e “Muito mais” equivale a 97,8%. Todavia, conforme evidencia a mesma tabela, mesmo aqueles que não ganham a sua vida no turismo têm uma expectativa bastante positiva quanto ao futuro do turismo em Cabo Verde, de acordo com o resultado da soma das categorias “Bom” e “Muito bom” (90,4%).

Tabela 5.23 – Expectativa sobre a importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos, por “ganhar a vida no turismo”.

Ganha vida no turismo?	1 Muito menos	2 Menos	3 A mesma	4 Mais	5 Muito mais	Total	Mediana
Sim	1,0%	1,0%	0%	28,1%	69,8%	100,0%	5 (Muito mais)
Não	0,5%	1,5%	7,7%	30,0%	60,4%	100,0%	

Fonte: Output SPSS

No que se refere ao contacto directo com turistas, o teste de Mann-Whitney permitem concluir que existem diferenças significativas entre categorias (teste de Mann-Whitney: $p=0,001$). Conforme se encontra patente na Tabela 5.24, os indivíduos que contactam directamente com turistas têm uma expectativa muito positiva sobre o papel que o turismo vai desempenhar no futuro de Cabo Verde, registando um valor de 98,3% nas categorias “Mais” e “Muito mais”. Por outro lado, aqueles que não têm nenhum contacto com turistas também manifestam uma expectativa elevada neste sentido, muito embora com uma percentagem menor de resposta nestas categorias (88,4%).

Tabela 5.24 – Expectativa sobre a importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos, consoante o “contacto directo com turistas”.

Tem contacto directo com turistas?	1 Muito menos	2 Menos	3 A mesma	4 Mais	5 Muito mais	Total	Mediana
Sim	1,1%	0%	0,6%	28,6%	69,7%	100%	5 (Muito mais)
Não	0,3%	2,2%	9,2%	30,2%	58,2%	100%	

Fonte: Output SPSS

Os resultados da aplicação do teste de Mann-Whitney permitem afirmar que residentes que têm no turismo a principal fonte de rendimento evidenciam uma expectativa mais favorável quanto ao papel que o turismo vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos do que os restantes inquiridos (teste de Mann-Whitney: $p=0,002$). Como se pode observar na Tabela 5.25, os indivíduos que responderam positivamente a esta questão têm uma expectativa elevada quanto ao papel que o turismo vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos, evidenciando 96,7% nas categorias de resposta “Mais” e “Muito mais”.

Tabela 5.25 – Expectativa sobre a importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos em relação ao “turismo como principal fonte de rendimento”

O turismo é a principal fonte de rendimento?	1 Muito menos	2 Menos	3 A mesma	4 Mais	5 Muito mais	Total	Mediana
Sim	0%	1,2%	1,2%	26,8%	70,7%	100,0%	5 (Muito mais)
Não	0,7%	1,4%	7,2%	30,1%	60,5%	100,0%	

Fonte: Output SPSS

Relativamente ao facto de os residentes terem ou não algum familiar próximo relacionado com o turismo como fonte de rendimento ou emprego, o teste de Mann-Whitney permite detectar diferenças estatisticamente significativas entre grupos (teste de Mann-Whitney: $p=0,001$). A Tabela 5.26 mostra que os indivíduos que têm um parente cuja principal fonte de rendimento se encontra no turismo possuem uma expectativa mais favorável quanto ao papel que o turismo vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos do que aqueles que não têm.

Tabela 5.26 – Expectativa sobre importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos, em relação a “familiar próximo envolvido profissionalmente no turismo”

Outro membro do agregado familiar?	1 Muito menos	2 Menos	3 A mesma	4 Mais	5 Muito mais	Total	Mediana
Sim	1,7%	3,4%	0%	24,8%	70,1%	100,0%	5 (Muito mais)
Não	0,3%	0,8%	8,1%	31,1%	59,8%	100,0%	

Fonte: Output SPSS

5.6. Atitudes dos residentes em relação aos impactes do turismo em Cabo Verde

Para avaliar as atitudes dos residentes em relação aos impactes do turismo no Arquipélago de Cabo Verde, pediu-se aos inquiridos para se manifestarem perante um conjunto de 32 afirmações (AF₁ a AF₃₂). Tal como salientado na secção 4.3, as atitudes foram medidas através de uma escala de Likert com cinco níveis, variando entre 1 (Discordo plenamente) e 5 (Concordo plenamente), sendo o ponto intermédio, 3, correspondente à categoria “Não concordo nem discordo”. As análises apresentadas nas subsecções seguintes visam avaliar as questões de investigação 5 a 7.

5.6.1. Análise preliminar

A fim de simplificar a análise deste conjunto de afirmações, as mesmas foram divididas em dois grupos, consoante traduzam uma atitude favorável ou desfavorável em relação aos impactes da actividade turística. As Tabelas 5.27 e 5.28 apresentam os principais resultados desta análise prévia. De referir que as afirmações¹⁸ foram ordenadas nas referidas tabelas por ordem decrescente dos valores do somatório das percentagens de respostas nos níveis da escala “Concordo” e “Concordo plenamente”.

Conforme espelham as Tabelas 5.27 e 5.28, o turismo em Cabo Verde traz benefícios económicos, socioculturais e ambientais, mas também tem as suas vicissitudes, causando custos, muitas vezes elevados, principalmente a nível ambiental e sociocultural.

Para efeitos de interpretação da Tabela 5.27, considera-se que a atitude é positiva, em termos globais, quando a mediana de cada variável (afirmação) é igual ou superior a 4 (Concordo) e negativa quando é igual ou inferior a 2 (Discordo). O oposto deve ser considerado na leitura da Tabela 5.28. Quando o valor da mediana é igual a 3 (Não concordo nem discordo), prevalece a indecisão, em qualquer uma das tabelas.

A Tabela 5.27 mostra que os residentes cabo-verdianos acreditam que o turismo traz benefícios, de uma forma geral, para o país, mas reporta uma descrença nos benefícios individuais, isto é, que o turismo acarrete vantagens pessoais.

As afirmações de que “o turismo ajuda a preservar a cultura e o estimula o artesanato local” (AF₁₂), “o turismo permitir criar emprego para os residentes do meu concelho” (AF₁), “o planeamento do turismo a longo prazo pelas autoridades nacionais e locais pode ser importante” (AF₂₆), “a maior parte dos bens e serviços utilizados no turismo são importantes” (AF₂₇) e “há mais oportunidade de negócios devido ao turismo” (AF₂) foram aquelas que obtiveram a maior aceitação por parte dos residentes com valores percentuais superiores a 70% nos níveis da escala “Concordo” e “Concordo plenamente”, bastante acima da percentagem média global nessas categorias (57,7%) e registando valores da mediana iguais a 4.

¹⁸ As afirmações foram resumidas nas Tabelas 5.27 e 5.28 de modo a permitir uma melhor formatação. Estão completas no Questionário que se encontra no Anexo 1.

Os residentes manifestam ainda níveis de concordância elevados nos seguintes itens: “o turismo tem contribuído para a qualificação e introdução de novas tecnologias no país” (AF₁₇), “tem havido uma preocupação em melhorar a qualidade do ambiente” (AF₉), “o aumento do rendimento do turismo melhora a qualidade de vida” (AF₃), “a qualidade das infra-estruturas e dos serviços públicos tem melhorado” (AF₁₅), “as ligações aéreas para Cabo Verde são boas devido ao turismo” (AF₃₂) e, por último, “o comércio melhorou no meu concelho por causa do turismo” (AF₆).

À luz dos valores da mediana iguais a 3 (Não concordo nem discordo), constata-se que os residentes inquiridos manifestaram uma grande discrepância de opinião perante duas afirmações que captam os impactes socioculturais e económicos do turismo. Estas afirmações são as seguintes: “tenho acesso a melhores equipamentos desportivos, culturais e de lazer” (AF₁₃) e “a maioria das empresas turísticas pertence e é gerida pelos residentes” (AF₂₈), registando valores percentuais superiores a 30% nos níveis da escala “Concordo” e “Concordo plenamente” e valores percentuais superiores a 40% nos níveis de escala “Discordo plenamente” e “Discordo”, valores muito superiores às correspondentes médias globais (24,9%).

Em termos gerais, os residentes manifestaram uma atitude negativa, sugerida por uma mediana baixa (2 – Discordo), quando questionados sobre se “participavam na tomada de decisão quanto ao desenvolvimento do turismo” (AF₂₅), com valores percentuais de 52,2% nos níveis de escala “Discordo plenamente” e “Discordo”. De assinalar, ainda, que os residentes consideram que o desenvolvimento do turismo não lhes tem trazido benefícios económicos directos, dado que revelaram uma postura negativa quanto à afirmação “eu tenho mais dinheiro para gastar devido ao turismo” (AF₄), tendo o valor da mediana sido baixo (2 – Discordo) e os valores percentuais nos níveis de escala “Discordo” e “Discordo plenamente” de 73,2% nesta afirmação. A justificação para esta resposta pode encontrar-se no facto de haver um número muito reduzido de inquiridos a trabalhar directamente no turismo (apenas 19,6%).

Tabela 5.27 – Benefícios do turismo

Benefícios do turismo	1 Discordo Plenamente	2 Discordo	3 Não concordo nem discordo	4 Concordo	5 Concordo plenamente	Total	Concordo + Concordo plenamente	Mediana
AF ₁₂ – O turismo ajuda a preservar a cultura e estimula o artesanato local	3,0%	3,8%	7,6%	54,0%	31,6%	100,0%	85,6%	4
AF ₁ – O turismo permite criar emprego para os residentes	2,6%	5,8%	10,4%	60,8%	20,4%	100,0%	81,2%	4
AF ₂₆ – O planeamento do turismo a longo prazo pode ser importante	2,0%	5,4%	15,4%	32,0%	45,2%	100,0%	77,2%	4
AF ₂₇ – A maior parte dos bens e serviços utilizados no turismo são importantes	0,8%	5,4%	17,0%	63,2%	13,6%	100,0%	76,8%	4
AF ₂ – Há mais oportunidade de negócio devido ao turismo	3,0%	12,0%	11,8%	57,2%	16,0%	100,0%	73,2%	4
AF ₁₇ – Tem contribuído para a qualificação e introdução de novas tecnologias	4,0%	10,4%	17,2%	54,8%	13,6%	100,0%	68,4%	4
AF ₉ – Tem havido uma preocupação em melhorar a qualidade do ambiente	4,8%	10,4%	16,8%	47,6%	20,4%	100,0%	68,0%	4
AF ₃ – O aumento do rendimento do turismo melhora a qualidade de vida	3,0%	13,0%	22,0%	48,6%	13,4%	100,0%	62,0%	4
AF ₁₅ – A qualidade das infra-estruturas e dos serviços públicos tem melhorado	6,4%	20,4%	15,2%	46,0%	12,0%	100,0%	58,0%	4
AF ₃₂ – As ligações aéreas para Cabo Verde são boas devido ao turismo	5,8%	14,8%	22,2%	41,6%	15,6%	100,0%	57,2%	4
AF ₆ – O comércio melhorou no meu concelho por causa do turismo	4,0%	21,8%	21,2%	40,0%	13,0%	100,0%	53,0%	4
AF ₁₃ – Tenho acesso a melhores equipamentos desportivos, culturais e de lazer	11,6%	29,0%	29,0%	24,8%	5,6%	100,0%	30,4%	3
AF ₂₈ – A maioria das empresas turísticas pertence e é gerida pelos residentes	9,4%	35,4%	25,0%	25,6%	4,6%	100,0%	30,2%	3
AF ₂₅ – Participo na tomada de decisão quanto ao desenvolvimento do turismo	27,8%	24,4%	17,8%	22,4%	7,6%	100,0%	30,0%	2
AF ₄ – Eu tenho mais dinheiro para gastar devido ao turismo	34,8%	38,4%	12,8%	10,8%	3,2%	100,0%	14,0%	2
Percentagem média global	8,2%	16,7%	17,4%	42,0%	15,7%	100,0%	57,7%	

Fonte: Elaboração própria

Tabela 5.28 – Custos do turismo

Custos do turismo	1 Discordo plenamente	2 Discordo	3 Não concordo nem discordo	4 Concordo	5 Concordo plenamente	Total	Concordo + Concordo plenamente	Mediana
AF ₅ – O turismo provoca a subida dos preços dos bens e das propriedades	5,6%	15,4%	16,4%	39,0%	23,6%	100,0%	62,6%	4
AF ₃₁ – Tem-se dado demasiada importância ao turismo em Cabo Verde	5,0%	19,0%	18,6%	44,0%	13,4%	100,0%	57,4%	4
AF ₂₃ – Os turistas deveriam pagar mais impostos pelos serviços que usam	12,8%	32,6%	18,2%	30,0%	6,4%	100,0%	36,4%	3
AF ₁₈ – Tem agravado os problemas sociais de droga, alcoolismo e prostituição	16,0%	28,0%	20,8%	28,0%	7,2%	100,0%	35,2%	3
AF ₂₁ – Eu gosto muito dos turistas desde que eles não venham para ficar	13,4%	29,6%	23,0%	26,0%	8,0%	100,0%	34,0%	3
AF ₃₀ – Cabo Verde está demasiado dependente do turismo	6,8%	42,2%	20,4%	24,4%	6,2%	100,0%	30,6%	3
AF ₂₉ – Eu penso que o turismo está a crescer demasiado	6,2%	40,0%	23,4%	23,4%	7,0%	100,0%	30,4%	3
AF ₁₆ – A construção de hotéis está a afectar a qualidade estética do ambiente	11,6%	40,6%	19,6%	20,6%	7,6%	100,0%	28,2%	2
AF ₁₉ – O turismo aumenta a insegurança e a criminalidade	17,4%	36,0%	19,0%	23,0%	4,6%	100,0%	27,6%	2
AF ₂₄ – Tem agravado as desigualdades sociais	12,8%	39,0%	21,0%	23,4%	3,8%	100,0%	27,2%	2
AF ₈ - O turismo tem contribuído para o aumento da poluição do ambiente	19,4%	39,2%	18,8%	18,2%	4,4%	100,0%	22,6%	2
AF ₇ – Tem sido responsável por alterações na paisagem e na biodiversidade	20,4%	40,6%	18,0%	14,0%	7,0%	100,0%	21,0%	2
AF ₁₄ – Tem provocado deterioração de locais de interesse histórico e cultural	22,4%	40,8%	15,8%	16,8%	4,2%	100,0%	21,0%	2
AF ₂₀ – Perturba o comportamento dos residentes	20,8%	42,4%	20,6%	13,4%	2,8%	100,0%	16,2%	2
AF ₂₂ – Os residentes não têm acesso às principais atracções turísticas	37,4%	36,4%	11,4%	11,6%	3,2%	100,0%	14,8%	2
AF ₁₀ – Há mais lixo no concelho por causa do turismo	36,0%	43,4%	11,8%	7,4%	1,4%	100,0%	8,8%	2
AF ₁₁ – Os turistas que chegam a Cabo Verde não respeitam as nossas tradições	39,8%	41,6%	10,0%	5,8%	2,8%	100,0%	8,6%	2
Percentagem da média Global	17,9%	35,7%	18,0%	21,7%	6,7%	100,0%	28,4%	

Fonte: Fonte: Elaboração própria

No que toca aos custos do turismo, os residentes manifestaram uma atitude negativa quando confrontados sobre se “o turismo aumenta o preço dos bens e das propriedades” (AF₅). A Tabela 5.28 mostra que esta afirmação obteve uma concordância de 62,6% somando os níveis da escala “Concordo” e “Concordo plenamente”. O mesmo acontece quando se questiona se os respondentes consideram que “tem sido dada demasiada importância ao turismo em Cabo Verde” (AF₃₁).

É de realçar que os residentes inquiridos evidenciaram uma grande discrepância de opinião perante 5 afirmações relativas aos custos do turismo, como sejam: “os turistas deveriam pagar mais impostos pelos serviços que usam” (AF₂₃), o turismo “tem agravado os problemas sociais da droga, alcoolismo e prostituição” (AF₁₈), “eu gosto muito dos turistas desde que eles não venham para ficar” (AF₂₁), “Cabo Verde está demasiado dependente do turismo” (AF₃₀) e, por último, “Eu penso que o turismo está a crescer demasiado” (AF₂₉). Nestas afirmações o valor da mediana é igual a 3 (não concordo nem discordo) e verificam-se valores percentuais inferiores a 50% nos níveis de escala “Discordo plenamente e “Discordo”, nesta afirmação.

Ainda sobre os custos do turismo, é de destacar que os residentes manifestam uma atitude positiva em relação aos impactes ambientais e socioculturais desta actividade representada por níveis de discordância elevados face às seguintes afirmações: “a construção de hotéis parece estar a afectar a qualidade estética do ambiente” (AF₁₆), “o turismo aumenta a insegurança e a criminalidade” (AF₁₉), o turismo “tem agravado as desigualdades sociais” (AF₂₄), “o turismo tem contribuído para a poluição do ambiente” (AF₈), o turismo “tem sido responsável pelas alterações na paisagem e na biodiversidade” (AF₇), o turismo “tem provocado a deterioração de locais de interesse histórico, arquitectónico e cultural” (AF₁₄), o turismo “perturba o comportamento dos residentes” (AF₂₀), “os residentes não têm acesso conveniente às principais atracções turísticas” (AF₂₂), “os turistas são responsáveis pelo lixo no concelho” (AF₁₀) e, por último, “os residentes acham que os turistas que chegam a Cabo Verde não têm respeito pelas suas tradições, património cultural e religioso” (AF₁₁). É de notar que os valores percentuais são superiores a 50% nos níveis de escala “Discordo plenamente” e “Discordo” nestas afirmações, ultrapassando 80% em duas delas (AF₁₀ e AF₁₁), situando-se, assim, bastante acima das respectivas percentagens médias globais (53,6%).

Em suma, a Tabela 5.28 espelha uma certa descrença nos custos sociais e ambientais do turismo. Todavia, os residentes acreditam que o turismo inflaciona os preços dos bens e das propriedades e que tem sido considerado demasiado importante. Estes aspectos traduzem a consciência de que Cabo Verde tem outras potencialidades, além do turismo, que não têm sido suficientemente exploradas. Verificamos, pois, que estes resultados reflectem a opinião dos residentes relativamente às actividades económicas que apresentam maior potencial de crescimento no país, que vão além do turismo, nomeadamente o comércio, a agricultura/pecuária e a pesca.

5.6.2. Análise Categórica de Componentes Principais

A observação das percentagens de respostas pelos diferentes níveis da escala de atitude, presentes nas Tabelas 5.27 e 5.28, evidencia, no que concerne à maioria das afirmações, distribuições bastante assimétricas, isto é, com as frequências mais elevadas nos valores mais altos ou mais baixos da escala. Numa situação desta natureza, a aplicação da análise de componentes principais clássica, com o objectivo de reduzir a dimensionalidade dos dados, não se mostra adequada, razão pelo qual se optou pela análise categórica de componentes principais (CATPCA).

Para efeito de simplificação dos dados, foi aplicada a CATPCA ao conjunto de 32 variáveis (itens) com o propósito de determinar as componentes principais que melhor representam os custos e os benefícios do turismo, de acordo com as atitudes dos residentes. Porém, num primeiro momento, foram excluídas três variáveis desta análise, aquelas com *loadings*¹⁹ inferiores a 0,3, pois, de acordo com alguns autores, consideram-se significativos os *loadings* superiores a este valor (Parasuraman, Zeithamal e Barry, 1988; Hair *et al.*, 1995). Num segundo instante, foram eliminadas mais cinco variáveis uma vez que este procedimento permitia aumentar a consistência interna das componentes obtidas (Pestana e Gajairo, 2008; Hair *et al.*, 1995).

Entre os vários métodos disponíveis para extrair as componentes, foi seleccionado o método de *Variable Principal Normalization* segundo o qual os *loadings* das componentes representam as correlações entre as variáveis e a componente. A análise da consistência interna de cada componente foi efectuada recorrendo ao coeficiente *alfa*

¹⁹ Os *loadings* medem o grau de associação entre as afirmações originais, sendo equivalentes a coeficiente de correlação.

de Cronbach. Os resultados da CATPCA indicam a retenção de três componentes. Os *loadings* encontram-se presentes na Tabela 5.29 e estão elencados por ordem decrescente.

Tabela 5.29 – Variáveis de atitude e *loadings* obtidos através da CATPCA

Variáveis originais e componentes	<i>Loadings</i>	<i>Alpha if item deleted</i>
Componente 1 – Benefícios na qualidade de vida (alfa = 0,655);		
AF ₁₅ – A qualidade das infra-estruturas e dos serviços públicos tem melhorado	0,606	0,589
AF ₆ – O comércio melhorou no meu concelho por causa do turismo	0,599	0,619
AF ₁₃ – Tenho acesso a melhores equipamentos desportivos, culturais e de lazer	0,589	0,618
AF ₁₇ – O turismo tem contribuído para a qualificação e introdução de novas tecnologias	0,577	0,607
AF ₉ – Tem havido uma preocupação em melhorar a qualidade do ambiente	0,575	0,625
AF ₂₇ – A maior parte dos bens e serviços utilizados no turismo são importantes	0,560	0,636
AF ₁₂ – O turismo ajuda a preservar a cultura e estimula o artesanato local	0,551	0,638
AF ₃₁ – Tem-se dado demasiada importância ao turismo em Cabo Verde	0,404	0,654
Componente 2 – Custos sociais e ambientais do turismo (alfa = 0,797);		
AF ₂₄ – O turismo tem agravado as desigualdades sociais	0,631	0,772
AF ₁₉ – O turismo aumenta a insegurança e a criminalidade	0,546	0,781
AF ₁₁ – Em geral, os turistas que chegam a Cabo Verde não respeitam as nossas tradições	0,518	0,785
AF ₁₆ – A construção de hotéis está a afectar a qualidade estética do ambiente	0,518	0,781
AF ₁₄ – O turismo tem provocado a deterioração de locais de interesse histórico e cultural	0,505	0,788
AF ₂₂ – Os residentes não têm acesso às principais atracções turísticas	0,502	0,785
AF ₁₈ – O turismo tem agravado os problemas sociais de droga, alcoolismo e prostituição	0,498	0,779
AF ₂₀ – O turismo perturba o comportamento dos residentes	0,496	0,779
AF ₂₃ – Os turistas deveriam pagar mais impostos pelos serviços que usam	0,495	0,788
AF ₇ – O turismo tem sido responsável por alterações na paisagem e na biodiversidade	0,491	0,785
AF ₈ – O turismo tem contribuído para o aumento da poluição do ambiente	0,484	0,785
AF ₁₀ – Há mais lixo no concelho por causa do turismo	0,458	0,79
AF ₂₁ – Eu gosto muito dos turistas desde que eles não venham para ficar	0,406	0,793
Componente 3 – Benefícios económicos do turismo (alfa = 0,670);		
AF ₁ – O turismo permite criar emprego para os residentes	0,513	0,546
AF ₃ – O aumento do rendimento do turismo melhora a qualidade de vida	0,508	0,670
AF ₂ – Há mais oportunidade de negócio devido ao turismo	0,501	0,503

Fonte: Elaboração própria

Tendo em conta as variáveis que evidenciam um *loading* mais elevado em cada uma das componentes, estes foram designados da seguinte forma:

- **Componente 1 – “Benefícios na Qualidade de Vida”** – esta componente, inicialmente com 11 itens, foi reduzido para 8 uma vez que isso permitia aumentar o

coeficiente *alfa* de Cronbach que ficou em 0,655. Como mostra a última coluna da Tabela 5.29, ao eliminar mais itens não se consegue melhorar o valor do *alfa* pelo que a solução encontrada constitui a melhor solução em termo de consistência interna da escala. Encontram-se implícitas nesta componente variáveis inerentes à qualidade de vida, sendo estas variáveis de cariz económico, social e ambiental. Esta componente inclui variáveis como sejam: “o comércio melhorou no meu concelho por causa do turismo” (AF₆), “tem havido uma preocupação em melhorar a qualidade do ambiente e o ordenamento do território no meu concelho por causa do turismo” (AF₉), “o turismo ajuda a preservar a cultura e estimula o artesanato local” (AF₁₂) e “o turismo tem contribuído para a qualificação dos recursos humanos e introdução de novas tecnologias no país” (AF₁₇).

Deste modo, valores elevados nesta componente significam que os inquiridos denotam crenças nos benefícios gerais do turismo para o concelho onde residem e para o país, no que se refere à melhoria da qualidade de vida. Como se pode observar na Tabela 5.27 mais de 70% dos respondentes concordam plenamente com as afirmações incluídas nesta componente. Através destes resultados, pode-se concluir, efectivamente, que os cabo-verdianos depositam uma grande esperança no turismo como meio para melhorar a sua qualidade de vida.

- **Componente 2 – “Custos Sociais e Ambientais do turismo”** – é a que regista maior número de variáveis num total de 13, apresentando um coeficiente *alfa* de Cronbach de 0,797. Nesta componente estão implícitas variáveis que estão estritamente relacionadas com preocupações ambientais e sociais, o que justifica o nome que lhe foi atribuído.

Tal como se pode observar na Tabela 5.22, esta componente agrega um conjunto de variáveis identificadoras dos problemas provocados pelo turismo designadamente, “o turismo tem sido responsável pela alteração na paisagem e pelo desaparecimento de plantas, animais, etc.” (AF₇), “o turismo tem contribuído para o aumento da poluição do ambiente” (AF₈), “em geral, os turistas que chegam a Cabo Verde não têm respeito pelas nossas tradições, património cultural e religioso” (AF₁₁), “o turismo tem agravado os problemas sociais da droga, violência, alcoolismo e prostituição no país” (AF₁₈), “o turismo aumenta a insegurança e a criminalidade” (AF₁₉), etc.

Como se pode observar, dos resultados obtidos através da análise apresentada na Tabela 5.28, a grande maioria dos cabo-verdianos não reconhece que o turismo traga custos ambientais e sociais para o país. Deste modo, os resultados evidenciam que os inquiridos manifestam uma atitude positiva, não concordando na maior parte dos casos, que o turismo traga custos sociais e ambientais substanciais quando confrontados com as afirmações incluídas na componente – “custos sociais e ambientais do turismo”.

- **Componente 3 – “Benefícios Económicos do Turismo”** – encontra-se associada a variáveis de cariz económico, conforme se encontra patente na Tabela 5.29. Esta componente apresenta um coeficiente *alfa* de Cronbach de 0,670.

Salienta-se que as três variáveis expressas nesta componente estão fortemente correlacionadas. Como mostra a tabela, estas variáveis são as seguintes: “o turismo permite criar emprego para os residentes do meu concelho” (AF₁), “há mais oportunidades de negócios no meu concelho devido ao desenvolvimento do turismo” (AF₂) e “o aumento do rendimento gerado pelo turismo tem contribuído para melhorar a qualidade de vida da população do meu concelho” (AF₃). Estas três variáveis medem o impacto económico do turismo na economia cabo-verdiana.

Conforme os resultados apresentados na Tabela 5.27, em que se verificam fortes níveis de concordância nestas afirmações, pode concluir-se que inquiridos reconhecem que o turismo traz benefícios para a economia cabo-verdiana.

Assim, depreende-se que os cabo-verdianos depositam uma grande expectativa no turismo, no que concerne à melhoria da qualidade de vida e aos benefícios económicos que ele pode trazer, demonstrando-se também que, na sua opinião, o turismo não é responsável por custos ambientais e sociais acrescidos. Em síntese, pode concluir-se que os residentes em Cabo Verde têm uma atitude favorável face ao turismo, validando deste modo, a **questão de investigação 5**.

5.6.3. Análise de Correspondências Múltiplas

Uma vez que a ACM apenas opera sob variáveis categóricas, começou-se por calcular os *summated scores* (*scores* somados) em cada componente, isto é, as somas dos itens integrados em cada componente de acordo com a Tabela 5.29. Procedeu-se, de seguida,

à categorização dos *summated sores* tendo como referência o valor da mediana em cada uma das componentes. Deste procedimento, resultaram três variáveis categóricas, com o mesmo nome das componentes originalmente obtidas, cada uma com duas categorias: “igual ou inferior à mediana” versus “superior à mediana”.

Importa dar uma explicação sobre o uso dos *summated scores* ao invés das componentes directamente obtidas na sequência da CATPCA. Tal como as componentes principais que decorrem da análise de componentes principais clássica, também as que resultam da CATPCA são combinações de todas as variáveis em análise (neste caso as 26) o que significa que mesmo as variáveis com peso baixo na componente entram no cálculo dos *scores* individuais. Ora, usando os *summated scores*, procedimento muito comum nas ciências sociais, assegura-se que apenas as variáveis com peso alto e significativo na componente contribuam para o cálculo dos *scores* individuais, o que permite uma análise mais clara dos dados.

Assim, o *summated score* “Benefícios na qualidade de vida”, resultante da soma de 8 itens de acordo com a Tabela 5.29, assume valores entre 8 (caso o respondente atribuía a categoria da resposta 1 – (Discordo plenamente) às 8 afirmações, isto é, $1 \times 8 = 8$) e 40 (caso o respondente atribuía a categoria de resposta 5 – (Concordo plenamente) às 8 afirmações, ou seja, $5 \times 8 = 40$). Logo, neste *summated score*, os residentes com *score* individual superior ao valor da mediana (24) revelam uma atitude positiva face aos benefícios que o turismo traz para a qualidade de vida da população cabo-verdiana. Por outro lado, os indivíduos com *score* individual igual ou menor do que o valor da mediana manifestam o contrário, ou seja, uma atitude negativa, discordando que o turismo traga benefícios para a qualidade de vida dos residentes.

O mesmo procedimento foi aplicado aos restantes *summated scores*. Deste modo, no que respeita à componente “Custos sociais e ambientais do turismo”, os residentes com *score* individual superior ao valor da mediana (39) manifestam uma atitude negativa face ao turismo, concordando que este traz custos sociais e ambientais, enquanto aqueles que apresentam *score* individual igual ou inferior ao valor da mediana evidenciam uma atitude positiva, manifestando a sua discordância quando colocados

perante a hipótese de o turismo trazer custos²⁰.

Por último, relativamente à componente “*Benefícios económicos do turismo*”, os residentes com *score* individual superior ao valor da mediana (9) manifestam uma atitude positiva e crêem que o turismo traz benefícios económicos para o país e para os residentes. Porém, aqueles com *score* individual igual ou inferior ao valor da mediana pensam o contrário²¹.

A ACM foi ainda precedida de uma análise das relações entre os *summated scores* categorizados. Assim sendo, os resultados do teste de independência do Qui-quadrado evidenciam a existência de relações de dependência significativas entre estas variáveis (teste de independência do Qui-quadrado: $p=0,000$), o que evidencia o interesse na aplicação da ACM.

Através da análise da Tabela 5.30, pode observar-se os resultados mais importantes da ACM. A primeira dimensão possui um valor próprio (*eigenvalue*) de 1,298, que corresponde a 43,267% da variância total, e a segunda dimensão possui um valor próprio de 0,947, que corresponde a 31,569% da variância total. As duas dimensões explicam 74,836% da variabilidade total dos dados.

Tabela 5.30 – Sumário do modelo

Dimensões	Variância explicada		
	Total (Valores próprios)	Inércia	% da variância
Dimensão 1	1,298	0,433	43,267
Dimensão 2	0,947	0,316	31,569
Total	2,245	0,748	74,836
Média	1,123	0,374	37,418

Fonte: Output SPSS

Através da ACM, foi feita a exploração da relação conjunta entre os três *summated scores* que se reflecte num mapa perceptual, o qual sugere a existência de segmentos de residentes com atitudes semelhantes. Esta aplicação da ACM potencia a identificação de grupos de indivíduos (*clusters*) de uma forma intuitiva (em oposição à aplicação formal da Análise de *Clusters*). O mapa perceptual representativo das categorias das variáveis

²⁰ Note-se que, atendendo ao facto deste *summated score* integrar 13 itens (Tabela 5.29), os valores que assume variam entre 13 e 65 sendo que quanto mais elevado for o valor assumido mais negativa é a atitude quando analisada na perspectiva de custos sociais e ambientais.

²¹ Neste caso, uma vez que o *summated score* compreende apenas 3 itens, este assume valores entre 3 e 15.

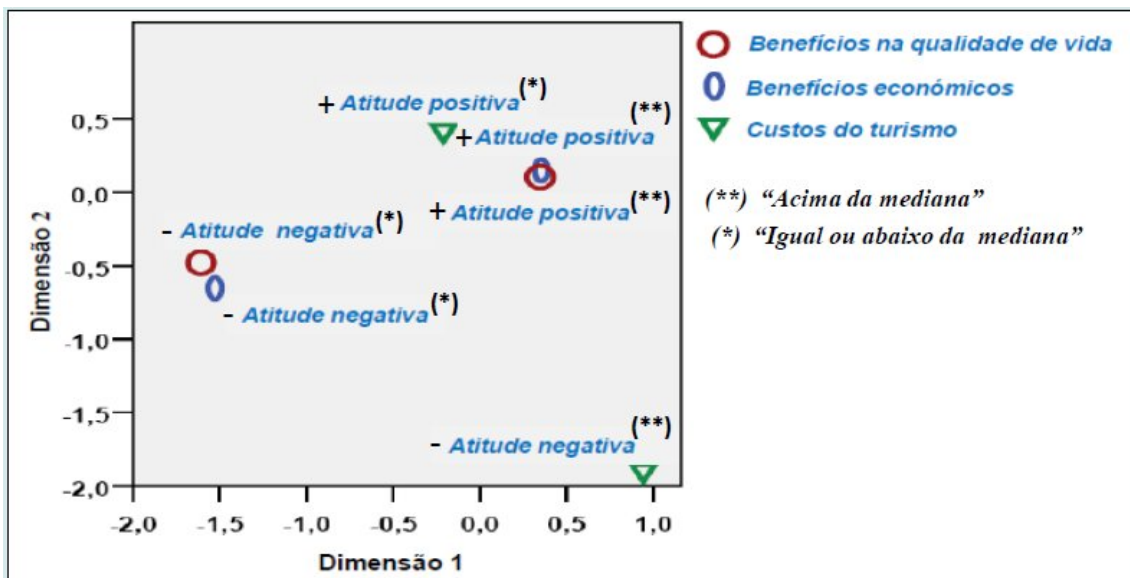
corresponde à Figura 5.7.

Assim, a aplicação desta técnica permite distinguir três grupos de indivíduos de acordo com a sua atitude perante o turismo (identifica-se assim, de uma forma algo informal, três *clusters*). Como se pode observar, no quadrante superior direito da Figura 5.7, tem-se a representação conjunta das seguintes três categorias de variáveis: “acima da mediana” no que respeita às variáveis *Benefícios na qualidade de vida* e *Benefícios económicos*, o que significa uma atitude positiva; e “igual ou abaixo da mediana” no que se refere à variável *Custos do Turismo*, o que reflecte também uma atitude positiva; Esta combinação de categorias sugere a existência de um segmento de residentes com uma atitude favorável face ao turismo.

No quadrante inferior direito encontra-se representada a categoria “acima da mediana” no que concerne à variável *Custos do turismo*. Esta situação sugere a existência de um grupo de residentes crentes nestes custos, isto é, com uma atitude mais negativa face ao turismo.

Por último, na parte esquerda do mapa encontram-se representadas as categorias “igual ou abaixo da mediana” no que respeita às variáveis *Benefícios na qualidade de vida* e *Benefícios económicos*. Este aspecto indica a existência de um terceiro segmento de residentes composto por indivíduos que crêem pouco nos benefícios do turismo, isto é, que revelam uma atitude menos favorável em relação ao turismo.

Figura 5.7 – Mapa perceptual gerado pela ACM



Fonte: Elaboração própria

5.6.4. Análise de *Clusters*

Como se referiu na secção 4.6.6, esta técnica tem como objectivo principal o agrupamento de casos com base num conjunto de variáveis (Hill e Hill, 2005) e foi usada no presente trabalho com o objectivo de validar os três segmentos sugeridos pelo mapa perceptual produzido pela ACM. Nesta análise foi utilizado, em primeiro lugar, um método de agregação hierárquico, o método de Ward, e como medida de dissemelhança o quadrado da distância euclidiana. A observação do dendrograma sugere claramente três clusters²². A utilização de outros critérios de agrupamento conduz a uma solução semelhante. A solução a três *clusters* foi, por fim, validada pelo método *k-means* que indica que os centróides dos três *clusters* são significativamente diferentes no que respeita às variáveis usadas como base de segmentação, ou seja, as duas dimensões resultantes da ACM (testes ANOVA: $p=0,000$).

A Tabela 5.31 apresenta o número de residentes que constituem cada um dos *clusters* bem como as coordenadas dos centróides de cada *cluster* em cada dimensão da ACM. Como se pode observar, o *cluster* 1 constitui o *cluster* de maior dimensão, com 55,6% dos residentes analisados, seguindo-se o *cluster* 3, com 26,8% dos casos, e, por fim, o *cluster* 2, com 17,6% dos casos.

Tabela 5.31 – Centróides e número de residentes em cada *cluster*

Dimensões	Clusters		
	<i>Cluster</i> 1	<i>Cluster</i> 2	<i>Cluster</i> 3
Dimensão 1	0,38	1,03	-1,46
Dimensão 2	0,71	-1,85	-0,27
Número de residentes	270 (55,6%)	88 (17,6%)	134 (26,8%)

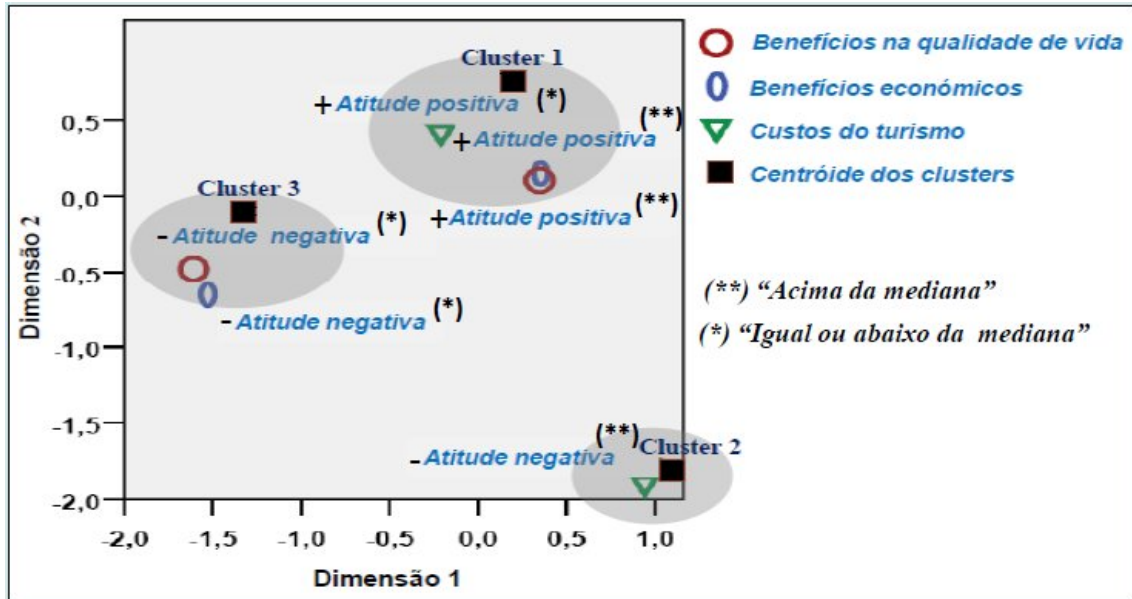
Fonte: Elaboração própria

A Figura 5.8 representa agora os centróides dos três *clusters* (quadrados a cheio) no mapa perceptual produzida pela ACM. Como se pode verificar, a posição dos três centróides sugere a existência dos três *clusters* com as características referenciadas na subsecção anterior: o centróide do *cluster* 1 posiciona-se no quadrante superior direito, o do *cluster* 2 no quadrante inferior direito e do *cluster* 3 na parte esquerda do mapa perceptual. Assim, esta análise permite **validar a questão de investigação 6**, isto é, a existência de grupos (internamente) homogéneos de residentes com base na sua atitude

²² Optou-se por não apresentar o dendrograma dada a sua dimensão uma vez que representa 500 indivíduos.

face aos impactos do turismo no arquipélago de Cabo Verde.

Figura 5.8 – Diagrama conjunto de categorias de pontos e centróide dos *clusters*



Fonte: Elaboração própria

Seguidamente procedeu-se ao cruzamento da variável identificadora dos três *clusters* (variável *cluster membership*) com as variáveis previamente usadas na ACM, com o intuito de compreender o perfil dos *clusters* no que respeita à atitude face ao turismo (**validação interna**). Numa segunda fase, a variável *cluster membership* foi cruzada com outras variáveis presentes no questionário com o propósito de aprofundar o conhecimento do perfil de cada segmento de residentes presentes neste estudo (**validação externa**).

▪ Caracterização e validação interna dos segmentos de residentes

Com o propósito de evidenciar a importância dos *clusters* de residentes em Cabo Verde em termos das suas características, optou-se por atribuir a cada *cluster* uma denominação que invocasse a sua posição sobre os benefícios e custos do turismo. De seguida fez-se a análise e a interpretação de cada um dos três *clusters* identificados.

Como esperado, foi encontrada uma relação de dependência estatisticamente significativa entre a variável *cluster membership* e cada variável categórica usada²³ na

²³ Summated score categorizado.

ACM (*benefícios na qualidade de vida, benefícios económicos, custos ambientais e sociais do turismo*) (testes de independência do Qui-quadrado: $p=0,000$). Este resultado significa que os *clusters* identificados apresentam-se significativamente diferentes no que respeita às três variáveis de atitude que estiveram na base da segmentação, o que confere validade interna à solução encontrada.

A Tabela 5.32 apresenta a distribuição dos residentes incluídos em cada segmento pelos níveis de resposta das variáveis categóricas usadas na ACM. As designações atribuídas aos *clusters* resultam da análise desta tabela e foram as seguintes: *cluster 1* – residentes otimistas; *cluster 2* – residentes racionais; *cluster 3* – residentes indiferentes.

Tabela 5.32 – Distribuição das variáveis usadas pela ACM nos três *clusters*

	Clusters			Total
	Cluster 1 Otimistas	Cluster 2 Racionais	Cluster 3 Indiferentes	
Benefícios na qualidade de vida				
Atitude mais negativa (**)	0,0%	6,8%	61,9%	17,8%
Atitude mais positiva (*)	100,0%	93,2%	38,1%	82,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Custos sociais e ambientais do turismo				
Atitude mais positiva (*)	100,0%	0,0%	97,8%	81,8%
Atitude mais negativa (**)	0,0%	100,0%	2,2%	18,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Benefícios económicos do turismo				
Atitude mais negativa (**)	0,0%	9,1%	64,2%	18,8%
Atitude mais positiva (*)	100,0%	90,9%	35,8%	81,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria

(**) – “Acima da mediana”

(*) – “Igual ou abaixo da mediana”

O *cluster 1*, **residentes otimistas**, com 55,6% dos casos, é o que assume maior expressão e foi designado deste modo por incluir os indivíduos que reconhecem menos os impactes negativos do turismo e mais os impactes positivos. Como mostra a Tabela 5.32, este grupo manifesta claramente uma atitude positiva no que respeita às variáveis “benefícios na qualidade de vida” e “benefícios económicos do turismo” (100% apresentam valores nestas variáveis acima da mediana). Paralelamente, 100% dos indivíduos que pertencem a este segmento não reconhecem a existência de custos socioculturais ou ambientais causados por esta actividade socioeconómica. Este grupo manifesta uma atitude completamente positiva face ao turismo, o que justifica a

designação que lhe foi atribuída.

O *cluster 2*, **residentes racionais**, corresponde ao grupo menos expressivo, incluindo apenas 17,6% dos indivíduos. Propôs-se esta designação dado este segmento incluir os residentes que apresentam genericamente uma atitude mais realista do que a verificada nos restantes *clusters* no que se refere aos benefícios e custos do turismo em Cabo Verde, em termos económicos, sociais e ambientais. Como mostra a Tabela 5.32, este grupo tem uma visão mais moderada do turismo, reconhecendo claramente os seus benefícios, mas sem deixar de perceber os seus potenciais problemas.

Assim, relativamente à componente “benefícios na qualidade de vida” apenas 6,8% dos indivíduos deste *cluster* manifestam uma atitude negativa e 93,2% evidenciam o contrário. Depreende-se que a generalidade dos residentes “Racionais” entende que o turismo traz benefícios para a qualidade de vida dos cabo-verdianos. Por outro lado, quando confrontados sobre os benefícios económicos do turismo, os residentes incluídos neste *cluster* evidenciam uma atitude positiva em 90,9% dos casos, sendo que apenas 9,1% manifestam uma atitude negativa. Isto quer dizer que para os indivíduos deste *cluster*, o turismo traz benefícios económicos tanto para os residentes como para o país. Porém, 100% desses indivíduos manifestam uma atitude negativa sobre os custos do turismo. Este grupo é unânime quanto à preocupação com os custos causados pelo turismo, reconhecendo que este traz custos sociais e ambientais.

O *cluster 3*, **residentes indiferentes**, com 26,8% dos casos, foi assim denominado por incluir os residentes que, na maior parte dos casos, não reconhecem os benefícios do turismo – nem ao nível da qualidade de vida (61,9%) nem em termos económicos (64,2%) – mas também não consideram que esta actividade traga custos ambientais e socioculturais (97,8%). Em suma, trata-se de um *cluster* que inclui residentes que mostram alguma passividade ou indiferença face ao fenómeno turístico: a maioria não crê nos benefícios mas também não percepçiona impactes negativos, sociais e ambientais.

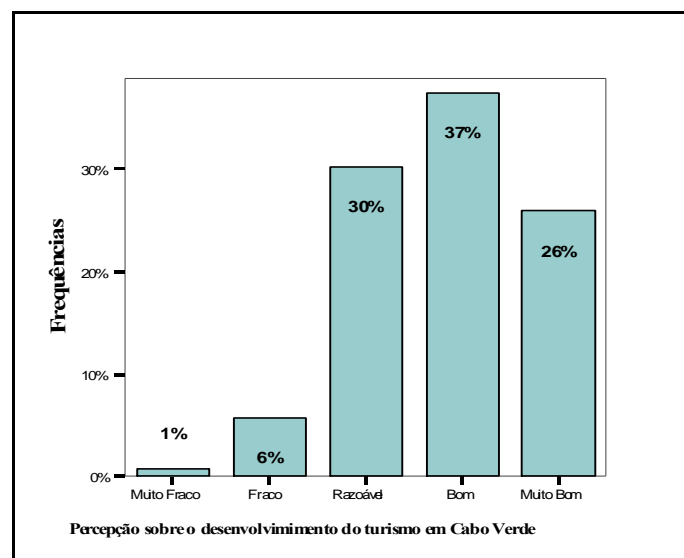
▪ **Caracterização e validação externa dos segmentos de residentes**

Neste segundo momento os *clusters* foram analisados no sentido de averiguar se entre

eles existiam diferenças significativas no que respeita às seguintes variáveis: percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde, expectativa sobre a importância que esta actividade vai ter no país nos próximos anos, características sociodemográficas e grau de envolvimento no sector do turismo. De notar que apenas as variáveis estatisticamente significativas na discriminação de cada grupo serão apresentadas e descritas (testes de independência do Qui-quadrado: $p < 0.1$).

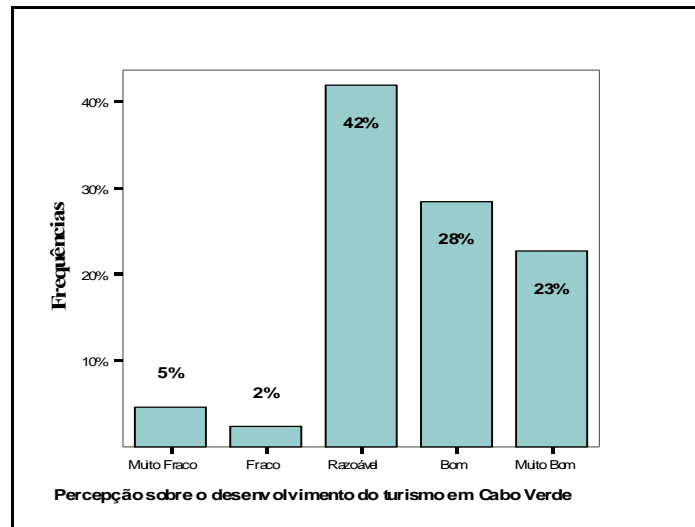
No que diz respeito à **percepção sobre o desenvolvimento do turismo no arquipélago de Cabo Verde**, na actualidade, o *cluster* 1 (residentes otimistas) apresenta valores percentuais na ordem de 63% nas escalas de resposta “Bom” e “Muito bom” (Figura 5.9), sendo a categoria “Bom” a categoria predominante. De realçar que foi neste *cluster* que se registou a maior percentagem de respondentes nestas duas escalas de resposta comparativamente aos restantes *clusters*. Sobre a mesma questão a Figura 5.10 mostra que é no *cluster* 2 (racionais) que se registou uma maior percentagem de respostas no nível de escala “Razoável”, reunindo 42% das respostas. Este nível da escala é também o mais reiterado no que respeita aos residentes incluídos no *cluster* 3 (indiferentes), com uma frequência de respostas de 33% (Figura 5.11). De notar também que, neste *cluster*, apesar de a maioria ter respondido positivamente com valores percentuais de 54% nos níveis de escala “Bom” e “Muito bom”, se verificou a maior percentagem de respostas para os níveis de escala “Fraco” e “Muito fraco” com valores percentuais de 13%.

Figura 5.9 – Número de residentes *Optimistas*, por percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde



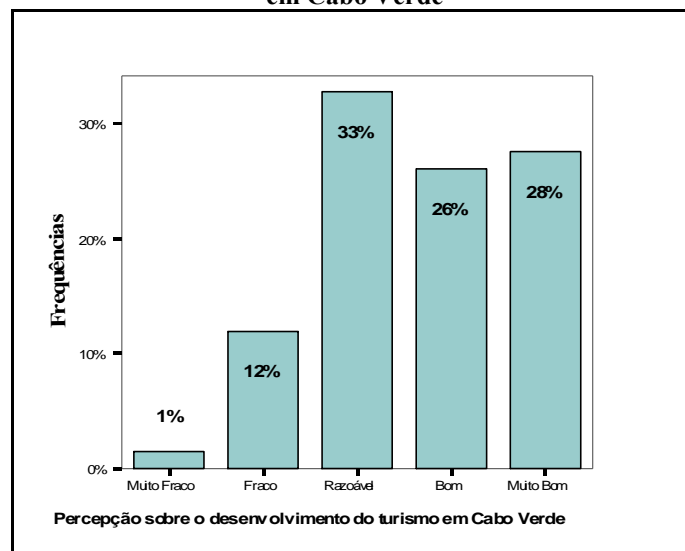
Fonte: Elaboração própria

Figura 5.10 – Número de residentes *Racionais*, por percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde



Fonte: Elaboração própria

Figura 5.11 – Número de residentes *Indiferentes* por percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde

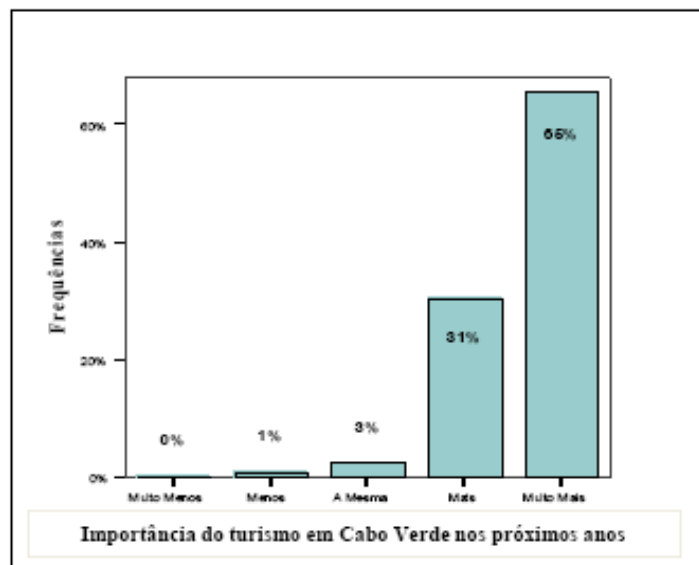


Fonte: Elaboração própria

Quanto à **importância que a actividade turística vai desempenhar em Cabo Verde** nos próximos anos a comparação das Figuras 5.12 a 5.14 deixa claro que é no *cluster 1* que se registou a maior percentagem de respostas nas escalas “Mais” e “Muito mais” (96%). Deste modo, o optimismo manifestado pelos residentes incluídos neste segmento revela-se na elevada expectativa dos indivíduos deste grupo relativamente ao peso do turismo no futuro do Arquipélago. Por seu turno, a opinião dos residentes incluídos no *cluster 2* não é muito diferente, verificando-se que 91% dos indivíduos deste segmento seleccionaram os níveis de resposta “Mais” e “Muito mais”, conforme patenteia a

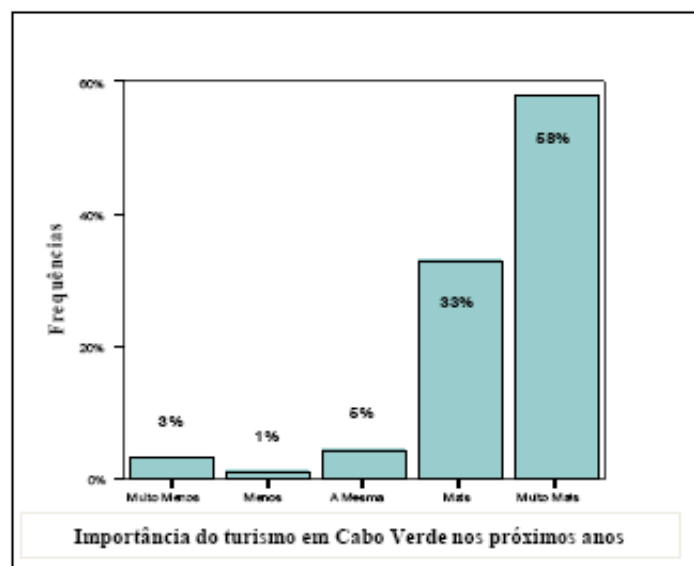
Figura 5.12. Todavia, enquanto que neste segmento a percentagem de respostas no nível da escala “Muito mais” é de 58%, no *cluster 1* assume um valor superior (65%). Como ilustra a Figura 5.14 os residentes incluídos no *cluster 3* manifestam uma opinião não tão favorável, ainda que bastante positiva: 84% seleccionou os níveis da escala “Mais” e “Muito mais”; 58% seleccionou o nível da escala “Muito mais”; 14% seleccionou o nível da escala “A mesma”.

Figura 5.12 – Número de residentes *Optimistas*, por importância que a actividade turística vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos



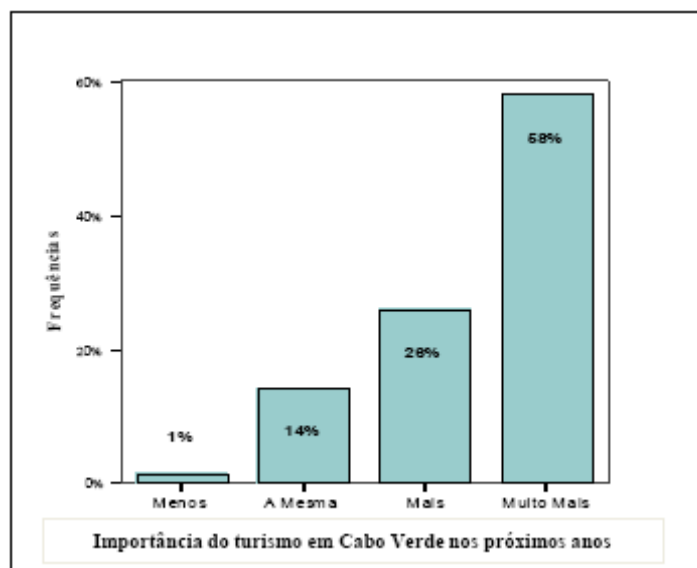
Fonte: Elaboração própria

Figura 5.13 – Número de residentes *Racionais*, por importância que a actividade turística vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos



Fonte: Elaboração própria

Figura 5.14 – Número de residentes *Indiferentes*, por importância que a actividade turística vai desempenhar em Cabo Verde nos próximos anos



Fonte: Elaboração própria

O cruzamento entre a variável *cluster membership* e as variáveis sociodemográficas (Tabela 5.33) permitiu, por fim, a síntese dos diferentes perfis destes indivíduos e o reconhecimento das suas características fundamentais.

Tabela 5.33 – Caracterização sociodemográfica dos clusters de residentes

Caracterização sociodemográfica	Total (100%)	Cluster 1 (55,6%) Optimistas	Cluster 2 (17,6%) Racionais	Cluster 3 (26,8%) Indiferentes
Sexo				
Masculino	46,8%	47,8%	56,8%	38,1%
Feminino	53,2%	52,2%	43,2%	61,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Grupo Etário				
18 – 34 anos	52,4%	53,6%	48,9%	52,2%
35 – 54 anos	30,6%	28,4%	38,6%	29,9%
> 54 anos	17,0%	18,0%	12,5%	17,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Estado Civil				
Solteiro	47,2%	45,7%	47,7%	50,0%
Casado/vive c/ companheiro	51,2%	52,5%	52,3%	47,8%
Outro	1,6%	1,8%	0,0%	2,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Dimensão do Agregado				
1 – 3 pessoas	39,6%	35,3%	38,3%	40,9%
4 – 6 pessoas	41,2%	47,6%	43,9%	43,4%
7 ou mais	17,2%	17,1%	17,8%	15,7%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Concelho de Residência				
Tarrafal	8,0%	8,6%	8,0%	6,7%
Praia	45,0%	42,4%	31,8%	59,0%
Sal	6,0%	5,8%	14,8%	0,7%
São Vicente	29,0%	33,1%	30,7%	19,4%

São Filipe	12,0%	10,1%	14,8%	14,4%
Total	100,0	100,0%	100,0%	100,0%
Nível de Escolaridade				
Ensino Básico	25,0%	22,6%	30,7%	26,1%
Ensino Secundário	52,8%	54,7%	42,1%	56,0%
Ensino Médio ou Superior	22,2%	22,6%	27,3%	17,9%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Educação em turismo				
Sim	14,2%	10,4%	26,1%	14,2 %
Não	85,8%	89,6%	73,9%	85,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Situação Profissional				
Exerce actividade	58,6%	57,2%	61,4%	59,7%
Desempregado	4,8%	5,0%	3,4%	5,2%
Doméstica	14,6%	14,7%	12,5%	15,7%
Estudante	19,4%	20,1%	22,7%	15,7%
Reformado	2,6%	2,9%	0,0%	3,7%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Trabalho no Estrangeiro				
Sim	9,8%	8,3%	10,2%	12,7%
Não	90,2%	91,7%	89,8%	87,3%
Total	100,0	100,0%	100,0%	100,0%
Regime de Habitação				
Casa própria	65,4%	63,3%	60,2%	73,1%
Casa Arrendada	32,4%	34,5%	37,5%	24,6%
Outra Situação	2,2%	2,2%	2,3%	2,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria

Assim, quanto à **caracterização sociodemográfica**, os residentes “Optimistas” representam o grupo com maior proporção de residentes nas faixas etárias dos 18 aos 34 anos (53,6%) e 55 ou mais anos (18,0%) e no estado civil casado/vive com companheiro (52,5%). Quanto ao nível de escolaridade, verifica-se que 22,6% dos residentes deste *cluster* possuem o ensino básico, 56,0% o ensino secundário e 22,6% o ensino médio ou superior. É ainda neste *cluster* que se encontra o menor número de residentes com estudos em turismo (10,4%). Quanto à situação profissional, este grupo encontra-se numa situação intermédia comparativamente com os restantes segmentos em quase todas as situações: exerce actividade profissional (57,2%); estudante (20,1%); doméstica (14,7%); desempregado (5,0%) e reformado (2,9%). Relativamente à residência permanente, a maioria residiu sempre no concelho onde vive (70,9%) e encontra-se numa situação intermédia em relação à habitação (casa própria: 63,3%, casa arrendada: 34,5% e outra situação: 2,2%).

No tocante às características sociodemográficas dominantes no *cluster* 2, constata-se que os residentes “Racionais” são maioritariamente do sexo masculino (56,8%). É neste *cluster* que a faixa etária dos 35 aos 54 anos (38,6%) assume uma maior expressão,

enquanto que os grupos etários dos 18 aos 34 anos (48,9%) e com mais de 54 anos (12,5%) têm menor peso do que nos outros dois *clusters*. Neste *cluster*, 52,3% dos indivíduos são casados ou vivem com um companheiro e nele encontram-se as taxas mais elevadas de residentes com ensino médio ou superior (27,3%) e com “estudo em turismo” (26,1%). Estes resultados podem, eventualmente, explicar a atitude manifestada face ao turismo, que é essencialmente uma atitude de ponderação ao reconhecer que o turismo traz benefícios mas também acarreta custos. Em relação à situação profissional, 61,4% dos residentes inseridos neste *cluster* exercem uma actividade profissional, sendo o grupo com menor número de desempregados (3,4%), não se registando nenhum reformado.

Quando questionados se residiram sempre neste concelho, este *cluster* é o que registou maior número de residentes que não residiram sempre no concelho (34,1%). Relativamente a habitação, 37,5% habita em casa arrendada, a maior percentagem dos três *clusters*. Estas duas características reflectem um grande movimento migratório que existe em Cabo Verde, principalmente para os concelhos da Praia, São Vicente e Sal. Este aspecto deve-se essencialmente ao desenvolvimento do turismo, que aumenta a procura da mão-de-obra, tanto na construção civil, como na hotelaria e noutros serviços. Sendo este grupo constituído maioritariamente por estudantes e indivíduos já com uma formação de nível médio ou superior, esta elevada percentagem de número de pessoas que não residiram sempre no concelho, e também com casa arrendada, justifica-se pelo facto de esses dois concelhos (Praia e São Vicente) serem os dois pólos universitários de Cabo Verde, concentrando também a maior parte das empresas prestadoras de serviços do país.

No que concerne à caracterização sociodemográfica dos residentes incluídos no *cluster* 3, residentes “Indiferentes”, verifica-se que é neste *cluster* que se regista a maior proporção de mulheres (61,9%), indivíduos solteiros (50,0%) e residentes do concelho da Praia (59,0%). No que respeita ao nível de escolaridade, o “ensino secundário” apresenta um peso superior ao registado nos outros dois *clusters* (56%) e o “ensino básico” é mais expressivo do que no *cluster* 1 (26,1%). Quanto à presença de preparação académica em turismo, o *cluster* 3 encontra-se numa situação intermédia relativamente aos outros dois *clusters*: são 14,2% os residentes inquiridos que têm alguma formação em turismo, valor que excede o verificado no *Cluster* 1. Relativamente à situação profissional, verifica-se que 59,7% dos indivíduos exercem

uma actividade profissional, 5.2% encontram-se desempregados, 15.7% são doméstica e 3,7% são reformados. É neste segmento que se regista uma maior proporção de residentes que já trabalhou no estrangeiro (12,7%).

Relativamente ao concelho de residência, o *cluster 3* posiciona-se na segunda posição em relação aos residentes que residiram sempre no concelho (67,2%), ficando atrás do *Cluster 1*. Comparativamente aos restantes *clusters*, é neste que se encontra a maior percentagem de pessoas a viver em casa própria (73,1%).

Relativamente ao grau de envolvimento no sector turístico, a Tabela 5.34 mostra que este é bastante superior no *cluster 2*, em que 27,7% dos residentes ganham a sua vida no turismo, 47,7% têm algum contacto directo com turistas como parte do seu trabalho e 28,4% têm algum familiar próximo envolvido profissionalmente no sector. O maior envolvimento profissional deste grupo no sector do turismo, conjuntamente com outros factores acima referidos, designadamente um nível de instrução superior e uma proporção mais elevada de estudos em turismo, pode justificar a atitude de racionalidade face ao turismo que é partilhada pelos residentes deste segmento.

Já no *cluster 3*, verifica-se a situação oposta, sendo que 75,4% dos indivíduos pertencentes a este segmento não têm nenhum contacto com os turistas como parte do seu trabalho, apenas 17,2% ganham a sua vida no turismo, 15,7% encontram no turismo a principal fonte de rendimento do seu agregado familiar e somente 20,1% têm algum membro do seu agregado familiar envolvido profissionalmente no sector. Esta situação pode ser uma possível causa para a posição de indiferença perante o turismo manifestada pelos residentes incluídos neste cluster.

Tabela 5.34 – Frequência de distribuição do grau de envolvimento profissional no turismo por cluster

		Clusters			Total
		Cluster 1 Optimistas	Cluster 2 Racionais	Cluster 3 Indiferentes	
Ganha a sua vida no turismo?	Sim	19,1%	22,7%	17,2%	19,2%
	Não	80,9%	77,3%	82,8%	80,8%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Tem contacto directo com turista como parte do seu trabalho?	Sim	36,0%	47,7%	24,6%	35,0%
	Não	64,0%	52,3%	75,4%	65,0%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

O turismo é a principal fonte de rendimento do seu agregado familiar?	Sim	15,8%	19,3%	15,7%	16,4%
	Não	84,2%	80,7%	84,3%	83,6%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Tem algum familiar próximo relacionado com o turismo profissionalmente?	Sim	23,4%	28,4%	20,1%	23,4%
	Não	76,6%	71,6%	79,9%	76,6%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria

Deste modo, a análise efectuada nesta última subsecção permite caracterizar os três grupos, dando assim resposta à **questão de investigação 7**.

5.7. Síntese

No presente capítulo foram apresentados os resultados do estudo da atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo em Cabo Verde. Tendo em conta os objectivos e as questões da investigação traçados *a priori*, foram analisadas também as percepções e expectativas deste grupo de *stakeholders* do sector, veiculadas através de um questionário que foi implementado junto da população residente nos cinco concelhos previamente seleccionados para este estudo: Tarrafal, Praia, São Vicente, Sal e São Filipe. A conclusão desta investigação empírica será sistematizada no capítulo seguinte.

Capítulo 6 – CONCLUSÃO

6.1. Síntese

Neste capítulo faz-se a conclusão desta dissertação, onde são apresentados os principais resultados alcançados à luz dos objectivos e questões da investigação propostos no Capítulo 1. No capítulo terceiro do presente trabalho, referente à revisão da literatura, expôs-se o quadro teórico, conceptual e metodológico relativo à temática da atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo, apresentando trabalhos de investigação conduzidos em diferentes partes do mundo. É de realçar que existe uma carência de estudos sobre este tema nas ilhas do Atlântico, ao contrário do que sucede relativamente às ilhas ou grupos de ilhas situados nas três principais regiões turísticas insulares do Mundo – Pacífico, Caraíbas e Mediterrâneo – onde abundam estudos nesta área. São, porém, muito raros os estudos que se debruçam sobre destinos turísticos emergentes, como é o caso de Cabo Verde, o que confere relevância ao tema escolhido nesta dissertação.

O estudo empírico aplicado em Cabo Verde recaiu sobre um único *stakeholders*, os residentes locais, que são considerados um dos principais intervenientes no processo de desenvolvimento turístico de qualquer destino. Por este motivo, torna-se importante conhecer a atitude desse grupo de *stakeholders* face ao desenvolvimento do turismo, o que, no presente trabalho, assentou nos procedimentos metodológicos apresentados no Capítulo 4.

O estudo desenvolvido junto da população residente em Cabo Verde recaiu sobre uma amostra de 500 indivíduos nacionais, residentes nos cinco principais centros turísticos do país: Tarrafal, Praia, São Vicente, Sal e São Filipe. Segundo dados do INE (2001), 82% da população cabo-verdiana está concentrada em quatro ilhas onde se situam estes centros turísticos que representam os principais núcleos de atracção turísticos do país por duas razões: primeiro, porque nos conselhos de Sal e Praia localizam-se os dois aeroportos internacionais em funcionamento (na altura em que o estudo foi realizado o Aeroporto de São Pedro, na ilha de São Vicente, não tinha sido inaugurado) que servem como porta de entrada e saída de turistas, como referido anteriormente; em segundo lugar, porque estes centros concentram a maior parte do alojamento turístico em Cabo Verde (81% em 2007).

Feita a apresentação, análise e interpretação dos resultados do estudo desenvolvido no seio da população residente em Cabo Verde e de acordo com os objectivos e questões de investigação formuladas no Capítulo 1, é importante fazer algumas comentários finais sobre os resultados alcançados neste estudo.

A análise crítica feita aqui, permite-nos apresentar as conclusões da dissertação e tirar partido dos resultados da investigação empírica, dando relevância às recomendações e orientações para a actuação no destino por parte dos decisores. Deste modo, é imperativo que os decisores (governo, poder local, empresários, ONG do sector turístico, etc.) conheçam a atitude dos residentes face ao turismo, para que possam tomar medidas acertadas no que concerne às políticas de planeamento para a sustentabilidade do turismo, tanto a nível local, regional ou nacional.

6.2. Conclusões da investigação empírica

O propósito central do estudo desenvolvido junto dos residentes em Cabo verde foi o de examinar a sua atitude perante o desenvolvimento do turismo neste país e os resultados alcançados merecem alguns comentários. Paralelamente, analisaram-se a percepção e a expectativa dos residentes cabo-verdianos face ao desenvolvimento do turismo no país. Esta análise de síntese e conclusões permite fazer a interligação entre a componente teórica e a análise aí apresentada, com a componente prática do estudo, desenvolvida no capítulo 5.

Começando pela percepção sobre o desenvolvimento do turismo em Cabo Verde na actualidade, e analisando em termos globais as respostas dos residentes, constata-se que estes manifestam uma percepção positiva, com a mediana das respostas a situar-se no nível de resposta 4 (Bom) e sendo de 59,6% a proporção de inquiridos que avaliam o desenvolvimento turístico em Cabo Verde como “Bom” ou “Muito bom”.

No que concerne à expectativa sobre o papel que o turismo vai desempenhar nos próximos anos, os residentes inquiridos são de opinião que o turismo irá assumir uma importância muito maior em Cabo Verde. De realçar, que existe uma relação directa entre a importância atribuída à actividade turística em Cabo Verde nos próximos anos e o grau de envolvimento profissional no sector. Deste modo, a expectativa dos residentes

que estão envolvidos profissionalmente no sector é significativamente mais elevada do que a que se verifica entre aqueles que não têm qualquer vínculo laboral no sector. Assim, esta expectativa favorável pode justificar-se pelo facto destes residentes estarem em contacto permanente com os turistas e de estarem inseridos profissionalmente neste sector.

Relativamente às actividades económicas que apresentam maior potencial de crescimento em Cabo Verde, os residentes partilham de uma visão comum e convergente, pois mencionam o turismo (67,8%) e o comércio (48,4%) como sendo as duas actividades económicas com maior potencial de crescimento no país. Como se pode constatar, o turismo apresenta-se na linha da frente das actividades económicas com maior potencial de crescimento, resultado este que vem reforçar a confiança que os cabo-verdianos depositam neste sector. É também de referir que, numa segunda linha de actividades económicas consideradas relevantes, não tão expressiva como o Turismo ou o Comércio, surgem a Agricultura/Pecuária (30,0%) e a Pesca (27,4%). Este entendimento é vital para a definição de objectivos para o desenvolvimento do turismo nacional e consequente estabelecimento de políticas de afectação de recursos, na medida em que constitui um indicador das prioridades da comunidade, da sua predisposição para aceitar mudanças e para se envolver activamente no processo de desenvolvimento turístico.

Paralelamente, constata-se que, na generalidade, os residentes manifestam uma visão optimista sobre o turismo em Cabo Verde, evidenciando que reconhecem mais os impactes positivos do turismo do que os negativos. Assim, de um total de 32 afirmações usadas para medir a atitude dos residentes neste país, as respostas a 21 (65,6%) destas questões são sugestivas de uma atitude mais positiva, 7 (21,9%) revelam indecisão e apenas 4 (12,5%) denotam uma atitude mais negativa.

Neste estudo foram identificados três grupos de representações sociais (*clusters*) do turismo, cujas principais características a seguir se referenciam. Os três *clusters* de residentes identificados no estudo foram designados por: “Residentes Optimistas” (55,6% dos casos), “Residentes Racionais” (17,6% dos casos) e “Residentes Indiferentes” (26,8% dos casos). De notar que os grupos têm dimensão muito diferente, sendo o dos “Residentes Optimistas” o que inclui o maior número de casos e o dos “Residentes Racionais” claramente o grupo com menor expressividade.

O *Cluster 1* é o que assume maior peso e corresponde aos “Residentes Optimistas”. Este *cluster* inclui os inquiridos que reconhecem menos os impactes negativos do turismo e mais os impactes positivos. Este grupo de residentes revela uma atitude claramente positiva perante o turismo e demonstra um grande optimismo na importância que esta actividade socioeconómica irá desempenhar no futuro deste país.

O *Cluster 2*, o menos expressivo, foi denominado de “Residentes Racionais”. Este grupo evidencia uma atitude positiva mas menos optimista comparativamente ao grupo anterior e tem uma visão mais reflectida e consciente sobre o estado actual do turismo em Cabo Verde. Em particular, à luz dos resultados alcançados neste estudo, verifica-se que os residentes incluídos neste *cluster* mostram-se preocupados no que tange aos custos e aos impactes negativos causados pelo turismo. Todavia, denotam uma atitude positiva perante os benefícios económicos do turismo, reconhecendo que este traz benefícios económicos, tanto para os residentes como para o país.

A visão ponderada deste grupo de residentes pode estar ligada a duas ordens de factores. A primeira prende-se com o facto deste segmento ser constituído, *grosso modo*, por indivíduos com elevado grau de formação académica e por estudantes. A segunda, com o facto de se registar um maior grau de envolvimento profissional deste grupo no sector do turismo, o que pode contribuir, de uma forma notória, para esta apreciação mais ponderada e reflectida.

O *Cluster 3* foi denominado de “Residentes Indiferentes”. Os elementos deste segmento, embora não reconheçam, na sua maioria, impactes positivos substanciais do turismo no Arquipélago, também não consideram que esta actividade seja responsável por custos ambientais e socioculturais. Em suma, trata-se de um *cluster* que inclui residentes que mostram alguma passividade ou indiferença face ao fenómeno turístico: a maioria não crê nos benefícios mas também não percebe os seus potenciais efeitos adversos.

À luz dos resultados da análise de *clusters* efectuada, observamos que a maioria dos cabo-verdianos evidenciam uma atitude francamente positiva face ao turismo em Cabo Verde. Concomitantemente, não foi encontrado nenhum grupo de residentes totalmente crítico ou que revelasse pessimismo sobre o actual estado do desenvolvimento do turismo no país. Na sua maioria, os indivíduos analisados mostram, pelo contrário, optimismo quanto ao futuro desta actividade socioeconómica.

Constata-se neste estudo, e fazendo ponte com a literatura consultada, que os resultados alcançados são animadores no que concerne ao crescimento do turismo em Cabo Verde e às atitudes positivas manifestadas pelos cabo-verdianos (Lankford, 1994; Smith e Krannich 1998; Lepp 2007; Gu e Wong, 2006). Por outro lado, as conclusões deste estudo são coerentes com o modelo desenvolvido por Doxey (1975), que sugere que os residentes manifestam uma atitude mais favorável nas fases iniciais de desenvolvimento do turismo numa determinada área-destino como é o caso de Cabo Verde. No entanto, o modelo de Doxey refere que a atitude dos residentes varia ao longo do tempo com o aumento do número de turistas.

Assim, no caso da presente dissertação, o inquérito aplicado em Cabo Verde reflecte a atitude dos residentes face ao desenvolvimento do turismo num momento concreto – Verão de 2007 – e nada garante que essa atitude tenha sido a mesma no passado ou venha a ser a mesma no futuro. Deste modo, a forma como as comunidades residentes percebem o turismo depende do estágio de desenvolvimento da própria actividade turística e do afluxo de turistas. Por isso, torna-se imperioso que, depois de se ter tomado consciência da importância dos *stakeholders* “residentes” para a sustentabilidade do turismo a longo prazo, haja uma monitorização periódica do mesmo.

Face aos impactos socioculturais e ambientais mencionados neste estudo é fundamental que haja em Cabo Verde uma política e estratégia concertadas com a atitude dos residentes para que se possa alcançar a sustentabilidade do turismo. Deste modo, seria importante que as futuras decisões no âmbito das políticas e estratégias do turismo tivessem em conta os resultados alcançados neste estudo pioneiro, de forma a permitir que a comunidade local seja salvaguardada nos aspectos sociais, ambientais e culturais. Estes resultados são importantes para o planeamento turístico na medida em que podem contribuir para a redução de potenciais conflitos que possam surgir entre os diferentes grupos de interesse.

Com este estudo, ficou patente a fraca ou nula participação da comunidade local cabo-verdiana no processo de planeamento turístico em Cabo Verde. Neste sentido, seria importante auscultar a comunidade local no sentido de obter *inputs* importantes para o processo de planeamento e desenvolvimento do turismo no Arquipélago. Como referem vários autores, o planeamento do turismo deve extravasar a redoma do sector público, como acontece em muitas comunidades, na medida em que existe uma necessidade

perene de a comunidade local participar activamente no processo de desenvolvimento do turismo e no seu planeamento (Andriotis, 2001, 2002; Botes e Van Rensburg, 2000; Craig e Mayo, 1995; Keogh, 1990; Marcuiller, 1997; Marien e Pizam, 1997; Painter, 1992; Sautter e Leisen, 1999; Sheldon e Abenoja, 2001; Shepherd e Bowler, 1997; Simmons, 1994; Smith, 1984; Timothy, 1998, 1999; Tosun, 2000; Watt, Higgins e Kendrick, 2000).

Tendo em conta que Cabo Verde é um destino turístico ilhéu, com todas as fragilidades e vulnerabilidades que lhe são inerentes, deve seguir uma política de desenvolvimento sustentável do turismo com uma ampla participação de todos os *stakeholders* de forma a mitigar os impactes negativos e potencializar os impactes positivos desta actividade socioeconómica.

6.3. Limitações e pistas para investigação futura

A presente dissertação não pretendeu ser um trabalho exaustivo em torno da temática da atitude dos residentes face ao turismo. Assim, por esta razão as limitações deste trabalho são de várias ordens. Em primeiro lugar porque o estudo debruçou sobre um único grupo – os residentes – não tendo examinado a atitude de outros *stakeholders* do destino como o sector público, o sector privado, os turistas, as Organizações Não Governamentais (ONG) ligadas ao sector, os *opinion leaders* do turismo cabo-verdiano, etc. É expectável que o conhecimento aprofundado das percepções e das atitudes dos principais *stakeholders* do destino turístico Cabo Verde, sejam importantes para o planeamento turístico e para a definição de linhas orientadoras para a gestão estratégica e sustentada do destino.

A presente dissertação não pretendeu ser um trabalho exaustivo em torno da temática da atitude dos residentes face ao turismo. Assim, por esta razão as limitações deste trabalho são de várias ordens. Em primeiro lugar, este estudo debruçou-se sobre um único grupo – os residentes – não tendo examinado a atitude de outros *stakeholders* do destino como o sector público, o sector privado, os turistas, as Organizações Não Governamentais (ONG) ligadas ao sector, os *opinion leaders* do turismo cabo-verdiano, etc. É expectável que o conhecimento aprofundado das percepções e das atitudes dos principais *stakeholders* do destino turístico Cabo Verde, seja também importante para o

planeamento turístico e para a definição de linhas orientadoras para a gestão estratégica e sustentada do destino.

Em segundo lugar, não foi feito nenhum estudo prévio ou mesmo a realização de um *focus group* com os *opinion leaders* do turismo cabo-verdianos que poderiam indicar alguns indicadores de atitudes que pudessem, posteriormente, serem validados pelo instrumento utilizado para a recolha de dados. Assim, os 32 indicadores de atitude utilizados no estudo empírico foram retirados de 5 referências literárias, indicados no ponto 4.3.

Em terceiro lugar, o estudo empírico que dá suporte a esta dissertação decorreu num único momento do tempo, o Verão de 2007. Sugere-se que, no futuro, novos estudos sejam realizados de modo a permitir uma comparação com os resultados apresentados neste trabalho. Um próximo estudo poderá tentar acrescentar ao instrumento de recolha da informação novas variáveis de análise, que possam permitir a sua melhoria e possibilitar a descoberta de novos factores que condicionam (influenciam) as atitudes dos residentes face ao turismo. Em suma, sugere-se a repetição de estudos no futuro, com o intuito de comparar e monitorar as atitudes dos residentes face ao turismo em fases subsequentes do ciclo de vida da actividade turística, tal como sugere o modelo “*Irritation Index*” desenvolvido por Doxey (1975).

No que concerne à investigação futura nesta área, recomenda-se que se desenvolva em Cabo Verde um estudo com o objectivo de examinar as atitudes dos principais *stakeholders* do turismo como forma de colmatar uma grande lacuna de investigação existente nesta área. Porém, seria pertinente que houvesse uma investigação nos próximos tempos para continuar a avaliar os resultados do presente estudo e analisar as questões levantadas aqui. Dada a evolução contínua e rápida da indústria do turismo, é possível que surjam novos impactes sobre as comunidades locais e uma maior interacção entre os residentes e os turistas (*host and guest relationship*). Em tais circunstâncias, futuras investigações sobre as atitudes dos residentes face ao turismo deverá ser muito mais significativo, necessário e exigente, porque sem o apoio da comunidade local, será difícil sustentar a longo prazo o desenvolvimento saudável e harmonioso do turismo em Cabo Verde.

Dada a evolução contínua e rápida da indústria do turismo, é possível que surjam novos

impactes sobre as comunidades locais e uma maior interacção entre os residentes e os turistas (*host and guest relationship*). Em tais circunstâncias, futuras investigações sobre as atitudes dos residentes face ao turismo tornar-se-ão ainda mais prementes, uma vez que sem o apoio da comunidade local, será difícil sustentar a longo prazo o desenvolvimento saudável e harmonioso do turismo em Cabo Verde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aerosa, J. (2007) Atitudes e Comportamento perante o Risco, [Online], disponível através do site: <http://cis.engenheiros.pt/2007/comunicoes.pdf> [último acesso: 22 de Fevereiro de 2008].
- Ajzen, M. e I. Fishbein (1980) *Understanding attitudes and predicting social behavior*, London: Prentice Hall.
- Albuquerque, L. e M.A.M, Santos (coord.) (2001) *História Geral de Cabo Verde*, Vol. I, 2ª Edição, Lisboa: IICT; Centro de Estudos e Cartografia Antiga; Praia: INIC. Instituto Nacional de Investigação Cultural.
- Alferes, V.R. (1997) *Investigação científica em psicologia: Teoria e prática*, Coimbra: Almedina.
- Allen, L.R., H.R. Hafer, P.T. Long e R.R. Perdue (1993) Rural residents' attitudes toward recreation and tourism development, *Journal of Travel Research*, 31(4) 27-33.
- Amaral, I. (2007) *Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens*, Edição fac-simile, editoras: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, Universidade do Algarve e Universidade de Cabo Verde.
- Andressen, B. e P.E. Murphy (1986) Tourism development in Canadian travel corridors: Two surveys of resident attitudes, *World Leisure & Recreation*, 28(5) 17-22.
- Andriotis, K. (2001) Tourism planning and development in Crete. Recent tourism policies and their efficacy, *Journal of Sustainable Tourism*, 9 (4), 298-316.
- Andriotis, K. (2002) Options in tourism development. Conscious versus conventional tourism. *Anatolia, An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, 13 (1), 73-85.
- Andriotis, K. (2003a). Coastal resorts morphology: The Cretan experience, *Tourism Recreation Research*, 28 (1), 67-76.
- Andriotis, K. (2005) Community Groups' Perceptions of and Preferences for Tourism Development: Evidence from Crete, *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 29 (1) 67-90.
- Andriotis, K. (2003b). Problems of island tourism development: The Greek insular regions, In Bramwell, B. (Ed.), *Coastal mass tourism: Diversification and sustainable development in southern Europe*, Clevedon, UK: Channel View.
- Andriotis, K. e D. R. Vaughan (2004). The tourism workforce and policy: Exploring the assumptions using Crete as the case study, *Current Issues in Tourism*.
- Ap, J. (1990) Residents perceptions research on the social impacts of tourism, *Annals of Tourism Research*, 17(4) 610-616.

- Ap, J. (1992) Residents perceptions on tourism impacts, *Annals of Tourism Research*, 19(4) 665-690.
- Ap, J. e J.L. Crompton (1993) Residents strategies for responding to tourism impacts, *Journal of Travel Research*, 32(1) 47-50.
- Ap, J. e J.L. Crompton (1998) Developing and testing a tourism impact scale, *Journal of Travel Research*, 37(2) 120-30.
- Apostolopoulos, Y. e D.J. Gayle (2002) From MIRAB to TOURAB? Searching for Sustainable Development in the Maritime Caribbean, Pacific, and Mediterranean, in Y. Apostolopoulos e D.J. Gayle (eds) *Island Tourism and Sustainable Development: Caribbean, Pacific, and Mediterranean Experiences*, Westport: Praeger.
- Andereck, K.I. e C.A. Vogt (2000) The Relationship Between Residents' Attitudes Toward Tourism and Tourism Development Options, *Journal of Travel Research*, 39 (1) 27-36.
- Archer, B. e C. Cooper (1994) The Positive and Negative Impacts of Tourism, in Theobald, W. (eds), *Global tourism: The Next Decade*, Butterworth-Heinemann, Oxford, UK, (73-91).
- Baldacchino, G. (eds.), (2006) *Extreme Tourism: lessons from the world's cold water islands*. Amsterdam: Elsevier.
- Batle, J. (2000) Rethinking Tourism in the Balearic Islands, *Annals of Tourism Research*, 27(2) 524-526.
- Banco de Cabo Verde (BCV) (2007) Relatórios do conselho de administração. Relatório e contas. Gerência de 2006, Cidade da Praia.
- Banco de Cabo Verde (BCV) (2008) Relatórios do conselho de administração. Relatório e contas. Gerência de 2007, Cidade da Praia.
- Bebiano, J.B. (1932b) Alguns aspectos económicos no Arquipélago de Cabo Verde, in *Boletim da Agência Geral das Colónias*, Ano VIII (nº 82) 3-20.
- Bebiano, J.B. (1932a) *A Geologia do Arquipélago de Cabo Verde*, Comunicação ao Serviço Geológico de Portugal, Lisboa.
- Belisle, F.J. e D.R. Hoy (1980) The perceived impact of tourism by residents: A case study of Santa Marta, Columbia, *Annals of Tourism Research*, 7(1) 83-101.
- Bertram, G. e R. Watters (1985) The MIRAB Economy and South Pacific Microstates, *Pacific Viewpoint*, 26(3) 497-519.
- Blasius, J. e V. Thiessen (2006) A Three-Step Approach to Assessing the Behavior of Survey Items in Cross-National Research, In Greenacre, M. & J. Blasius (eds), *Multiple Correspondence Analysis and Related Methods*, Chapman & Hall/CRC.

- Botes, L.J.S. e D. Van Rensburg (2000) Community participation in development: nine plagues and twelve commandments, *Community Development Journal*, 35(1), 41-58.
- Brayley, R., T. Var, e P. Sheldon (1989) Perceived Influence of Tourism on Social Issues, *Annals of Tourism Research*, 17(2) 285-287.
- Briguglio, L. e M. Briguglio (1996) Sustainable Tourism in the Maltese Islands, in *Sustainable Tourism in Islands & Small States: Case studies*, 1st Edition, Briguglio, L., R. Butler, D. Harrison, e W.L. Filho (eds), London: Pinter, (162-179).
- Brochado, A. (2002) A análise de cluster: técnica de classificação na análise espacial, In Costa, J. (eds) *Compêndio de Economia Regional*, Coimbra, Associação Portuguesa de Economia Regional, 742-765.
- Brougham, J.E. e R.W. Butler (1981) A segmentation analysis of resident attitudes to social impact of tourism, *Annals of Tourism Research*, 8(4) 569-590.
- Brown, G. e R. Giles (1994) Coping with tourism: an examination of resident responses to the social impact of tourism, in Seaton, A.V. (eds), *Tourism: The State of Art*. Chichester: Wiley, (755-764).
- Butler, R. (1993) Tourism development in small islands, past influences and future directions, in Lockhart, D. G., D.D. Smith (eds), *The Development Process in Island States*, London and New York, Routledge, (71-91).
- Butler, R. (1980) The Concept of a Tourist Area Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources, *Canadian Geographer*, 24(1) 5-12.
- Caneday, L. e J. Zeiger (1991) The social, economic, and environmental costs of tourism to a gambling community as perceived by its residents, *Journal of Travel Research*, 30(2) 45-49.
- Carvalho, H.M.B. (1998) *Variáveis qualitativas na análise sociológica: exploração de métodos multidimensionais*, Lisboa, ISCTE, tese de doutoramento.
- Cavus, S. e A. Tanrisevdi (2002) Residents attitudes toward tourism: A case study of Kusadasi, Turkey, *Tourism Analysis*, 7(3-4) 259-68.
- Clark, M.A., M. Riley, E. Wilkie e R.E. Wood (1998) *Researching and writing dissertations in hospitality and tourism*, London: International Thomson Business Press.
- Costa, C.M.M. (2001) *Novas Estratégias para o Turismo*, Comunicação no Seminário da AEP, Europarque Julho 2001.
- Cooke, K. (1982) Guidelines for socially appropriate tourism development in British Columbia, *Journal of Tourism Research*, 21(1) 22-28.
- Cooper, C., J. Fletcher, S. Wanhill, D. Gilbert and R. Shepherd (1993) *Tourism: Principles and Practice*, Pitman Publishing, London, UK.

- Craig, G. e M. Mayo (eds.) (1995) *Community Empowerment. A reader in participation and development*, London: Zed Books.
- Cunha, L. (2001) *Introdução ao turismo*, Lisboa-São Paulo, Editorial Verbo.
- Cunha, L. (2003) *Perspectivas e tendências do Turismo*, Edições Lusófonas, Lisboa.
- De Kadt, E. (1979) *Tourism: Passport to Development? Perspectives on the Social and Cultural Effects of Tourism in Developing Countries*, Oxford University Press, New York, USA.
- Dean, R. e C.T. Wu (1979) Assessing tourism's more complex consequences, *Annals of Tourism Research* 6(4) 448-463.
- Direcção Geral de Desenvolvimento Turístico (DGGT) (2004), *Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico*, Praia.
- Diamantis, D. (1999) The importance of environmental auditing and environmental indicators in islands, *Eco-Management and Auditing*, 6(1) 18-25.
- Doxey, G. (1975) A causation theory of visitor-residents irritants: methodology and research inferences, *The Impact of Tourism, Sixth Annual Conference Proceedings of the Travel Research Association*. San Diego, (195-198).
- Duffield, B. S. (1982) Tourism: the measurement of the economic and social impact, *Tourism Management*, 3(4) 248-255.
- Faulkner, B. e C. Tideswell (1997) A framework for monitoring community impacts of tourism, *Journal of Sustainable Tourism*, 5(1) 3-27.
- Fonseca, H.D. (1956) Sobre as crises de Cabo Verde durante os próximos 100 anos, *Boletim de Cabo Verde*, Praia.
- Finn, M.M., Elliott-White and M. Walton (2000) *Tourism & Leisure Research Methods – Data collection, analysis and interpretation*, Pearson Education Limited, Harlow.
- Getz, D. (1983) Capacity to Absorb Tourism. Concepts and Implications for Strategic Planning, *Annals of Tourism Research*, 10(2) 239-262.
- Getz, D. (1994) Residents attitudes towards tourism: A longitudinal study in Spey Valley, Scotland, *Tourism Management*, 15(4) 247-258.
- Girard, T.C. e W.C. Gartner (1993) Second home second view: Host community perceptions, *Annals of Tourism Research*, 20(4) 685-700.
- Greenacre, M. (1984) *Theory and Applications of Correspondence Analysis*, Academic Press, New York.
- Gu, M. e P.P. Wong (2006) Residents' Perception of Tourism Impacts: A Case Study of Homestay Operators in Dachangshan Dao, North-East China, *Tourism Geographies*, 8(3) 253-273.

- Guimarães, R.C. e J.S. Cabral (2007) *Estatística*, McGraw-Hill, Lisboa.
- Gursoy, D. e C. Jurowski (2002) *Resident attitudes in relation to distance from tourist attractions*, 33rd Annual Travel and Tourism Research Association Conference Proceedings, June 23-26, 2002, Arlington, Virginia [Online], disponível através do site: <http://www.ttra.com> [último acesso: 22 de Fevereiro de 2007].
- Hair, J., R. Anderson, R. Tathan e W. Black (1995) *Multivariate Data Analysis with Readings*, 4th Edition, New Jersey, Prentice-Hall.
- Haralambopoulos, N. e A. Pizam (1996) Perceived impacts of tourism. The case of Samos, *Annals of Tourism Research*, 23(3) 503-526.
- Harrill, R. (2004) Residents' attitudes toward tourism development: A literature review with implications for tourism planning, *Journal of Planning Literature*, 18(3) 251-266.
- Harrill, R. e T.D. Potts (2003) Tourism planning in historic districts: Attitudes toward tourism development in Charleston, *Journal of the American Planning Association*, 69(3) 233-44.
- Hester, R.T. (1993) Sacred structures and everyday life: A return to Manteo, NC, in Seamon, D. (eds), *Dwelling, seeing, and designing*, Albany: State University of New York Press.
- Hill, M.M. e A. Hill (2005) *Investigação por Questionário*, Edições Sílabo, Lisboa, 2^a Edição.
- Hillery, M., B. Nancarrow, G. Griffin e G. Syme (2001) Tourist perception of environmental impact, *Annals of Tourism Research*, 28(4) 853-867.
- Holden, A. (1994) Tourism: a commodity of opportunity for change, In Seaton, A.V. et al. (eds), *Tourism the State of Art*, Chichester: J. Wiley and Sons, 848-853.
- Husbands, W. (1989) Social status and perception of tourism in Zambia, *Annals of Tourism Research*, 16(2) 237-53.
- Instituto das Comunidades de Cabo Verde (2008) Diáspora em número, [Disponível através do site: www.ic.cv: 15 de Novembro de 2008].
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2001) *Recenseamento geral da população. Censos 2000*, INE, Praia, Cabo Verde.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2007) *Dados sobre a oferta e a procura turísticas cabo-verdiana*, Ficheiro cedido pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, Praia.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2008) *Dados sobre a oferta e a procura turísticas cabo-verdiana*, Ficheiro cedido pelo Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, Praia.
- Inskeep, E. (1991) *Tourism Planning: An Integrated and Sustainable Development*

Approach, Van Nostrand Reinhold, New York, USA.

- Ioannides, D. (1995) Planning for international tourism in less developed countries: Towards sustainability? *Journal of Planning Literature*, 9 (3), 235-259.
- INSULA (1998) Towards a new culture in islands, *Tourism and Sustainable Development – The island experience*.
- Jackson, M.S. e R.J. Inbakaran (2006) Evaluating residents' attitudes and intention to act towards tourism development in regional Victoria, Australia, *International Journal of Tourism Research*, 8 (5) 355-366.
- Jennings, G. (2001) *Tourism Research*, John Wiley & Sons Australia Ltd, Milton
- Jordan, J.W. (1980) The summer people and the natives: Some effects of tourism in a Vermont vacation village, *Annals of Tourism Research*, 7(1) 34-55.
- Jurowski, C., M. Uysal e D.R. Williams (1997) A theoretical analysis of host community resident reactions to tourism, *Journal of Travel Research*, 36(2) 3-11.
- Kang, Y.S., P.T. Long e R.R. Perdue (1996) Resident attitudes toward legal gambling, *Annals of Tourism Research*, 23(1) 71-85.
- Kathleen, L.A. e C.A. Vogt (2000) The Relationship between Residents' Attitudes toward Tourism and Tourism Development Options, *Journal of Travel Research*, 39(1) 27-36.
- Keogh, B. (1990) Public participation in community tourism planning, *Annals of Tourism Research*, 17(3), 449-65.
- King, I.M. (1981) *A theory for nursing: systems, concepts, process*, New York (NY): Wiley Medical Publications.
- Kitnuntaviwat, V. e J.C.S. Tang (2008) Residents' Attitudes, Perception and Support for Sustainable Tourism Development, *Tourism and Hospitality Planning & Development*, 5(1) 45-60.
- Korça, P. (1998) Resident perceptions of tourism in a resort town, *Leisure Sciences*, 20(3) 193-212.
- Kubrusly, L.S. (2001) Um procedimento para calcular índices a partir de uma base de dados multivariados, *Pesquisa Operacional*, 2(1) 107-117.
- Kuvan, Y. (2005) The Use of Forest for the Purpose of Tourism: The Case of Belek Tourism Center in Turkey, *Journal of Environmental Management*, 75(3) 263-274.
- Lakatos, E, e M. Marconi (1996) *Fundamentos de metodologia científica*, 3ª Edição, São Paulo: Editora Atlas,.
- Lankford, S.V. (1994) Attitudes and perceptions toward tourism and rural regional

- development, *Journal of Travel Research*, 32(2) 35-43.
- Lankford, S.V. (2001) A comment concerning “developing and testing a tourism impact scale”, *Journal of Travel Research*, 39(3) 315-316.
- Lankford, S.V. e D.R. Howard (1994) Developing a tourism impact attitude scale, *Annals of Tourism Research*, 21(1) 121-139.
- Lankford, S.V., B.P. Buxton, R. Hetzler e J.R. Little (1995) Response bias and wave analysis of mailed questionnaires in tourism impact assessments, *Journal of Travel Research*, 33(4), 8-13.
- Lattin, J., J. Carrol e P. Green (2003) *Analyzing Multivariate Data*, Toronto, Thomson.
- Lavado, N.F. (2004) *Análise em Componentes Principais Não-Linear*, Dissertação Mestrado não publicada, Instituto Superior de Estatística e Gestão, Universidade Nova de Lisboa.
- Lawson, R., J. Williams, T. Young e J. Cossens (1998) A comparison of residents' attitudes towards tourism in 10 New Zealand towns, *Tourism Management*, 19(3) 247-256.
- Lebart, L. (1994) Complementary use of correspondence analysis and cluster analysis, In, Greenacre, M. e J. Blasius (eds), *Correspondence Analysis in the Social Sciences*, San Diego, Academic Press.
- Lepp, A. (2007) Residents' attitudes towards tourism in Bigodi village, Uganda, *Tourism Management*, 28(3) 876-885.
- Likert, R. (1932) A Technique for the Measurement of Attitudes, *Archives of Psychology*, Nº 140
- Lindon, D., J. Lendrevie, J.V. Rodrigues e P. Dionísio (2000) *Mercator 2000: teoria e pratica de marketing*, 9ª edição, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Liu, J.C. e T. Var (1986) Resident attitudes toward tourism impacts in Hawaii, *Annals of Tourism Research*, 13(2) 193-214.
- Liu, J.C., P.J. Sheldon e T. Var (1987) Resident perception of the environmental impacts of tourism, *Annals of Tourism Research* 14(1), 17-34.
- Loewenthal, K.M. (2001) *An Introduction to Psychological Tests and Scale*, 2nd Edition, London: Psychology Press.
- Loukissas, P. (1982) Tourism's Regional Development Impacts: A Comparative Analysis of the Greek Islands, *Annals of Tourism Research*, 9(4) 523-541.
- MacCannell, D. (1976) *The Tourist: a New Theory of the Leisure Class*, Sulouker Books, New York, USA.
- Malhotra, N. (2006) *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*, 4ª ed. Porto Alegre, Bookman.

- Marcuiller, D.W. (1997) Toward integrative tourism planning in rural America, *Journal of Planning Literature*, 11(3), 337-358.
- Marien, C. e A. Pizam (1997) Implementing Sustainable Tourism Development Through Citizen Participation in the Planning Process, In Wahab, S. e J.J. Pigram (eds.), *Tourism Development and Growth: The Challenge of Sustainability*, (pp164-178), London: Routledge.
- Maroco, J. (2007) *Análise Estatística com Utilização do SPSS*, 3ª edição, Lisboa, Edições Sílabo.
- Martin, B., F. McGuire e L. Allen (1998) Retirees' attitudes toward tourism: Implications for sustainable development, *Tourism Analysis*, 3(1) 43-51.
- Martins, J.F. (2000) *Attitudes of Residents Towards Tourism in Madeira*, School of Management Studies for the Service Sectors, University of Surrey, England, PhD thesis.
- Mason, P. e J. Cheyne (2000) Residents' attitudes to proposed tourism development, *Annals of Tourism Research*, 27(2) 39-411.
- Mathieson, A. e G. Wall (1982) *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*, Longman Scientific & Technical, Harlow, UK.
- McCall, G. (2005) *Nissology: a debate and discourse from below* [Online], Centre for South Pacific Studies, University of South Wales, Australia, Disponível através do site: http://southpacific.arts.unsw.edu.au/resources/resource_nissology.htm. [Último acesso: 12 de Maio de 2007].
- McCool, S.F. e S.R. Martin (1994) Community attachment and attitudes toward tourism development, *Journal of Travel Research*, 32(2) 29-34.
- McGehee, N. e K. Andereck (2004) Factors Predicting Rural Residents' Support of Tourism, *Journal of Travel Research*, 43(2) 131-140.
- Milman, A. e A. Pizam (1988) Social impacts of tourism on Central Florida, *Annals of Tourism Research*, 15(2) 191-204.
- Moniz, A.I.S. (2006) *A Sustentabilidade do Turismo em Ilhas de Pequena Dimensão: o Caso dos Açores*, Tese de Doutoramento não publicada, Universidade dos Açores.
- Moscardo, D. (2000) The concept of attitude, in Jafari, J. (eds), *Encyclopedia of tourism*, Routledge World References.
- Murphy, P.E. (1985) *Tourism: A Community Approach*, Methuen, New York, USA.
- Murteira, M. (1988) *Os Estados de Língua Portuguesa na Economia Mundial, ideologias e práticas do desenvolvimento*, Editorial Presença, Lisboa.
- Organização Mundial do Turismo (OMT) (2001) *Apuntes de Metodología de la Investigación en Turismo*, Organización Mundial del Turismo, Madrid.

- Oppenheim, A.N. (1996) *Questionnaire design and attitude measurement*, (new ed.), London and New York: Printer Publishers.
- Painter, M. (1992) Participation in power, In, Munro-Clark, M. (ed.), *Citizen participation on government* (pp. 21-37). Sydney, Australia: Hale and Iremonger.
- Parasuraman, A., V.A. Zeithamal e L.L. Berry (1988) A SERVQUAL: multiple-item scale for measuring consumer perceptions of service quality, *Journal of Retailing*, 64 (1), 12-40.
- Park, R.E. e E.W. Burgess (1921) *Introduction to the Science of Sociology*, Chicago: University of Chicago Press.
- Pearce, D.G. (1989) *Tourist Development*, 2nd Edition, Longman Scientific & Technical, Harlow, UK.
- Pearce, J.A. (1980) Host community acceptance of foreign tourists: Strategic considerations, *Annals of Tourism Research*, 7(2) 224-33.
- Pearce, P.L. (1995) From Culture Shock and Culture Arrogance to Culture Exchange: Ideas Towards Sustainable Socio-cultural Tourism, *Journal of Sustainable Tourism*, 3(3) 143-154.
- Pearce, P.L., G. Moscardo e G.F. Ross (1996) *Tourism Community Relationships*. Oxford: Pergamon.
- Pena, J.R. (2003) Um programa de acções estratégicas para reforçar a competitividade do turismo em Portugal, *Economia & Prospectiva*, Ministério da Economia, Lisboa.
- Perdue, R.R., T.P. Long e L. Allen (1990) Resident Support for Tourism Development, *Annals of Tourism Research*, 17(4) 586-599.
- Pereira, H.G. (2008) Prefácio, in Carvalho, H., *Análise Multivariada de Dados Qualitativos: utilização da Análise de Correspondências Múltiplas com SPSS*, Lisboa, Edições Sílabo, 9-11.
- Pestana, M. H. e J.N. Gageiro (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS*, 5^a Edição, Edições Sílabo.
- Pizam, A. (1978) Tourism's impacts: the social costs to the destination community as perceived by its residents, *Journal of Travel Research*, 16(4) 8-12.
- Pizam, A. e J. Pokela (1985) The perceived impacts of casino gambling on a community, *Annals of Tourism Research*, 12(2) 147-65.
- Pizam, A., 1994, Planning a Tourism Research Investigation, in Ritchie and Goelder (eds) *Travel, tourism and Hospitality Research*, John Wiley & Sons, New York, 2nd Edition.
- Prentice, R. (1993) Community-driven tourism planning and residents' preferences,

- Tourism Management*, 14(3) 218-27.
- Reis, E. (1997) *Estatística Multivariada Aplicada*, Lisboa, Edições Sílabo.
- Riley, M. (1996) *Human resource management in the hospitality and tourism industry*, 2nd Edition, Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Ritchie, J. e M. Zins (1978) Culture as Determinant of the Attractiveness of a Tourism Region, *Annals of Tourism Research*, 5 (2), 252-267.
- Ritzdorf, M. (1995) Feminist contributions to ethics and planning theory, In Hendler, S. (eds), *Planning ethics: A reader in planning theory, practices, and education*, New Brunswick, NJ: Center for Urban Policy Research.
- Ritzer, G. (1996) *Sociological theory*, 4th Edition, New York: McGraw-Hill.
- Ross, G.F. (1992) Resident perceptions of the impact of tourism on an Australian city, *Journal of Travel Research*, 30(3) 13-17.
- Rossi, P.H., J.D. Wright e A.B. Anderson (eds.) (1993) *Handbook of survey research*, New York: Academic Press.
- Ryan, C. e D. Montgomery (1994) The attitudes of Blakewell Residents to tourism and issues in community responsive tourism, *Tourism Management*, 15(5), 358–369.
- Sautter, E. T. e B. Leisen, (1999) Managing stakeholders. A tourism planning model. *Annals of Tourism Research*, 26(2), 312-328.
- Sheldon, P.J. e T. Abenoja (2001) Resident attitudes in a mature destination: the case of Waikiki, *Tourism Management*, 22(5), 435-443.
- Sheldon, P.J. e T. Var (1984) Resident attitudes to tourism in North Wales, *Tourism Management*, 5(2), 40-47.
- Shepherd, A. e C. Bowler, (1997) Beyond the requirements: Improving public participation in EIA, *Journal of Environmental Planning and Management*, 40(6), 725-738.
- Silva, J.A., J.C. Mendes e M.M. Guerreiro (2001) *Construção de Indicadores de Avaliação da Qualidade no Turismo*, Universidade do Algarve, Lisboa, Direcção Geral do Turismo.
- Simmons, D.G. e J.R. Fairweather (1998) *Towards a Tourism plan for Kaikoura*, Report n° 10, Tourism Research and Education Center, Lincoln University, New Zealand.
- Simmons, D. G. (1994) Community participation in tourism planning, *Tourism Management*, 15(2), 98-108.
- Smith, L. G. (1984) Public participation in policy making: The state-of-the-art in Canada, *Geoforum*, 15(2), 253-259.

- Smith, V.L. (1989) *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, 2nd Edition, University of Pennsylvania Press, Philadelphia, USA.
- Smith, M.D. e R.S. Krannich (1998) Tourism dependence and resident attitudes, *Annals of Tourism Research*, 25(4) 783-802.
- Snaith, T. e A. Haley (1999) Resident's opinions of tourism development in the historic city of York, England, *Tourism Management*, 20(5) 595-603.
- Soutar, G. e P.B. McLeod (1993) Residents' perceptions on impact of the America's Cup, *Annals of Tourism Research*, 20(3) 571- 82.
- Squire, S. (1996) Literary tourism and sustainable tourism? Promoting 'Anne of Green Gables' in Prince Edward Island, *Journal of Sustainable Tourism* 4(3) 119-34.
- Swarbrooke, J. (1993) Local authorities and destination marketing, *Insights*, 7(7) 15-20.
- Teixeira, A.J.L. (2006) *Tipologia Sócio-económico das Freguesias da Região do Algarve, 1991-2001*, Tese de Mestrado não publicada, Universidade do Algarve.
- Teo, P. (1994) Assessing Socio-cultural Impacts: The Case of Singapore, *Tourism Management*, 15(2), 126-136.
- Thomason, P., J.L. Crompton e B.D. Kamp (1979) A study of the attitudes of impacted groups within a host community toward prolonged stay tourist visitors, *Journal of Travel Research*, 17(3) 2-6.
- Tomljenovic, R. e B. Faulkner (1999) Tourism and older residents in a sunbelt resort, *Annals of Tourism Research*, 27(1) 93-114.
- Timothy, D.J. (1998) Co-operative tourism planning in a developing destination, *Journal of Sustainable Tourism*, 6(1), 52-68.
- Timothy, D.J. (1999) Participatory planning: A view of tourism in Indonesia, *Annals of Tourism Research*, 26(2), 371-391.
- Tosun, C. (2000). Limits to community participation in the tourism development process in developing countries, *Tourism Management*, 21(3), 413-633.
- Tyrell, T.J. e I.A. Spaulding (1984) A survey of attitudes toward tourism growth in Rhode Island, *Hospitality Education and Research Journal*, 8(2) 22-33.
- Um, S. e J.L. Crompton (1987) Measuring Resident's Attachment Levels in a Host Community, *Journal of Travel Research*, 26(1) 27-29.
- United Nations (UN) (2005) *Mauritius declaration: International Meeting to Review the Implementation of the Programme of Action for the Sustainable Development of Small Island Developing States*, Port Louis, Mauritius, 10-14 January.
- Var, T., K.W. Kendall e E. Tarakcioglu (1985) Resident attitudes towards tourism in a Turkish town, *Annals of Tourism Research*, 12(4) 652-658.

- Veal, A.J. (1997) *Research Methods for Leisure and Tourism – A Practical Guide*, 2nd Edition, Pearson Education, Harlow.
- Vesey, C.M. e F. Dimanche (2000) *Urban residents' perceptions of tourism and its impacts*, unpublished manuscript, University of New Orleans, LA.
- Wang, Y., R.E. Pfister e D.B. Morais (2006) Residents' attitudes toward tourism development: a case of study of Washington, NC. *Proceedings of the North Eastern Recreation Research Symposium GTR-NRS.*
- Watt, S., C. Higgins e A. Kendrick (2000) Community participation in the development of services: A move towards community empowerment, *Community Development Journal*, 35(2), 120-132.
- Williams, D.R., C.D. McDonald, C.M. Riden e M. Uysal (1995) Community attachment, regional identity and resident attitudes toward tourism development, 26th annual conference proceedings of the Travel and Tourism Research Association, Acapulco, Mexico: *Travel and Tourism Research Association*, 424-31.
- World Tourism Organization (WTO) (2001) *Workshop on Sustainable Tourism Indicators for the Islands of the Mediterranean – Final report*, Kukljica, Island of Ugljan Croatia, 21-23 March.
- World Tourism Organization (WTO) (2004) *Indicators of Sustainable Development for Tourism Destinations – a Guidebook*. Madrid, WTO.
- Zhang, J., R. Inbakaran e M. Jackson (2006) Understanding community attitudes towards tourism and host-guest interaction in the urban-rural border region, *Tourism Geographies*, 8(2) 182-204.
- Zikmund, W. (1997) *Exploring Marketing Research*, 6th Edition, The Dryden Press.

ANEXO 1

Questionário à População Residente em Cabo Verde



Questionário à População Residente em Cabo Verde

Bom dia / Boa tarde / Boa noite, o meu nome é Manuel Alector Ribeiro, sou aluno do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo da Universidade do Algarve. Para a elaboração da minha dissertação de mestrado estou a realizar um estudo com objectivo de conhecer a opinião dos residentes sobre o turismo em Cabo Verde. Agradeço desde já toda a sua colaboração que me possa prestar e informo que os dados que irá fornecer terão tratamento estatístico e permanecerão confidenciais.

I Parte – Elemento de Identificação

Q1 – Identificação do indivíduo seleccionado

Sexo: Masculino..... <input type="checkbox"/> Feminino..... <input type="checkbox"/> Idade: __ __ Anos Estado Civil: Solteiro..... <input type="checkbox"/> Casado/vive com companheiro... <input type="checkbox"/> Outro..... <input type="checkbox"/> Número de pessoas no agregado familiar: __ __	Naturalidade (<i>Concelho de residência</i>) _____ Nível de Escolaridade: Analfabeto..... <input type="checkbox"/> Ensino Básico..... <input type="checkbox"/> 1º Ciclo Ensino secundário..... <input type="checkbox"/> 2º Ciclo Ensino secundário..... <input type="checkbox"/> 3º Ciclo Ensino secundário..... <input type="checkbox"/> Ensino Médio..... <input type="checkbox"/> Ensino Superior..... <input type="checkbox"/> Tem estudos em turismo? Sim..... <input type="checkbox"/> Não..... <input type="checkbox"/>
--	--

Q2 – Acerca do seu trabalho:

Q2.1 – Qual é o seu caso na lista que se segue?

- a) Exerce actividade profissional.....
- b) Desempregado.....
- c) Doméstica.....
- d) Estudante.....
- e) Reformado.....
- f) Outra. Qual? _____

Se respondeu “Exerce actividade profissional”, “Desempregado” ou “Reformado” indique a profissão principal (actual ou anterior se não estiver a trabalhar presentemente)?

Q2.2 – Trabalhou no estrangeiro?

- a) Sim.....
- b) Não..... → Passe para **Q3**
- c) Se sim, Onde? (país (es)) _____
- d) Actividade desenvolvida? _____

e) Período de trabalho (nº anos)? | ___ | ___ |

Q3 – Residiu sempre neste concelho? (*marque uma só resposta*)

a) Sim..... → Passe para **Q4**

b) Não.....

Q3.1 – Há quanto tempo mudou de residência para este concelho? (Anos) | ___ | ___ |

Q3.2 – Qual foi o motivo principal na mudança de residência?

Q4 – Actualmente habita em: (*marque uma só resposta*)

a) Casa própria.....

b) Casa arrendada.....

c) Outra situação? (*discrimine*) _____

II Parte – Grau de Envolvimento no sector do turismo

Q5 – Ganha a sua vida no turismo?

a) Sim.....

b) Não.....

Q5.1 – Se respondeu sim qual a categoria?

a) Empregado.....

b) Empresário.....

Q6 – Tem algum contacto directo com turistas como parte do seu trabalho?

a) Sim.....

b) Não.....

Q7 – O turismo é a principal fonte de rendimento do seu agregado familiar?

a) Sim.....

b) Não.....

Q8 – Tem algum familiar próximo relacionado com o turismo como fonte de rendimento ou emprego?

a) Sim.....

b) Não.....

III Parte – Comportamento perante a viagem

Q9 – Nos últimos 2 anos, efectuou alguma viagem para fora da ilha onde reside? (*marque uma só resposta*)

a) Sim.....

b) Não..... → Passe para **Q10**

Q9.1 – Se efectuou uma viagem nos últimos dois anos, qual foi o motivo da viagem: (*marque todas as indicadas*).

a) Férias/Lazer.....

b) Visitas a amigos e familiares.....

c) Negócios/Motivos profissionais (conferências, congressos, exposições, etc.)

d) Eventos culturais/desportivos.....

e) Outro. Qual? _____

Q9.2 – Nesta sua viagem, viajou para onde: (marque todas as indicadas)

a) Para outra (s) ilha (s) de Cabo Verde (discrimine a ilha(s)) _____

Para o estrangeiro? (discrimine o país) _____

IV Parte - Percepção sobre o turismo em Cabo Verde

Q10 – Diga-me, por favor, qual a sua percepção sobre o desenvolvimento actual do turismo no país?

1) Muito fraco.....

2) Fraco.....

3) Razoável.....

4) Bom

5) Muito Bom.....

Q11 – Indique, por favor, as actividades económicas que apresentam maior potencial de crescimento no país?

a) Agricultura e Pecuária.....

b) Pesca.....

c) Turismo.....

d) Comércio.....

e) Indústria.....

f) Serviços.....

g) Outro? _____

V Parte – Expectativa sobre o turismo em Cabo Verde nos próximos anos

Q12 – Diga-me, por favor, qual é a importância que a actividade turística vai desempenhar, em Cabo Verde, nos próximos anos?

1) Muito menos.....

2) Menos.....

3) A mesma.....

4) Mais.....

5) Muito mais

Q13 – As seguintes considerações relacionam-se com áreas prioritárias a ser desenvolvidas. Na sua opinião, qual ou quais das seguintes áreas merece maior atenção para o desenvolvimento do turismo na ilha?

a) Infra-estruturas.....

b) Educação/Formação.....

c) Ambiente.....

d) Saneamento.....

e) Melhoraria/conservação do património.....

f) Energia e água.....

Outros? _____

VI - Atitudes

Q14 – Diga-me, por favor, qual a sua opinião relativamente a cada uma das seguintes afirmações? Assinale apenas uma das hipóteses de resposta para cada atributo.

	Discordo Plenamente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Plenamente
1. O turismo permite criar emprego para os residentes do meu concelho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Há mais oportunidade de negócio no meu concelho devido ao desenvolvimento do turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. O aumento do rendimento gerado pelo turismo tem contribuído para melhorar a qualidade de vida da população do meu concelho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Eu tenho mais dinheiro para gastar devido ao turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. O turismo provoca a subida dos preços dos bens e das propriedades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. O comércio melhorou no meu concelho por causa do turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. O turismo tem sido responsável por alterações na paisagem e no desaparecimento de plantas, animais, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. O turismo tem contribuído para o aumento da poluição do ambiente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Tem havido uma preocupação em melhorar a qualidade do ambiente e o ordenamento do território no meu concelho por causa do turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Há mais lixo no concelho por causa do turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Em geral, os turistas que chegam a Cabo Verde não têm respeito pelas nossas tradições, património cultural e religioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. O turismo ajuda a preservar a cultura e estimula o artesanato local.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu tenho acesso a melhores equipamentos desportivos, culturais e de lazer por causa do desenvolvimento do turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. O turismo tem provocado a deterioração de locais de interesse histórico, arquitectónico e cultural.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. A qualidade das infra-estruturas e dos serviços públicos tem melhorado devido ao aumento do turismo (ensino, transportes, estradas, etc.).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. A construção de hotéis está a afectar a qualidade estética do ambiente, por não haver um adequado planeamento e ordenamento do território.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. O turismo tem contribuído para a qualificação dos recursos humanos e introdução de novas tecnologias no país.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Discordo Plenamente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Plenamente
18. O turismo tem agravado os problemas sociais da droga, violência, alcoolismo e prostituição no país.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. O turismo aumenta a insegurança e a criminalidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. O turismo perturba o comportamento dos residentes, principalmente dos mais jovens, levando à perda da identidade cultural da população.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Eu gosto muito dos turistas desde que eles não venham para ficar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os residentes não têm acesso conveniente às principais atrações turísticas (praias, parques, etc.) por causa dos turistas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu penso que os turistas deveriam pagar mais impostos que os residentes pelos serviços que usam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. O turismo tem agravado as desigualdades sociais, porque os benefícios económicos do turismo são limitados a poucas pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu sinto que participo no processo de tomada de decisão quanto ao desenvolvimento do turismo no meu concelho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. O planeamento do turismo a longo prazo pelas autoridades nacionais e locais pode contribuir para maximizar os benefícios e para minimizar os impactes negativos do turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. A maior parte dos bens e serviços utilizados no turismo são importados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. A maior parte das empresas turísticas do meu concelho pertence e é gerida por habitantes locais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Eu penso que o turismo está a crescer demasiado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Cabo Verde está demasiado dependente do turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Tem-se dado demasiada importância ao turismo em Cabo Verde.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. As ligações aéreas para Cabo Verde são boas devido ao turismo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

FIM

APÊNDICE A

Tabela A.1 – Amostra inicial por quotas da população residente, dos 18 ou mais anos, por sexo e grupos etários.

Concelhos	De 18 a 34 anos			De 35 a 54 anos			De 55 ou mais anos			Total		
	FM	F	M	FM	F	M	FM	F	M	FM	F	M
Tarrafal	20	11	9	11	7	4	9	6	3	40	24	16
Praia	123	64	59	71	39	32	31	18	13	225	121	104
Sal	17	7	10	9	4	5	4	2	2	30	13	17
S. Vicente	75	37	38	42	21	21	28	17	11	145	75	70
São Filipe	27	14	13	20	12	8	13	7	6	60	33	27
Total	262	133	129	153	83	70	85	50	35	500	266	234

Observação: Na elaboração deste quadro foi utilizada a distribuição percentual dos Censos 2000 (INE, 2001).